



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA

“ESCULPINDO NA ALMA DO POVO A IMAGEM VIVA DE CRISTO”:  
a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA

“ESCULPINDO NA ALMA DO POVO A IMAGEM VIVA DE CRISTO”:  
a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J.

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral.

RECIFE/2009

O48e Oliveira, Marlon Anderson de  
“Esculpindo na alma do povo a imagem viva de Cristo”:  
a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J./ Marlon Anderson de  
Oliveira; orientador Newton Darwim de Andrade Cabral, 2009.  
165 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco.  
Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da  
Religião, 2009.

1. Religiosidade. 2. Catolicismo. 3. Devoção. 4. Igreja. 5. Fé. 6.  
Geraedts, Francisco. I Título.

CDU 2:398

MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA

“ESCULPINDO NA ALMA DO POVO A IMAGEM VIVA DE CRISTO”:  
a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J.

Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sylvana Maria Brandão de Aguiar – UFPE

---

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos – UNICAP

---

Prof. Dr. Newton Darwim de Andrade Cabral – UNICAP  
Orientador

*“Somente os fortes conquistam os altos cumes, porque sabem escalar a montanha passo a passo, e lentamente vencer os percalços. Toda subida exige esforços, perseverança e coragem. Aqueles que temem os desafios ou que antecipam o fracasso são vencidos pelo descrédito em si mesmo e serão, na certa, derrotados. Pois, antes, de tudo, é a força interior que nos faz capazes de vencer!”*

*A Deus, vivificado na presença de Cristo e de seu Espírito de Amor, a Nossa Senhora e a São José da Agonia, que sempre intercederam por mim nos momentos mais difíceis da longa jornada.*

*Dedico, de modo particular, este trabalho a minha Família: Fernando José da Silva, Maria Luiza de Oliveira, Maria Francinete de Oliveira, Gilson da Silva Brasil, Marcos André de Oliveira, Manoel Santana de Oliveira Filho, Ivone Maria Sobral de Oliveira, Maria Ivone de Oliveira Brito, Josenildo Tavares de Brito, Manoel Tavares de Brito Neto, Kleyton Manoel Sobral de Oliveira, Jennifer Daniele Sobral de Oliveira.*

*A todos os meus amigos, particularmente a Marcos Antonio da Silva, Ubirajara Alexandre da Silva e Veroneide Jeane Fagundes Farias. Dedico, de modo especial, este trabalho, ao meu grande incentivador, um pai, amigo e irmão, o Pe. José Tadeu Rocha de Moura, que, com seu entusiasmo, colaborou para o êxito desta conquista.*

*Às comunidades paroquiais de Água Preta e Colônia Leopoldina.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

A meus pais, Fernando José da Silva, Maria Luiza de Oliveira (Avó-Mãe) e Maria Francinete de Oliveira (Mãe), pela dedicação e amor que me deram, pela formação humana e cristã, pelos valores e princípios transmitidos.

Ao Programa do Mestrado em Ciências da Religião, pela concretização de um projeto de vida, um sonho realizado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Newton Darwin de Andrade Cabral, pela amizade, companheirismo, dedicação, sinceridade e, acima de qualquer coisa, pelo profissionalismo.

A todos os professores do Mestrado em Ciências da Religião, pelo respeito e disponibilidade, em especial a Zuleica Dantas Pereira Campos, Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, Luiz Carlos Luz Marques, Pe. Ferdinand Azevedo, Marcos Roberto Nunes Costa e Gilbraz de Souza Aragão.

À Província Setentrional do Norte-Nordeste da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, pelo acolhimento, disponibilidade e carinho com que fui tratado; agradeço a todos invocando os nomes dos padres José Calixto Ferreira de Araújo e Dagnaldo Alexandre de Oliveira (Superior).

À Paróquia de São José da Agonia, de Água Preta, na pessoa do seu vigário, o Pe. José Tadeu Rocha de Moura, pela confiança e incentivo em todos os momentos.

À Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, de Colônia Leopoldina, na pessoa do seu pároco, o Pe. Bernardo, pela acolhida e pelo incentivo.

Aos colegas de turma de mestrado, pelos momentos preciosos de nossa convivência, em especial a Jardson Lemos, Ijaciara Barros e Maria Geane.

A todos os entrevistados, pela acolhida, disponibilidade e boa vontade expressas ao colaborarem com a concretização deste projeto.

A Patrícia Ranielle da Silva, companheira das horas mais difíceis, pessoa com quem quero partilhar os momentos mais felizes de minha vida.

## RESUMO

A proclamação da República, no Brasil, ocasionou mudanças na relação entre a Igreja e o Estado, dentre as quais a dissolução do Padroado. O Estado se outorgou laico, e a Igreja passou a ser uma instituição independente. Em consequência, a Igreja foi fortemente influenciada pelo movimento da romanização, caracterizado por um maior controle da Cúria Romana sobre a Igreja no Brasil. Ao mesmo tempo em que se desenvolveu um catolicismo romanizado, expressões de fé e devoções populares multiplicaram-se em diversas localidades do país, exigindo novos direcionamentos por parte da Igreja. Nesse contexto, foi marcante a atuação de algumas congregações, como a dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, de quem analisamos a ação pastoral desenvolvida por um de seus membros: o Pe. Francisco Geraedts. Com carisma, criatividade e dinamismo, ele realizou um trabalho diferenciado nas Paróquias de Colônia Leopoldina (AL) e Água Preta (PE). O incentivo às devoções e à arte, aliado ao seu espírito missionário, foram importantes elementos na ação desse sacerdote, que, até os dias atuais, para as pessoas daquelas comunidades, é considerado um santo popular.

**Palavras-chave:** Igreja, romanização, catolicismo popular, modelos eclesiais, carisma.



## ABSTRACT

In Brazil, the proclamation of the Republic triggered changes between the Church and State, one of the most important being the dissolution of the “Padroado”. The State became secular and the Church, an independent institution. As a consequence, the Church was strongly influenced by the romanization movement, characterized by more control of the Roman Cúria on the Church in Brazil. Simultaneously with the development of romanized catholicism, expressions of faith and popular devotions multiplied in various places in the country, necessitating new directives by the Church. In this context, the work of some congregations like the Fathers of the Sacred Heart of Jesus was remarkable. Our study analyzes the pastoral work of one of their members, Fr. Francisco Geraedts. With carism, creativity and dynamism, he accomplished a formidable work in the Parishes of Colônia Leopoldina (AL) and Água Preta (PE). The incentive to devotions and the arts, united to his missionary spirit were important components in the activities of this Priest who even today, is considered to be a popular saint by the people of those communities.

**Key words:** Church, romanization, popular catholicism, ecclesiastical models, carism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO DO CATOLICISMO BRASILEIRO: mudanças e rupturas na condução e organização na Igreja do Brasil durante o Século XIX.....	18
1.1 A relação entre a Igreja e o Estado: mudanças, rupturas e continuidades.....	18
1.2 A criação da Paróquia de Água Preta .....	30
1.3 A Romanização: do movimento renovador à Questão Religiosa .....	32
2 SOB A ÉGIDE DO CATOLICISMO POPULAR: a ação do Pe. Francisco Geraedts .....	56
2.1 Padre Francisco Geraedts: a Congregação e as motivações .....	56
2.2 Colônia Leopoldina (1913 a 1927) .....	72
2.3 A Igreja nos primeiros momentos do Século XX: um olhar sobre o catolicismo popular .....	95
3 A MISSÃO NA PARÓQUIA DE ÁGUA PRETA .....	108
3.1 Evangelização e promoção social em um contexto de crise Política econômica .....	108
3.2 A arte, os milagres e a experiência religiosa do povo .....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	149
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE – Relação dos entrevistados.....	158
ANEXO A - Caderno iconográfico .....	160

## INTRODUÇÃO

Uma religião universal define-se por sua abertura a todos. A um bom pesquisador empírico, porém, logo se faz claro que essa é uma definição mínima que, por isso mesmo, pede um complemento essencial: o individualismo abstrato, ou mais, precisamente, abstraidor.<sup>1</sup>

A religião é um elemento que está presente na história das sociedades humanas, desde os tempos mais antigos até os dias atuais. Presente na construção do processo histórico das sociedades, a religião se configurou como um instrumento de poder e, ao mesmo tempo, como um mecanismo que congregava em torno de uma divindade ou de uma personalidade, diversos contingentes humanos. Estudar a diversidade existente no universo religioso é um desafio complexo, que exige esforço, dedicação e muito zelo, pois o universo da religião é abrangente. É na diversidade das crenças, dos ritos e mitos, que podemos perceber a beleza das múltiplas manifestações do sagrado.

O sagrado se configura como a essência da religião. As manifestações do sagrado, contidas nas religiões, tornam-se campo de pesquisa para aqueles que desejam conhecer, de modo mais apurado, as evidências que envolvem o fenômeno religioso. Nesse contexto, o campo epistemológico das Ciências da Religião proporciona ao pesquisador a possibilidade de estudar, compreender e partilhar as descobertas acerca da religião, de suas características e de sua relação com as sociedades.<sup>2</sup>

Inserida no âmbito das Ciências da Religião, a História, com seus métodos e pressupostos de análise, contribui para a construção de um conhecimento concreto. Como enfatiza Leonardo Arantes Marques, “o historiador das religiões deve ser comprometido com o conhecimento e não com verdades absolutas”.<sup>3</sup> A interpretação do fenômeno religioso inicia-se com a compreensão da história, do processo pelo qual se constituiu a manifestação analisada. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências sociais e religião. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 28.

<sup>2</sup> PONDÉ, Luiz Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. *In*: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciências (s) da religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 11-66.

<sup>3</sup> MARQUES, Leonardo Arantes. **História das religiões e a dialética do sagrado**. São Paulo: Masdras, 2005, p. 11.

compreendemos que a história das religiões não é uma mera disciplina, é uma ferramenta de suma importância para explicar todo tipo de encontro do homem com o sagrado, desde a pré-história até os dias atuais.<sup>4</sup>

Em Ciências da Religião trabalhamos diretamente com o campo simbólico presente na dimensão do sagrado. Durante a construção deste trabalho procuramos investigar aspectos do imaginário das pessoas que conviveram com o Padre Francisco Geraedts; desta forma, nossa metodologia concentrou-se na investigação do imaginário. O simbólico permeou a compreensão das pessoas que puderam acompanhar a ação pastoral do Pe. Francisco. Eliade explica que

a ideia religiosa da verdade absoluta é simbolicamente expressa, entre tantas outras imagens, pela figura de um fruto miraculoso que confere, ao mesmo tempo, imortalidade, onisciência e onipotência e que é capaz de transformar os homens em deuses.<sup>5</sup>

Nosso trabalho tem a história como disciplina auxiliar básica, e nesta, fica na fronteira entre a história social e a cultural. A história cultural privilegia a experiência humana e os desdobramentos ocorridos nas diversas relações efetuadas em sociedade. É a partir deste prisma que os fatos sociais são estudados, pondo em evidência experiências que antes passavam despercebidas aos olhos do observador, como enfatiza Hebe Castro: “A história social mantém, entretanto, seu texto básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos coletivos – sociais – na explicação histórica”.<sup>6</sup> No que se refere aos aspectos culturais, nossa pesquisa procurou analisar como a religião influencia a formação cultural das comunidades nas quais está inserida, como o religioso se confunde com o humano, configurando, assim, manifestações de uma cultura rica e diversificada, que precisa ser cada vez mais vitalizada, tornado-se campo fértil para pesquisa sobre culturas e mentalidades.<sup>7</sup>

Tal perspectiva está presente também na escolha do título do nosso trabalho. Sabemos ser impossível mensurar a dimensão nele contida. No entanto, o universo simbólico das religiões não é mensurável, como o são aspectos diversos de outros campos do conhecimento. Ainda com relação ao título, a sua escolha se

---

<sup>4</sup> MARQUES, 2005, p. 15.

<sup>5</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 124.

<sup>6</sup> CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Dominios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 54.

<sup>7</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, VAINFAS, 1997, p. 162.

deveu também ao fato de ser uma frase atribuída ao Pe. Francisco acerca de sua própria ação, presente na memória de entrevistados, conforme evidenciado no texto.

Durante a segunda metade do Século XIX, a Igreja Católica no Brasil vivenciou um momento de significativas mudanças em sua condução e organização. Um novo modelo eclesial foi gestado a partir de um movimento iniciado na Europa, chamado de Romanização. A romanização do catolicismo brasileiro serviu de via para que, no início do século XX, essas mudanças fossem colocadas em prática. A grande consequência disso foi o desenvolvimento de uma nova trajetória histórica que marcou a atuação da Igreja Católica no Brasil no novo século, o que trouxe consigo, guerras e desigualdades.

Neste contexto de mudanças vividas pela Igreja, desenvolveram-se algumas devoções consideradas populares, que deram ao catolicismo do Brasil uma nova conotação: o catolicismo popular. Segundo José Comblin, no Brasil, nunca existiu um catolicismo puro, mas, sim, “catolicismos”.<sup>8</sup> Esses catolicismos passaram a conviver com um controle mais evidente da hierarquia da Igreja, que, desde os últimos anos do século XIX, mantinha um contato mais próximo com a Sé Romana, fazendo com que as diretrizes vindas do Vaticano fossem, de forma imediata, introduzidas na ação pastoral da Igreja no Brasil.

A ação pastoral da Igreja no Brasil apresentou, durante o século XX, uma relação de aproximação entre a Romanização e o Catolicismo Popular, sem que houvesse, de fato, um conflito direto entre as duas modalidades. Naquele período, novas iniciativas se desenvolveram, e a Igreja, após a separação oficial do Estado, adotou uma nova dinâmica em suas estratégias de evangelização, visando a consolidar a estrutura católica que, desde os primeiros momentos da história nacional, estava presente no Brasil.

Acompanhando aquele momento, destaca-se a atuação de algumas congregações religiosas que trabalhavam em realidades distintas; nesse trabalho, acentuamos a presença dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, que trabalharam na região da Mata Sul de Pernambuco e do Norte de Alagoas, onde, com criatividade e sensibilidade, incentivaram as comunidades em que estavam inseridos na vivência de uma fé consolidada nas diretrizes da ação da Igreja Nacional, bem como na vivência das devoções populares presentes nas comunidades.

---

<sup>8</sup> COMBLIN, José. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968, p. 260.

Os Padres do Sagrado Coração atuaram em todo o Nordeste; a missão da Congregação fundamentava-se nas práticas da religião e na promoção social do povo. Com esses intuitos, os sacerdotes do Sagrado Coração conseguiram desenvolver uma ação pastoral consistente, na qual, a prática evangelizadora era piedosa e o incentivo às devoções também. A preocupação com a condição social das localidades atendidas por esses sacerdotes tornou-se um ponto de referência, visto que a situação socioeconômica era difícil, o que tornava a religião um elemento de esperança.<sup>9</sup>

Assim, a partir de tais propósitos, as atividades religiosas desenvolvidas pelos referidos padres mesclavam as duas realidades vividas pela Igreja no Brasil: eram romanizadores, pois, no trabalho de Evangelização das comunidades, os padres eram zelosos com a liturgia e cumpridores dos desígnios vindos da Santa Sé. Porém, com muito carisma, incentivavam as devoções praticadas pelo povo.

Nosso universo de pesquisa contempla a ação do Pe. Francisco Geraedts nas comunidades paroquiais de Colônia Leopoldina (AL) e Água Preta (PE), onde trabalhou por 43 anos, entre 1910 e 1953, desenvolvendo um trabalho criativo e influenciando a religiosidade daquelas comunidades. A sua ação pastoral se desenvolveu no contexto histórico da Romanização, ao mesmo tempo em que as devoções populares de acentuavam em várias localidades do país.

Pe. Francisco teve uma participação muito importante na formação religiosa da região, especificamente da Paróquia de Água Preta, onde, por 26 anos (1927-1953), trabalhou intensamente. Seu ardor missionário e o zelo pelas atividades da missão a ele confiada lhe renderam a admiração e o respeito daqueles que viveram no período e que contribuíram para este trabalho com seus depoimentos. A ação do Pe. Francisco fundamentava-se no carisma de sua congregação: a prática da fé e o desenvolvimento social dos participantes da comunidade.

A partir desse cenário, procuramos compreender como se desenvolveu a ação pastoral do Pe. Francisco Geraedts. Como em um período de mudanças significativas na vida e organização da Igreja no Brasil, aquele sacerdote dehoniano conseguiu realizar uma ação pastoral diferenciada, a ponto de ser comparado a

---

<sup>9</sup> POLMAN, Jorge. **Missão de esperança**: história dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus no Norte do Brasil. Recife: Edição da Província Brasileira, 1986. p. 15.

outra personalidade que viveu aquele momento, o Pe. Cícero Romão Batista, vigário do Juazeiro do Norte, no Ceará.

Ao iniciarmos a elaboração do nosso projeto de dissertação do mestrado em Ciências da Religião, tínhamos a idéia de pesquisar como se deu o conflito entre a Igreja Romanizada, ascendente no Brasil, principalmente após a separação do Estado republicano, em detrimento do Catolicismo Popular, que, com suas devoções e práticas, se diferenciava do Catolicismo em gestação na Igreja do Brasil. Como pressuposto, defendíamos a hipótese de que o Pe. Francisco teria sido um elemento conciliador das duas modalidades do catolicismo brasileiro, e que, dentro de sua ação nas comunidades pelas quais passou se teria tornado um legítimo representante da Romanização. Este era o problema que estávamos propondo analisar.

Em busca de fontes primárias, iniciamos nossa pesquisa com a coleta de dados inerentes sobre a figura central desta dissertação, estabelecendo contato com a Província Setentrional do Nordeste, antiga Província Holandesa, à qual pertencia o Pe. Francisco. Na Casa Central da Várzea, tivemos acesso ao seu arquivo e recebemos orientações do Pe. José Calixto Ferreira de Araújo, bibliotecário, que nos forneceu a ficha cadastral com os dados do Pe. Francisco, bem como forneceu dois volumes da obra produzida pelo Pe. Jorge Polman, historiador da presença dos Padres do Sagrado Coração de Jesus no Norte-Nordeste do Brasil, obra que se tornou, para nossa contextualização, elemento fundamental.

Na Paróquia de São José da Agonia, em Água Preta (PE), o atual vigário, Pe. José Tadeu Rocha de Moura concedeu-nos permissão para o manuseio dos Livros de Tombo números 01 e 02, livros em que estão registradas as atividades pastorais do Pe. Francisco, bem como os acontecimentos que se desenvolveram no período e que foram registrados por ele. Outra fonte de inestimável importância foi o arquivo de fotografias do período de atuação do Pe. Francisco; a análise das fotos e a consulta aos relatos dos livros de tomo contribuíram, de forma significativa, para a construção deste trabalho.

No decorrer da pesquisa, observamos que a ação do Pe. Francisco Geraeltds se situou no contexto histórico da Romanização e, ao contrário do que inicialmente defendíamos, podemos constatar que o sacerdote dehoniano, no desenvolvimento de suas atividades nas paróquias onde atuou, não promoveu qualquer conflito entre as modalidades do catolicismo, mas que, utilizando um

carisma ímpar de que era dotado, promoveu um trabalho diferenciado, que o fez reconhecido e reverenciado como um “santo popular”, por aqueles que tiveram a oportunidade de com ele conviver. Dessa forma, traçamos como objetivo analisar as características presentes em sua ação pastoral. O que pensava o jovem Pe. Francisco ao iniciar suas atividades no Brasil, terra longínqua e distante da Holanda? Quais foram as motivações que o trouxeram para esta missão no Brasil? A partir desses questionamentos, estudamos a ação do Pe. Francisco no contexto histórico da Romanização nas comunidades paroquiais de Colônia Leopoldina e Água Preta.

Tais objetivos proporcionaram uma real aproximação com o nosso objeto de pesquisa, de forma que estudamos o processo de Romanização do catolicismo brasileiro, sua influência e as mudanças por ele provocadas na Igreja do Brasil, bem como analisamos o surgimento e o desenvolvimento do catolicismo popular e sua relação com o processo de Romanização. Por fim, analisamos as características da ação pastoral do Pe. Francisco Geraedts, nas paróquias de Colônia Leopoldina e Água Preta, no contexto histórico da Romanização.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, denominado “O processo de romanização do catolicismo brasileiro: mudanças e rupturas na condução e organização da Igreja do Brasil durante o século XIX”, de caráter introdutório, contém uma discussão sobre o processo de romanização vivenciado pela Igreja Universal, e como esse mesmo processo chegou ao Brasil e influenciou os prelados nacionais a iniciarem um movimento de reforma, cuja principal consequência foi o início da Questão Religiosa, bem como algumas mudanças que não configuraram uma ruptura definitiva com o Estado. Apoiando-nos numa bibliografia consolidada por historiadores e teólogos do CEHILA<sup>10</sup>, como Eduardo Hoornaert, Riolando Azzi, João Fagundes Hauck e José Oscar Beozzo, e nas novas visões elaboradas sobre aquele momento, como a de Emanuela Souza Ribeiro, construímos nossa contextualização no intuito de situarmos a romanização da Igreja no Brasil e as mudanças ocorridas no processo do seu desenvolvimento.

No segundo capítulo, intitulado “Sob a égide do catolicismo popular: a ação do Pe. Francisco Geraedts”, dissertamos, inicialmente, sobre o contexto histórico da fundação da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, as motivações que fizeram seu fundador, o Pe. Leão Dehon, iniciar aquela obra;

---

<sup>10</sup> Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe.



contextualizamos sobre o carisma da Congregação, que nasceu impulsionada pelas ideias contidas na encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII.

Ainda nesse capítulo, analisamos as motivações que determinaram a vinda do jovem Pe. Francisco para participar de uma missão no Brasil. Para construirmos esse fragmento, contamos com a valiosa obra do Pe. Jorge Polman, que nos revelou dados inéditos sobre a ação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus no Norte e Nordeste do Brasil, bem como detalhes sobre as dificuldades encontradas nas missões e particularidades da vida dos religiosos dehonianos, em especial do Pe. Francisco. Nesse capítulo, analisamos a passagem do Pe. Francisco pela Paróquia de Colônia Leopoldina, os primeiros momentos da ação pastoral, os primeiros sinais da criatividade ímpar, seu carisma, o comprometimento com a promoção social, os fatos inusitados como a busca do misterioso tesouro de Serra Azul, e suas missões evangelizadoras pelo Norte do Estado de Alagoas.

Findando o segundo capítulo, relacionamos a ação pastoral do Pe. Francisco com o desenvolvimento das práticas e devoções presentes no catolicismo popular, visto que um dos elementos ímpares da sua ação foi a criatividade na condução e elaboração de atividades religiosas ligadas a essa modalidade do Catolicismo, e como essa modalidade se relacionou com uma Igreja influenciada pelas ideias da romanização.

O terceiro capítulo se apresenta com o título de “A missão na Paróquia de Água Preta”. Nessa parte conclusiva, evidenciamos a ação pastoral desenvolvida pelo Pe. Francisco naquela paróquia. Para a sua redação, contamos com importantes fontes primárias, como relatos registrados nos Livros de Tombo Paroquiais e fotografias arquivadas de momentos vivenciados durante a passagem do sacerdote na paróquia.

Realizamos a coleta de depoimentos orais que revelaram preciosos relatos de pessoas que conviveram com o Pe. Francisco e que, ainda hoje, são testemunhas vivas da sua importância para a comunidade paroquial. As entrevistas, em sua grande parte, foram gravadas em arquivos de áudio, com um tempo médio de duração de cinquenta minutos. Nosso intuito era usufruir o poder de memória de cada depoente; a partir de questionamentos elaborados, extraímos as informações julgadas necessárias à dissertação. Todos os depoentes escutaram as gravações e autorizaram, através de documentos por eles assinados, sua utilização neste trabalho. A arte religiosa, maior destaque da ação do Pe. Francisco, foi evidenciada

em nosso trabalho, bem como sua mais importante obra social na comunidade de Água Preta: o Externato de São José.

Nas considerações finais, refletimos sobre o estudo realizado, deixando expresso que novas pesquisas devem ser feitas para complemento, visto que o objeto não foi esgotado; pelo contrário, está à espera de novos estudos no campo das Ciências da Religião, estudos que venham a responder a algumas provocações expostas neste trabalho, pois esta é uma área nova do conhecimento e, assim, está em plena expansão.

## **1 O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO DO CATOLICISMO BRASILEIRO: mudanças e rupturas na condução e organização na Igreja do Brasil durante o Século XIX**

A bondade de Deus reside justamente na possibilidade que Ele nos oferece de buscar e escolher nossas próprias verdades. Estudar as religiões é estar comprometido com o conhecimento e livre de verdades absolutas, buscando possibilidades e sentidos. O historiador das religiões deve ser comprometido com o conhecimento e não verdades absolutas.<sup>11</sup>

### *1.1 A relação entre a Igreja e o Estado: mudanças, rupturas e continuidades*

O século XIX, no Brasil, apresentou inúmeros sinais de rupturas em relação ao século anterior, não só no campo religioso, como no campo político, desde que o país passou da condição de colônia para a de nação independente. Mesmo assim, seus laços com Portugal permaneceram, até o final do século, através do regime monárquico, pois a família real era a mesma que governava Portugal. Diante disso, as rupturas no Brasil não se mostraram radicais ou definitivas.

A relação entre a Igreja e o Estado ao longo do tempo foi alterada pelos acontecimentos que marcaram o desenvolvimento da história nacional. Após a emancipação, a Igreja se atrelou ao novo regime político, o qual determinou sua forma de organização e condução. No final do século XIX, a Proclamação da República deu uma nova conotação ao papel da Igreja como instituição religiosa e social. A partir da proclamação da República, a Igreja passou a ser autônoma, reestruturando suas metas e o cumprimento de sua missão, porém não se afastando completamente do Estado, que passou a ter um novo regime político.

No contexto religioso, momentos distintos possibilitaram o estabelecimento de uma nova organização da Igreja e, conseqüentemente, uma organização diferenciada das práticas pastorais, configurando uma nova fase do catolicismo brasileiro. A deflagração da Questão Religiosa e a chegada da República ajudaram a imprimir novos rumos na ação da Igreja no Brasil. A concreta ligação da hierarquia

---

<sup>11</sup> MARQUES, 2005, p. 7-11.

brasileira com a Sé romana possibilitou o início de um processo que já era vivido pela Igreja na Europa, desde meados da Contra-Reforma Católica – a romanização.

A romanização do catolicismo brasileiro ocorreu através da implantação de um conjunto de ações similares em todo país. Reforma dos seminários diocesanos, e do clero local, fundação de estabelecimentos de ensino para a sociedade civil, construção e reformas de palácios episcopais e catedrais, criação de jornais católicos, saneamento das finanças dos bispados, disciplinamento das associações de leigos e maior atenção aos sacramentos, foram as principais medidas levadas a efeito pelo clero dirigente.<sup>12</sup>

Após o processo de sua separação de Portugal, que estabeleceu uma emancipação político-administrativa na antiga colônia, o Brasil passou a ser governado por um regime monárquico, nos moldes das monarquias centralizadas estabelecidas nos estados nacionais europeus modernos. A separação não determinou uma ruptura completa com Portugal, visto que o principal personagem daquele momento era o então regente, Pedro de Alcântara, príncipe da Casa Real Portuguesa<sup>13</sup>.

A Igreja acompanhou o processo de transição ocorrido no episódio da emancipação, isso porque, durante o período colonial, ela era um instrumento de extrema importância para o desenvolvimento das práticas colonizadoras. Com o estabelecimento do regime imperial, a Igreja continuou seu monopólio como a principal instituição religiosa em um país que passara a ter um novo regime político. Porém a condição de religião oficial atrelava-a ainda mais ao poder temporal do Imperador, que, além de deter o poder administrativo, acumulava a função de tutor e protetor da Igreja.

Ao tornar-se imperador, D. Pedro I obteve plenos poderes para eventuais modificações e intervenções na relação da Igreja com Roma. O imperador tinha faculdades em assuntos como escolha dos bispos, reitores dos seminários e, principalmente, nas comunicações entre os prelados brasileiros e a Sé Romana. Com isso, as relações entre a Igreja e o Estado imperial se tornaram cada vez mais conjugadas.

As relações passaram a ser atreladas a propósitos evidentes. O poder imperial tinha um controle acentuado em todos os passos realizados pela Igreja no

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja católica e modernidade no Maranhão, 1892-1922**. Recife: UFPE, 2003. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, p. 68.

<sup>13</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. **História mínima da Igreja no Brasil**. Belo Horizonte: O Lutador, 2002. p. 19.

Brasil. Mas a ação de continuar com o processo do padroado se deu pelo estabelecimento de novas relações com a Sé Romana em prol do reconhecimento da emancipação política do Brasil<sup>14</sup>. O historiador Maurílio César de Lima escreve que, além de se mostrar como imperador constitucional, Dom Pedro preocupava-se com o reconhecimento do Brasil independente perante as demais nações e, no que concernia à Igreja em especial, preocupava-o o relacionamento com a Santa Sé<sup>15</sup>.

O reconhecimento da emancipação política do Brasil representou um passo significativo para assegurar as boas relações entre a Santa Sé e o Império do Brasil; o reconhecimento de Dom Pedro, como imperador titular, tornou-se via para as primeiras mudanças significativas ocorridas na vida da Igreja com o estabelecimento do Estado imperial, como nos explica Maurílio César de Lima:

Enfim, o papa Leão XII, com o breve *Quam íntima*, de 14/04/1826, reconheceu Dom Pedro como imperador e aceitou seu plenipotenciário. Também confirmaria candidatos aos bispados, que seriam apresentados pelo imperador, suposto que fossem dignos. Pela bula *Solicita*, de 15/07/1826, o papa elevou as prelazias de Cuiabá e Goiás à categoria de diocese<sup>16</sup>.

Dessa forma, foram estabelecidas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Vaticano. Foi enviado para o Brasil o primeiro núncio, Dom Pedro Ostini, arcebispo titular de Tarso e professor de história da Igreja, que, antes de vir para o Brasil, tinha sido núncio na Suíça. Dom Ostini não foi feliz no seu ministério e, por causa da oposição que recebeu da corte imperial, ficou no Brasil até 04 de fevereiro de 1832. Porém sua atuação junto aos países da América Latina foi de relevante importância, quando viviam seus processos de independência<sup>17</sup>.

O relacionamento da Igreja do Brasil com a Santa Sé estava condicionado ao poder do Estado Imperial, representado pelo imperador e pelo mecanismo do Padroado<sup>18</sup>. Isso evidencia que o período imperial não foi florescente para a Igreja do Brasil; pelo contrário, a Igreja continuou cada vez mais dependente do poder político e não pôde mover-se com liberdade no exercício de sua missão.

A emancipação política do Brasil trouxe, de fato, novos rumos para o país e para a Igreja local. O esforço para a consolidação da emancipação gerou

---

<sup>14</sup> LIMA, Maurílio César de. **Breve história da Igreja no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 114.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 115.

<sup>18</sup> HOORNAERT, Eduardo. O padroado português. In: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979. tomo II. p. 160.

diversas dúvidas que, conseqüentemente, foram base para resistências à nova ordem estabelecida e para disputas por prestígio no novo modelo político instaurado, como explicam os historiadores Mary Del Piore e Renato Pinto Venâncio: entre 1820 e 1822, as elites regionais tiveram dúvidas em relação ao projeto político que deveriam seguir. Paradoxalmente, mais do que a “independência” liderada por D. Pedro, o movimento português de 1820 parecia atender ao anseio de autonomia regional<sup>19</sup>.

O século XIX trouxe mudanças significativas para o contexto histórico brasileiro, o que se configurou a partir do ano de 1808, como explica Hoornaert:

No ano de 1808 os portos brasileiros foram franqueados para receberem navios não-portugueses. Com a entrada de navios franceses, ingleses, norte-americanos, alemães e outros nos portos do Rio de Janeiro, Santos, Salvador, Recife e Belém começou uma nova época, inclusive para o catolicismo no Brasil. Este deixou de ser unicamente lusitano e recebeu os impactos da romanização, e também deixou de ser a única, pois o protestantismo entrou com os primeiros viajantes estrangeiros. O Brasil começou a desvendar um mundo mais amplo do que o estreitamente português e católico. Iniciou-se uma nova conquista colonial, aparentemente pacífica e liberal, a “conquista burguesa” do Brasil<sup>20</sup>.

Após a deflagração da emancipação política do Brasil, a relação entre a Igreja e o Estado permaneceu sob as normas e práticas do padroado. A autonomia da colônia tinha sido efetivada, mas qual era a autonomia da Igreja para realizar sua missão? Essa autonomia só viria um pouco mais tarde, a partir de fatos que proporcionaram mudanças profundas na vida e na organização da Igreja. Durante o segundo reinado, “a Igreja do Brasil deixou de ser governada pela Mesa de Consciência e Ordens, sediada em Lisboa, para entrar na órbita do Vaticano, de Roma”<sup>21</sup>.

Na segunda metade do século XIX, teve lugar um período de intensas agitações políticas e sociais, com as revoltas provinciais, como a Cabanagem, no Pará e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul. “Na combativa província de Pernambuco, durante a Revolução Praieira, de 1848, os rebeldes contaram com a adesão popular, havendo até mesmo a defesa da reforma agrária, o que em muito

---

<sup>19</sup> DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da história do Brasil: do descobrimento à globalização**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 205.

<sup>20</sup> HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, Henrique. **História liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 310.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 310-311.

assustou os grupos conservadores”.<sup>22</sup> Outros movimentos políticos e sociais ocorreram naquele período. Iniciou-se, depois, nova fase da história do Brasil e do regime imperial, que, àquela altura, já tinha D. Pedro II como regente.

As evidentes transformações ocorridas no mundo influenciaram a forma de pensar da corte brasileira: o avanço do liberalismo, as transformações advindas da sociedade industrial, o fim do tráfico de escravos, as disputas neocoloniais foram fatos externos que balizaram sinais de mudanças no império do Brasil, foi a era dos grandes impérios, como definida pelo historiador Eric Hobsbawm:

Foi uma era de paz sem paralelo no mundo ocidental, que gerou uma era de guerras mundiais igualmente sem paralelo. Foi uma era de estabilidade social crescente dentro da zona de economias industriais desenvolvidas, que forneceram os pequenos grupos de homens que, com uma facilidade que raiava a insolência, conseguiram conquistar e dominar vastos impérios. Uma era que gerou inevitavelmente, em sua periferia, as forças combinadas da rebelião e da revolução que a tralaria<sup>23</sup>.

A partir de 1870, desenvolveu-se um fenômeno costumeiramente chamado de romanização. “Essa romanização foi sacramentada no Concílio Plenário dos bispos de toda a América Latina, em Roma, sob o pontificado de Leão XIII”.<sup>24</sup> Esse movimento de reforma foi liderado por figuras destacadas do clero, que se afastavam das normas e mentalidades da Igreja regida pelo padroado e assumiam uma postura mais aproximada à Sé Romana, como nos explica Hauck:

O movimento de reforma teve como principais promotores uma série de figuras de grandes bispos. Mas estes bispos encontraram, é bem verdade, uma colaboração valiosíssima nos lazaristas e capuchinhos, de modo especial, juntamente com novos institutos religiosos femininos então advindos ao Brasil<sup>25</sup>.

A romanização causou modificações na ação e na organização da hierarquia nacional. A tomada de consciência foi uma característica fundante para a pretendida autonomia em relação ao Estado e, conseqüentemente, uma ligação mais intensa com a Sé Romana, como escreve João Fagundes Hauck:

Uma das características da Igreja neste período é a sua vinculação crescente com Roma. Causas deste estreitamento de relações com a Sé Romana foram, em primeiro lugar, a tomada de consciência,

<sup>22</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 223.

<sup>23</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 24.

<sup>24</sup> HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, 1992, p. 310.

<sup>25</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja-instituição. In: FRAGOSO, Hugo *et al.* **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1992. tomo II/2. p. 184.

por parte de nosso clero e episcopado, do sentir universal da Igreja e da importância da Sé pontifícia como vínculo e centro da unidade e ortodoxia<sup>26</sup>.

O fenômeno da romanização tem seu marco inicial no século XVI, logo após o acontecimento do Concílio de Trento, que viabilizou as práticas da Igreja universal diante da expansão do protestantismo no continente europeu. Com o movimento da Contra-Reforma a Igreja pretendia diminuir o crescimento do protestantismo, como também recuperar a hegemonia religiosa e política constituída ao longo dos séculos anteriores, principalmente na Idade Média.

Porém a Igreja da América Latina não assimilou os ares da romanização e de sintonia com princípios tridentinos, mais especificamente a Igreja no Brasil, que vivia sob a tutela do governo imperial e tinha como intermediária na sua relação com a Sé Romana as normas e as práticas do padroado. “Os decretos desse Concílio constituem a carta magna da romanização em toda a América Latina. Provém basicamente do Concilio de Trento, realizado no século XVI, mas que até então não foi muito seguido na América Latina, especialmente no Brasil”.<sup>27</sup>

Como era a realidade do episcopado do Brasil no século XIX? O Brasil tinha, na época, doze dioceses, sendo o principal centro das decisões eclesiais a arquidiocese de Salvador, a primeira fundada<sup>28</sup>. O vasto território e o número insuficiente de bispos e padres eram fatores preponderantes para que a missão da Igreja não se realizasse como deveria, sendo praticamente impossível, para alguns bispos, percorrer suas dioceses, visto que elas possuíam enorme extensão territorial. Além da arquidiocese de Salvador, em outros grandes importantes centros urbanos, já haviam sido erigidas dioceses, como as do Rio de Janeiro, Mariana, Diamantina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Pará. Quanto às dioceses de Diamantina e Ceará, elas datam de 1853 e, por conseguinte, foram as únicas criadas no Segundo Império<sup>29</sup>.

Grandes eram as dificuldades para que os bispos realizassem suas atividades pastorais. A Igreja ainda era um instrumento ligado inteiramente ao poder político exercido pelo Estado liberal. Porém é possível perceber que, já no final do século XIX, o episcopado do Brasil se encontrava em conflito com o Estado imperial,

---

<sup>26</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja-instituição. In: FRAGOSO, *et al*, 1992, . tomo II/2. p. 182.

<sup>27</sup> HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, 1992, p. 311.

<sup>28</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al*. 1992. tomo II/2. p. 183.

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 183.



conflito a partir do qual nasceu a necessidade de uma ligação mais íntima com o centro da ortodoxia. Esse conflito tem como característica o senso de comunhão e solidariedade presente entre os prelados à medida que eles foram vinculando-se mais profundamente à Sé Romana.<sup>30</sup>

Para alguns prelados do clero nacional, era perceptível a ideia de uma maior vinculação à Sé Romana e, conseqüentemente, uma possibilidade de mudança. Isso ficou mais claro quando alguns de seus expoentes, formados em Roma ou na França, se salientaram por seu preparo intelectual e formação eclesiástica e por se tornarem importadores de valores então pouco conhecidos no Brasil. Por si sós, as palavras de D. Viçoso explicam por que esses futuros prelados se destacaram no plano intelectual e eclesiástico: “nada me agrada tanto como irem jovens de nossas dioceses beber à fonte pura das ciências divinas em Roma”<sup>31</sup>.

Em tal contexto, uma eventual ligação mais íntima com a Sé Romana proporcionaria à Igreja no Brasil uma autonomia em suas ações e no cumprimento da sua missão; porém era necessário acontecer uma tomada de consciência desse estreitamento das ligações com Roma. Essa tomada de consciência do episcopado seria fundamental para uma renovação de mentalidade e para a compreensão da situação a que a Igreja estava submetida sob o regime do padroado.

D. Romualdo Seixas, arcebispo da Bahia, juntamente com D. Antonio Viçoso, foram os primeiros prelados da hierarquia nacional a reivindicar uma autonomia da Igreja em relação ao Estado Imperial, pois, cada vez mais, a crise se agravava, e já não era mais possível que a Igreja continuasse na dependência em relação ao governo imperial. De fato, naquele instante, e por força das vozes dos prelados, aconteceu uma efetiva tomada de consciência: “nossos bispos, de maneira especial, tomaram consciência desta realidade e se esforçaram por conseguir sua autonomia espiritual”.<sup>32</sup>

O pioneirismo de D. Romualdo e D. Viçoso é descrito da seguinte forma:

Pioneiros na afirmação da independência da Igreja foram D. Romualdo Seixas, arcebispo da Bahia, e D. Antônio Viçoso, bispo de Mariana. Este último, já em 1847, resistia em face do governo provincial de Minas Gerais em vista das injunções governamentais no seminário diocesano “que tolhiam muito a independência e a liberdade, que por direito compete ao bispo em seus seminários”. D.

---

<sup>30</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, et al. 1992. tomo II/2. p.184.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 182.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 185.

Viçoso insistia, em 1854, que não admitia que a Assembléia Legislativa se constituísse “bispo do bispo”, e que a religião se tornasse “um ramo da administração civil”.<sup>33</sup>

A aceitação e a ligação mais forte com a Sé Romana seriam o ponto de partida para o início de um movimento reformador na Igreja do Brasil, no final do século XIX. A partir dessa tomada de consciência, uma nova organização das atividades eclesiais seria desenvolvida em prol da construção de uma mentalidade diferenciada daquela estabelecida com o regime do padroado.

A tomada de consciência por parte dos prelados da Igreja no Brasil, naquele momento, foi uma característica fundante do processo de renovação iniciado no final do século XIX. O anterior afastamento das diretrizes vindas de Roma, bem como o controle exercido pelo Estado dificultaram a organização pastoral das dioceses no Brasil; aliado a isso, o conservadorismo reacionário contra o liberalismo era evidente, tanto quanto era, antes dessa tomada de consciência, a intransigência vigente em relação à ortodoxia romana.

A Igreja vivia, naquele momento, a época do *Syllabus*<sup>34</sup>, como ponto de organização. As metas traçadas no Concílio Vaticano I eram o grande referencial de balizamento para que a Igreja desenvolvesse sua ação. Durante o pontificado do papa Pio IX, desencadearam-se todas essas questões sobre a vida da Igreja do Brasil e esse movimento de renovação teve como uma de suas principais causas a ação de Pio IX, conforme nos explica João Fagundes Hauck: “o estreitamento da união com a Sé Romana também teve como causa a ação de Pio IX, visando uma vinculação maior dos bispos do orbe católico com o Sumo Pontífice”<sup>35</sup>.

O início do movimento de reforma da Igreja foi estratégico e a maior vinculação com Roma era evidente; porém, do outro lado, existia toda uma estrutura consolidada pelo governo imperial. Para o governo, a Igreja era tida como mantenedora moral do Estado e atuava como sua imprescindível colaboradora; contudo, a submissão era evidente em virtude do controle exercido pelo padroado régio. Corte e coroa se postaram frente a frente num conflito que teria como principal consequência a Questão Religiosa. O confronto desses dois centros de influência também seria fator preponderante para o movimento reformador do clero e do episcopado do Brasil. Sobre esse confronto nos explica João Fagundes Hauck:

---

<sup>33</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, et al. 1992. tomo II/2. p. 185.

<sup>34</sup> LIMA, 2001, p. 124.

<sup>35</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, et al. 1992. tomo II/2. p. 183.

Cresce durante o segundo reinado entre os nossos bispos um senso de comunhão e solidariedade, à proporção que eles vão se vinculando mais profundamente com a Santa Sé Romana. É bem verdade que o padroado régio em vigor continua um fator de vinculação dos bispos em torno da corte imperial. Daí, a tensão existente entre esses dois centros de influência: Roma e a corte<sup>36</sup>.

Apesar desse atrito entre a Igreja e o Estado, na prática, a Igreja, representada por sua hierarquia, contribuía, de forma fundamental, para a estabilização do Estado imperial, uma vez que os objetivos eram coincidentes. A credibilidade do Estado era assegurada pelas palavras proferidas nos altares católicos, a figura do Imperador e sua autoridade eram exaltadas, os valores pregados pelo Estado e a unidade nacional eram frequentemente citados nos sermões proferidos por padres e bispos.

É pertinente destacar que os prelados que iniciaram o movimento de reforma do catolicismo brasileiro foram promovidos pelo então Imperador, D. Pedro II. Mesmo com a eventual tomada de consciência, já mencionada, as nomeações eclesiásticas provinham da decisão do Imperador. Um dos fatores determinantes para as nomeações dos bispos que, no final do período imperial, iriam desenvolver o movimento de reforma foi uma tentativa do Estado de controlar a participação política dos clérigos nos movimentos de contestação ao regime e ao governo, principalmente após a independência<sup>37</sup>.

Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio enfatizam:

D. Pedro II promoveu bispos que se alinhavam à corrente ultramontana. Tal segmento reunia correntes eclesiásticas que primavam pelo conservadorismo, pelo afastamento do clero das atividades partidárias e por uma defesa intransigente dos pontos de vista da Santa Sé<sup>38</sup>.

Os bispos oriundos do processo de romanização do catolicismo brasileiro constituem uma nova elite eclesiástica que, categoricamente, colocou em prática o movimento de reforma e provocou profundas mudanças na organização e realização das atividades religiosas. Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio equiparam as mudanças decorrentes do processo de romanização da Igreja no Brasil às mudanças ocorridas no âmbito do exército nacional<sup>39</sup>. As mudanças eram evidentes, “os bispos ultramontanos alteraram essa situação, transformando o provimento dos

---

<sup>36</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, et al. 1992. tomo II/2. p. 182.

<sup>37</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 267.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 267.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 267.

padres em uma prerrogativa exclusivamente diocesana, mudança que levou a uma profissionalização do clero, selecionado agora segundo a formação moral, o conhecimento e a fidelidade à Igreja”<sup>40</sup>.

Logo tornaram visíveis os efeitos da reforma católica iniciada pelos bispos intitulos de ultramontanos, como explica Azzi: “inicia-se também o processo de reforma da Igreja e a implantação de um projeto eclesial marcadamente ultramontano”<sup>41</sup>, a nova forma de organização e condução das atividades pastorais foram determinantes para a Igreja do Brasil almejar uma autonomia em relação ao Estado Imperial. Porém as dificuldades ainda não tinham cessado.

Entre os atritos e os momentos de confluências, iniciou-se um período de intensas agitações entre as duas instituições. Uma das questões pertinentes nessa contextualização é a participação dos fiéis, ou seja, antes de aprofundarmos as causas e consequências do movimento reformador do clero católico é de suma importância entendermos como o catolicismo era praticado nas camadas que estavam abaixo dessa disputa entre a Igreja e o Estado.

Que tipo de catolicismo se desenvolvia enquanto aquele conflito se desenrolava? Constatamos que o povo católico tinha uma certa compreensão da Igreja como uma instituição, principalmente pelo estabelecimento da hierarquia – padres, bispos e papa – compreensão visível nas camadas sociais existentes. Enquanto os católicos chamados de ultramontanos seguiam disciplinadamente as orientações da Igreja, os tidos como liberais insurgiam-se contra a intolerância de Roma,<sup>42</sup> visto que o diálogo com a Santa Sé não causava nenhum efeito de mudança nas ações e atividades desenvolvidas pela hierarquia eclesial nacional. Inflamada com o desenvolvimento das idéias liberais, esta parcela das elites católicas criticava o distanciamento de Roma e o pleno controle das práticas desenvolvidas pela Igreja, tendo o Estado como regulador.

No processo histórico desenvolvido no Brasil, é possível observar a significativa contribuição do catolicismo na formação da sociedade brasileira. Sendo o catolicismo a matriz da religiosidade nacional, sua influência foi nítida na composição de características dessa mesma sociedade.

---

<sup>40</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 267.

<sup>41</sup> AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 9.

<sup>42</sup> LIMA, 2001, p. 124.

A afirmação de que o Brasil é um país católico se insere nessa discussão, é um país de matriz católica devido à ação do colonizador, que utilizou a religião como um instrumento para o desenvolvimento do projeto de colonização. O próprio Dom João III, ao referir-se ao Brasil, utilizou a expressão empresa: João III era o monarca português que decidiu colonizar o Brasil de maneira racional e, por conseguinte, gastar dinheiro nessa “empresa”, com isso, não queremos nos apropriar do conceito moderno de empresa, evidenciamos o desejo explícito de o monarca português colonizar as terras do novo mundo, e das mesmas obter retornos rentáveis.<sup>43</sup> Essa foi a premissa que tornou o Brasil um país católico. Mas um país cujas raízes absorveram outras culturas capazes de incrementar mais ainda sua matriz católica.

Embora, durante o segundo reinado, a relação da Igreja com o Estado estivesse em vias de uma possível ruptura, nas estruturas abaixo dessa realidade, desenvolvia-se um catolicismo diferenciado dos moldes de hoje. Para melhor contextualizar esse ponto, valemo-nos da opinião de Eduardo Hoornaert, para quem o catolicismo, no Brasil, se iniciou como uma imposição. Nos primeiros séculos da atuação dos colonizadores, a religião era um elemento preponderante, vindo da metrópole, “o catolicismo brasileiro assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório. Era praticamente impossível viver integrado no Brasil sem seguir ou pelo menos respeitar a religião católica”<sup>44</sup>.

Acompanhando a formação da sociedade brasileira, o catolicismo desempenhou um papel importante na construção das classes sociais, tanto nos primeiros períodos da colonização, quanto após a emancipação política da colônia.

As condições desenvolvidas nos primeiros momentos da colonização estabeleceram o catolicismo como um marco firme da vida pública das pessoas, o que pode ser comprovado pelos organismos então existentes: confrarias, irmandades, Ordens Terceiras, Santas Casas de Misericórdia<sup>45</sup>.

Como bem sabemos, nos primeiros momentos da colonização, a ação dos padres europeus, vindos em sucessivas levas migratórias após a fixação nas novas terras, foi de fundamental importância para a propagação da fé católica. O povo, que era o alvo estratégico da ação do catolicismo, também teve efetiva importância no

---

<sup>43</sup> HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979. tomo II. p. 30.

<sup>44</sup> *Idem*. **Formação do catolicismo brasileiro: 1580-1880**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 13.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 13.

desenvolvimento das práticas, ressaltando-se o catolicismo popular, que, ao contrário das diretrizes e ordens estabelecidas pela ortodoxia, vivenciava um catolicismo diferenciado, capaz de suportar o sofrimento e as privações impostas pelas estruturas sociais daquela época:

O povo, vendido, traído, humilhado e sangrado, não perdeu sua dignidade, mas transformou os símbolos da religião dos dominadores em símbolos de sua fé em Deus, de sua paciência apesar de tudo, de sua dignidade, em situações de extrema miséria e degradação<sup>46</sup>.

Durante o movimento de reforma do clero do Brasil, o catolicismo popular era expressivamente vivenciado pelas várias camadas que estruturavam a sociedade brasileira, porém o catolicismo era adaptado de acordo com as estruturas dominantes, ou seja, o catolicismo vivenciado nas elites da corte não era o mesmo vivenciado nos engenhos remanescentes do ciclo do açúcar. Conforme a estrutura social vigente, um tipo de catolicismo era praticado.

A sociedade patriarcal, emergente do ciclo da cana-de-açúcar, foi um expoente para o desenvolvimento de um catolicismo independente das diretrizes e orientações romanas e nacionais. Não havia, na estrutura patriarcal do início do século XIX e advinda dos primeiros momentos da colonização, uma ligação com a Sé Romana nem com a hierarquia da Igreja do Brasil:

Nem o bispo nem Roma interferem na religião doméstica dos engenhos. Aliás, a influência romana no catolicismo brasileiro foi muito tardia, só se fez mais fortemente a partir da “questão religiosa” e do início da primeira república. A famosa clericalização da Igreja Católica, fato máximo do catolicismo após Trento, só veio influenciar o Brasil recentemente. A religião é principalmente vivida em pequenas localidades separadas umas das outras, onde não se sente muito a influência do bispo, muito menos de Roma<sup>47</sup>.

A experiência vivida pelas pequenas comunidades é um dado exemplar de como o catolicismo brasileiro não se constituiu de forma homogênea. Alguns fatores podem ser apontados para que, nessas localidades, a influência da hierarquia e, conseqüentemente de Roma, não atingisse as práticas de devoção dos que viviam nas grandes fazendas de café ou nos engenhos de cana-de-açúcar. Era, de fato, uma religião doméstica, que se centralizava na figura do senhor, fosse ele do

---

<sup>46</sup> HOORNAERT, Eduardo. A vida do povo. *In*: AZZI ; GRIJP ; BROD, 1979. tomo II. p. 369.

<sup>47</sup> *Idem*, 1991, p. 77-78.

engenho ou da fazenda: “o patriarca local aplicou concretamente o padroado ao pequeno mundo do engenho”<sup>48</sup>.

## 1.2 A criação da Paróquia de Água Preta

A Paróquia de Água Preta se situa no universo colonial patriarcal, no qual a religião doméstica, que tem como predominância a figura do senhor, se torna muito mais evidente do que a presença dos ministros da hierarquia. O catolicismo teve participação marcante na fundação da localidade, que se tornou, primeiramente, Freguesia, dedicada a São José da Agonia e, posteriormente, transformou-se em paróquia, consolidando, assim, a predominância do catolicismo.

Conforme documentos dos Anais Pernambucanos, a Freguesia de São José foi fundada a pedido do senhor bispo diocesano, Dom Frei José Maria de Araújo, O.S.H., visto que havia a necessidade de uma divisão da antiga Freguesia do Una.

10 de novembro de 1809 – Resolução de consulta do Tribunal da Mesa de Consciência e Ordens, criando a paróquia de Água Preta, sendo o seu território desmembrado da freguesia do Una, em virtude de representação do bispo diocesano D. Fr. José Maria de Araújo, O.S.H.,<sup>49</sup> em que expunha a necessidade de ser dividida esta freguesia criando-se uma outra com a denominação de Água Preta. Pela mesma resolução fosse construída no lugar Cachoeira Seca, que o pároco tivesse cem mil réis anuais de cômputo, e um quarto de légua em quadro para servir de passal, como determina a Provisão de 09 de agosto de 1747.<sup>50</sup>

Com a instalação da Freguesia e a chegada do primeiro vigário, Pe. Sebastião José Peixoto Guimarães, veio a ordem régia de D. João VI para que fosse erguida uma igreja matriz dedicada a São José da Agonia:

D. João VI mandou construir a igreja matriz da freguesia, e nomeado vigário o Pe. Sebastião José Peixoto Guimarães, teve lugar a sua instalação sob o orago de São José da Agonia, em sitio próximo à foz do Rio Preto, um dos afluentes do Una, pelo que, por muito tempo teve a paróquia o nome daquele rio, até que o perdeu pelo atual de Água Preta.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> HOORNAERT, 1991, p. 77.

<sup>49</sup> RUBERT, Arlindo. **A Igreja no Brasil: expansão territorial e absolutismo estatal (1700-1822)**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1988. v. III, p. 73.

<sup>50</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos: (1795-1817)**. Recife: FUNDARPE, 1984. v. 07, p. 258-259.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 258-259.

Enquanto a Igreja nacional vivia, com intensidade, as confluências com o aparecimento do movimento reformador, a localidade dava seus primeiros passos como paróquia. A paróquia de Água Preta surgiu em um importante momento da história do Brasil Colônia, que, naquele momento, se transformava em sede da coroa portuguesa, e passou por diversos momentos da história local e nacional. Mesmo tornando-se Freguesia, em 1809, a localidade demorou a se tornar um município emancipado, conforme documento escrito em 1992:

O terreno que hoje constitui o município de Água Preta, no início deste século, fez parte da freguesia de Serinhaém. Foi desmembrada da paróquia do Una, pela resolução de 10 de novembro de 1809, sendo seu primeiro vigário Pe. Sebastião Peixoto Guimarães. Ereta vila pela lei nº 156, de 31 de março de 1846, a de nº 314, de 13 de maio de 1853, extingue-se para incorporá-la ao termo de Barreiros, restabelecendo-a depois pela lei n.º 460, de 02 de maio de 1859. Havendo sido ligada à Comarca de Rio Formoso, a lei nº 520, de 13 de maio de 1862, desligou-se para junto com a freguesia de São José de Barreiros constituírem uma nova Comarca com a denominação de Palmares. Pela lei nº 1093, de 24 de maio de 1873, foi transferida a sede do município da comarca para a povoação dos Montes, que foi elevada a categoria de vila com a denominação de Palmares. Restaurados seus foros de vila, pela lei n.º 1405, de 12 maio de 1879, instalou-se a respectiva Câmara Municipal com a denominação Água Preta, pela lei n.º 1806, de 13 de junho de 1884, somente em 11 de janeiro de 1890 foi instalada, sendo então seu primeiro juiz de direito o Dr. José Brandão da Rocha. De acordo com a Constituição do Estado, e a lei nº 52, de 03 de agosto de 1892, constitui-se município autônomo, em 21 de março de 1893, sendo eleitos para o primeiro governo administrativo do município o Sr. Francisco Cornélio da Fonseca de Lima e sub-prefeito o Coronel Manoel Veríssimo do Rego Barros.<sup>52</sup>

A inconstante situação política do município de Água Preta se deu devido ao fato de a localidade, em determinados acontecimentos da história local, ter tido uma participação efetiva nos principais movimentos ocorridos em Pernambuco durante os períodos colonial e imperial. O caso de maior destaque foi a participação na Revolução Praieira, de 1848, quando a cidade se transformou numa guarnição dos praieiros, como explica a professora Célia Angeiras:

Água Preta figura como um dos pontos por onde passou a Revolução Praieira de 1848. Os revoltosos que tinham pernoitado no engenho “Aracatum” do município de Barreiros, chegando ao “Cachoeira”, em 26 de outubro de 1848, bateram uma força encontrada aí, de paisanos governistas. Suas terras serviam de palco de guerras contra as tropas legalistas, as tropas liberais

---

<sup>52</sup> ANGEIRAS, Célia. **Estudando a história de Água Preta**. Água Preta: Secretaria de Educação, 1990. p. 02.



cruzaram nesse território sob o comando do Capitão Pedro Ivo Veloso da Silveira, filho da terra, que instalou um quartel general da revolução, dentro da então vila.<sup>53</sup>

Antes mesmo da explosão da Revolução Praieira, na segunda metade do século XIX, o município tinha participado de outros movimentos que atraíram os olhos do cenário nacional, como foi o caso da insurreição dos Cabanos, durante o período regencial brasileiro. Em sua obra *Guerra dos Cabanos*, o historiador Manuel Correia de Andrade destaca a participação da localidade em vários episódios desse levante:

A estes, fez juntar 30 homens sob o comando do Juiz de Paz de Maranguape, que se achava a postos para defender o Recife em qualquer eventualidade, e os que pudessem ser reunidos pelo comandante do Batalhão 62 de 2ª linha e pelo Juiz de Paz de Água Preta.<sup>54</sup> Levado por tão sérias dificuldades, insistia o Vice-Presidente junto ao Juiz de Paz de Flores para que enviasse força do seu distrito para Água Preta.<sup>55</sup>

Essa realidade circundava a relação entre a Igreja e o Estado imperial. Enquanto a situação apontava para um eventual conflito ideológico, nas localidades onde o poder temporal do Estado era substituído pela figura do senhor, o catolicismo era desenvolvido nos moldes de um regalismo exacerbado.

### 1.3 *A Romanização: do movimento reformador à Questão Religiosa*

O processo de romanização do catolicismo brasileiro se deu com o início do movimento reformador, encabeçado por ilustres lideranças da hierarquia, tais como seu principal personagem, Dom Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. Para Dom Macedo Costa, a necessidade de uma reforma da Igreja no Brasil partia de três princípios específicos da vida do clero: a afirmação da dignidade episcopal, a aproximação mais efetiva com a Sé Romana e a clericalização<sup>56</sup>. Esses princípios evidenciavam uma mudança na mentalidade da Igreja e, como consequência, uma ação mais efetiva da missão evangelizadora, bem como um concreto respeito da Igreja junto à população.

<sup>53</sup> ANGEIRAS, 1990, p. 03.

<sup>54</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. **A guerra dos cabanos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005. p. 51.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>56</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2. p. 185.

A mais importante consequência advinda do movimento reformador, iniciado por Dom Macedo Costa, foi a explosão da Questão Religiosa. Como explica Hauck, “a Questão Religiosa foi a culminância da reforma da Igreja no Brasil”<sup>57</sup>. Antes da iniciativa de Dom Macedo Costa, uma voz já tinha ecoado para que um movimento de reforma de fato acontecesse; estamos referindo-nos a um dos precursores que colaborou arduamente com suas ideias para a concretização do movimento reformador, cuja atuação se concentrou na primeira metade do século XIX: Dom Antonio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, que se tornou o grande promotor e dinamizador do espírito que passou a vigor na Igreja do Brasil durante o movimento de reforma



**Foto n. 1 - Dom Antonio Viçoso**<sup>58</sup>

O espírito renovador impregnado por Dom Viçoso se transformou em um movimento forte, com objetivos sólidos, que tinha como propósitos reestruturar a vida e a ação da Igreja no Brasil. Desde o início de sua atuação como religioso, Dom Viçoso já externava suas convicções e seus princípios em relação à prática do cristianismo. Eis como Dom Silvério, seu biógrafo, condensa a atividade do grande bispo:

A reforma do clero, conduzida com suave, mas firme tenacidade, a qual, se não pode levar ao cabo, deixou assentada em dois seminários, que podem servir de norma, e tem servido a outros bispados, a educação do sexo feminino por ele buscada com diligências não menores do que a dos moços, o benefício talvez menos avaliado do que a razão, das irmãs da caridade por ele introduzidas no Brasil, o estabelecimento de missões perpétuas em

---

<sup>57</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2., p. 191.

<sup>58</sup> [www.convergencia.jor.br/.../merania/galeria.htm](http://www.convergencia.jor.br/.../merania/galeria.htm), extraído no dia 07 de julho de 2008, às 11:30h.

sua diocese, fundada às custas do suor do seu rosto, o acúmulo deste e de outros muitos bens, de que Deus nos fez mercê por meio deste insigne varão, o torna merecedor dos momentos eternos da parte dos mineiros, se é que alguém jamais os há merecido neste mundo. Se ajuntarmos a isto que mais três dioceses do Brasil lograram por via de Dom Antônio os favores que nos couberam primeiro, visto como os preclaros pontífices que as regem foram criados à sua sombra, e como nutridos do leite de sua doutrina e exemplos, capacitar-nos-emos que quaisquer demonstração (*sic*) de agradecimento nosso e das mais províncias do império não serão sobejas ao muito que nos merece”.<sup>59</sup>

Como já afirmamos, a realidade da Igreja, após a emancipação política do Brasil, era configurada por um processo de continuidade das regras e práticas do padroado régio. A situação da Igreja do Brasil, na primeira metade do século XIX, foi marcada por fatos que serviram para viabilizar mais ainda a tenacidade do movimento de reforma.

A crise das Ordens religiosas foi um dos pontos de relevância na primeira metade do século XIX. No final do século XVIII, os jesuítas, instalados no Brasil desde os primeiros tempos da colonização, foram expulsos, dando início, assim, a uma intensa crise nas ordens religiosas estabelecidas no Brasil, cuja expansão passou a ser controlada. As finalidades desse ato são explicadas por Riolando Azzi, na Revista Eclesiástica Brasileira:

Visavam em primeiro lugar diminuir o poderio econômico das Ordens religiosas, cujos bens, intitulados de mão morta, começam a despertar interesse por parte do poder político. Em segundo lugar, a metrópole teme sempre mais a participação dos religiosos nos movimentos políticos, participação que se faz mais freqüente nos levantes precursores da independência. Em terceiro lugar, enfim, existe também uma razão de ordem religiosa, visando realizar uma reforma nas próprias ordens, para pôr termo aos numerosos abusos com freqüência denunciados. Esta meta apresentada como razão principal de certas restrições régias, passa, no entanto, a ser a última a ser levada em consideração<sup>60</sup>.

Outro elemento de destaque dentro da construção deste contexto histórico foi a precariedade dos seminários. Após a expulsão dos jesuítas, os seminários, que desde o período colonial eram considerados importantes centros de formação, passaram a não mais desempenhar esse papel; um dos itens que mais agravou essa situação foi a falta de professores preparados. Com a precariedade dos

<sup>59</sup> AZZI, Riolando. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 39, n. 135, 1974, p. 650-651.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 646-647.

seminários, a formação eclesial ficava comprometida, os sacerdotes que saíam desses seminários não estavam preparados para atuar em uma paróquia e, conseqüentemente, realizar a missão da Igreja. Com ênfase, o testemunho do Monsenhor Bruno explica como os seminários do Ceará viviam aquele momento:

A maioria dos padres eram ignorantes e incapazes de paroquiar. As causas de tanta decadência não nos são ocultas: não havendo seminários bem disciplinados naqueles tempos idos, a formação sacerdotal era descuidada. Havia em certas cidades do Ceará, como Fortaleza, Crato, Sobral, Aracaty e outras, professores de latim, encarregados de mandar para Olinda aqueles que desejavam se ordenar. Iam para Pernambuco esses moços com um mínimo de preparo, e lá depois de poucos meses eram ordenados padres e voltavam para o Ceará investidos do sacerdócio e do cargo de vigários.<sup>61</sup>

A má formação dos sacerdotes, devido aos sérios problemas enfrentados pelos vários seminários em suas dioceses, levava ao desenvolvimento de outro problema ascendente, a vida irregular dos sacerdotes. Muitos sacerdotes, devido às dificuldades ainda presentes desde o período colonial, tinham uma vida eclesial dúbia: viviam seus ministérios, mas tinham uma vida normal, muitos eram casados<sup>62</sup>, ou mantinham relações amorosas com esposas às escondidas, não cumprindo com as promessas e votos feitos no momento da ordenação sacerdotal. Eduardo Hoornaert se vale da crônica de José Carrato e evidencia o caso dos padres mineiros que tinham uma vida irregular, herança típica do período colonial:

O padre das Minas, como se vê, não leva seu trem de vida muito diferente de qualquer homem do século, é tantas vezes, apenas um homem de batina. Quando a usa... O sacerdócio não é um apostolado, é uma profissão como qualquer outra... Ele é o filho-padre – fatalidade impostergável de legado familiar ou irresistível vontade materna, à vontade daquelas implacáveis viúvas do sertão brasileiro – que vai se tornar um desses muitos vigários displicentes da Igreja mineira. Esses párocos negligenciam o seu dever de combater os vícios, de verberar os abusos, de explicar a doutrina, de inculcar o bem e virtudes segundo a fórmula prescrita pelos cânones da Igreja.<sup>63</sup>

O movimento reformador apresentou algumas características que foram de encontro à situação em que se encontrava a vida eclesiástica naquele momento. Nesse contexto, o movimento teve aspectos diferenciados. O movimento reformador da Igreja no Brasil foi extremamente ligado às ideias do Concílio de Trento, portanto,

<sup>61</sup> AZZI, 1974, p. 647.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 647.

<sup>63</sup> HOORNAERT, Eduardo. O Clero. In: AZZI ; GRIJP, BROD, 1979, tomo II., p. 186.

um movimento tridentino. Ainda no período colonial, houve um sério esforço por parte de membros da hierarquia. Um dos momentos fortes dessa tentativa de organizar a vida eclesiástica no Brasil foi o primeiro Sínodo dos Bispos, em Salvador (1707), conforme explica Maurílio César de Lima:

Abre-se o século XVIII com um acontecimento auspicioso para a história da Igreja no Brasil. Dom Sebastião Monteiro de Vide (1702-1722), quarto arcebispo de Salvador, conseguiu realizar um sínodo ou concílio provincial e deste resultaram as chamadas Constituições, que abrangiam também as dioceses sufragâneas da África e do Brasil e que, aqui, vigoraram praticamente até a proclamação da República, com força de norma canônica.<sup>64</sup>

As Constituições se configuram em um manual para a vida eclesial. Têm uma grande abrangência, pois tratam de vários aspectos relacionados à vida religiosa: suas vias de fato, irregularidades e penalidades, como explica o mesmo Maurílio César de Lima:

Estas formam obra alentada, dividida em cinco livros, com 279 títulos, 1318 cânones que, em síntese, abrangem tratados sobre a fé, os sacramentos, as celebrações litúrgicas, o clero, os benefícios eclesiásticos, as obrigações dos clérigos, os testamentos, as associações, as penas e irregularidade. Entre estes temas, destaca-se sua atenção relativa aos escravos, quando trata da instrução catequética, do batismo, do casamento, do preceito dominical, da assistência aos moribundos e dos sufrágios pelas almas.<sup>65</sup>

Mas, mesmo com a iniciativa de reunir os prelados da Igreja, as resoluções definidas nas Constituições de Salvador não tinham força diante da imposição do padroado. Mesmo com a elaboração deste manual de regras e leis canônicas o episcopado do Brasil ainda não tinha autonomia nem expressividade, “o episcopado tem pouca influência, limitado, em geral, a sua atuação a aspectos de jurisdição eclesiástica e, com frequência, executando função supletiva de cargos públicos”.<sup>66</sup>

A iniciativa de Dom Sebastião Monteiro da Vide foi logo reprimida pelas autoridades da corte, visto que não deveria existir nenhuma possibilidade de um desligamento das duas instituições de poder. Para seu lugar foi nomeado um bispo pouco conhecido, Dom Luiz Alves Figueiredo.

---

<sup>64</sup> LIMA, 2001. p. 81.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>66</sup> HOORNAERT, Eduardo. O Clero. *In*: AZZI ; GRIJP ; BROD, 1979, tomo II., p. 172.

A Romanização, como é mais conhecido o movimento ultramontano, é uma característica peculiar deste momento da história da Igreja. Os bispos do Brasil eram ultramontanos e desempenharam ações ligadas a esse movimento, que estava em plena ascensão na Europa, principalmente na França, Itália e Alemanha. O ultramontanismo consolidou Roma como centro da ortodoxia da Igreja Universal, e de lá deveriam emanar todas as diretrizes para a organização e a vida dos católicos, bem como fez a figura do papa se fortalecer, tornando a Santa Sé o centro de convergência do poder católico.

Imbuídos desse espírito predominante na Europa, que chegou ao Brasil especialmente pela influência dos sacerdotes lazaristas,<sup>67</sup> os preladados da Igreja no Brasil, na segunda metade do século XIX, optaram, de forma consciente, por esses ideais e colocaram em prática suas ações e ideias para que a Igreja nacional se vinculasse cada vez mais à Santa Sé. E foi para Roma que os preladados do Brasil passaram a enviar seus candidatos ao sacerdócio, procurando formar novos clérigos à luz das ideias romanistas, como explica Riolando Azzi:

D. Viçoso envia seus melhores alunos e colaboradores, a fim de completar a formação sacerdotal, capacitando-se para a direção dos seus seminários: são eles Luis Antonio dos Santos, Pedro Maria de Lacerda e João Antônio dos Santos, que integrarão posteriormente o grupo dos bispos reformadores em diversas dioceses do Brasil. É também em Roma que se forma D. Macedo Costa, o grande líder da reforma da Igreja no Brasil.<sup>68</sup>

A romanização do catolicismo brasileiro não se deu por acaso, a relação entre a Igreja e o Estado Imperial andava estremecida. Mesmo não tendo uma receptividade de grande evidência nos países da América Latina, o movimento romanizador que se iniciou na Europa causou profundas mudanças na Igreja universal, o que influenciou as mudanças na organização das atividades da Igreja no Brasil. O fenômeno da romanização teve sua gênese ainda no final do pontificado de Gregório XVI, como explica o historiador Roger Aubert:

Os últimos anos de Gregório XVI marcaram o início de uma evolução que se acentuou rapidamente sob o pontificado de Pio IX, favorecida por um novo fenômeno da História da Igreja: a imensa popularidade do papa junto às massas católicas de todo mundo. Em todos os domínios, constatou-se, após a crise de 1848, uma ação sistemática de Roma com vistas a reagrupar em torno de um centro

---

<sup>67</sup> HOORNAERT, Eduardo. O Clero. In: AZZI ; GRIJP ; BROD, 1979, tomo II.,p. 649.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 649.

de força único, face ao liberalismo, “revolucionário e anticristão”, todas as energias católicas.<sup>69</sup>

O que endossou a ascensão do movimento romanizador na Europa foi a constituição do dogma da Imaculada Conceição, fato que impressionou o mundo católico e evidenciou as prerrogativas do poder papal.<sup>70</sup>

Os sacerdotes brasileiros, enviados à Roma por seus bispos, puderam acompanhar de perto todo esse processo e, assim, absorver os ares da romanização, trazendo consigo uma formação rígida e completa pelas ciências eclesásticas romanas; como consequência disso, muitos dos sacerdotes que viveram aquele momento se tornaram os bispos que participaram ativamente do movimento de reforma da Igreja no Brasil. O historiador Roger Aubert explica como esses padres, ligados à romanização, foram importantes para a consolidação dos objetivos romanistas:

Os padres apegados às concepções romanas foram encorajados de todos os modos, sendo às vezes inclusive elevados à prelatura, a fim de aumentar seu prestígio ante as prevenções de um bispo reticente. Fazia-se oposição a tudo aquilo que pudesse estimular a manutenção das diferenças regionais na vida eclesástica, desencorajando-se as veleidades de reunir concílios nacionais, favorecendo-se a volta à observação integral do direito canônico tal como ensinado em Roma, incentivando-se os recursos à cúria romana para qualquer tipo de questão, ainda que secundárias.<sup>71</sup>

Com o poder investido e consolidado pelo movimento de romanização, o papa, quanto às nomeações episcopais, procedia, cada vez com mais freqüência, de forma independente das propostas feitas pelo alto clero local, inspirando-se, sobretudo, na formação romana e na docilidade dos candidatos às prelações.

Rapidamente, o movimento de romanização se difundiu pela Europa e atingiu os principais centros da vida e atuação da Igreja naquele período: Alemanha, França e Itália. Na Alemanha, após a troca do arcebispo de Colônia, o movimento de romanização aumentou progressivamente, como explica Roger Aubert:

Na Alemanha, onde Dom Ketteler assumiu o lugar do dirigente que fora ocupado pelo arcebispo de Colônia, Geissel, até a sua morte em 1864, Mainz permaneceu mais do que nunca à frente do movimento, contudo, os que trabalhavam no mesmo sentido aumentavam de ano para ano e impunham progressivamente suas

<sup>69</sup> AUBERT, Roger. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1975, Tomo I, p. 59.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 59.

concepções e seu espírito às massas populares solidamente dirigidas pelos Vereine.<sup>72</sup>

Na França, o ultramontanismo contou com a neutralidade do governo temporal para que suas idéias se consolidassem e o movimento tivesse seus objetivos conquistados:

Quanto à França, após uma tentativa de reação em 1852 e 1853, condenada pela encíclica *Inter multiplices*, a vitória do ultramontanismo foi favorecida pela neutralidade benevolente do governo no início do Segundo Império, pelo sucesso da campanha de Dom Guéranger em favor da volta à liturgia romana, pela evolução, no sentido romano, da Companhia de São Suplício, que formava grande parte do clero e, em grande parte, pelas campanhas do *Univers*, de Louis Veuillot, que constituiu, em favor do movimento, um órgão de combate como o fora vinte anos antes o *Avenir*, mas de modo mais durável.<sup>73</sup>

O discurso do movimento romanista era enfático e direcionado para a centralidade do poder da Igreja nas instituições romanas, bem como para a figura do Sumo Pontífice romano como seu representante legal e intransponível. O movimento ultramontano nascera tanto de uma reação justificada contra os aspectos mais discutíveis do galicanismo e do josefismo, quanto, de modo particular, da preocupação em, de fato, poder garantir à Santa Sé uma evidente independência dos governos que, naquele momento, estavam tendendo para o liberalismo. Para isso, o discurso era forte, intransigente e direto. O papa e as instituições da Cúria Romana se configuravam como o centro e, desse centro, deviam partir os direcionamentos do mundo católico, a ponto de se utilizar a expressão “a sociedade dos fiéis governada pelo papa”.

O discurso da centralidade direcionou o clero nacional e determinou uma ligação mais íntima com Roma, sem obedecer ao mecanismo do padroado régio. Os prelados estavam estimulados à conquista da autonomia para que a ortodoxia do clero nacional pudesse, à luz das orientações de Roma, protagonizar sua missão, e o Estado, como organismo do poder temporal, estivesse atento às orientações da Igreja, que falava e atuava em nome de Deus.

Com a distância das orientações romanas, a Igreja do Brasil passava por um isolamento doutrinário, as determinações vindas do Vaticano eram filtradas e, depois de analisadas e condensadas pelos organismos governamentais do Estado

---

<sup>72</sup> AUBERT, 1975, Tomo I, p. 60.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 60.



Imperial, eram divulgadas e inseridas na vida e atuação da Igreja nacional. Com a explosão do movimento de romanização e a aproximação com a Santa Sé, essa realidade mudou completamente. Explica Roger Aubert:

Com o advento do pontificado de Leão XIII, a Santa Sé, ou seja, o papa assistido pelas congregações romanas, tornou-se o centro vital da Igreja Católica, numa escala jamais atingida, mesmo no apogeu do poderio pontifício na Idade Média; contrariamente ao que os padres haviam pensado, o desaparecimento do poder temporal contribuíra para tal fato, como ressaltou D. V. Martin: “a exaltação doutrinal do poder supremo, no concílio do Vaticano e, depois, os acontecimentos políticos que se seguiram e valeram para a pessoa dos papas um aumento de respeito da parte do clero e dos fiéis, muito mais como um apego enternecido, com laivos de afeto místico e de admiração, contribuíram para fazer do Vaticano o ponto em que todos os católicos fixam seu olhar”.<sup>74</sup>

O ápice do movimento de romanização foi a realização do Concílio Vaticano I, no qual, os bispos reunidos aprovaram constituições que determinavam, acentuadamente, o controle do governo da Igreja nas instituições romanas e na pessoa do Sumo Pontífice.

O Vaticano I foi um momento de entraves, pois dois grupos opostos se colocaram e disputaram arduamente as aprovações que nele se sucederam. O reflexo do Vaticano I materializou-se com o desenvolvimento da centralização do governo da Igreja nas devidas instituições curiais e na infalibilidade papal. O historiador Roger Aubert enfatiza claramente a intenção do papa ao convocar o concílio, bem como a luta dos grupos internos presentes naquele momento.

A intenção de Pio IX, ao convocar o concílio, era, por um lado, incentivar a obra de reação contra o naturalismo e o racionalismo, obra que ele vinha desenvolvendo desde o início de seu pontificado, e, por outro, adaptar a legislação eclesiástica às profundas mudanças produzidas no mundo depois do Concílio de Trento. Contudo, o anúncio do concílio acentuou a oposição entre as correntes de opinião que se defrontavam no seio da Igreja há cerca de vinte anos: católicos liberais e neogalicanos, de um lado, ultramontanos e adversários das liberdades modernas, de outro. A escolha dos consultores encarregados de preparar os projetos de decretos conciliares – eram 60 romanos e 36 convocados no exterior, quase todos conhecidos por suas opiniões claramente ultramontanas e antiliberais – inquietou aqueles que esperavam que o concílio oferecesse ocasião para que os bispos vindos da periferia obtivessem uma certa abertura da Igreja para as aspirações modernas.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> AUBERT, 1975, Tomo I, p. 68-69.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 62.

O movimento reformador do Brasil teve vínculo direto com os propósitos difundidos durante a realização do concílio. Com a vinda de sacerdotes europeus para o trabalho de evangelização nas terras brasileiras, as idéias inspiradas no espírito da romanização ocuparam rapidamente os corredores das igrejas, os seminários e a ação dos clérigos no Brasil. Esse contexto acentua a participação dos bispos reformadores. Dom Antonio Viçoso não poderia realizar tal mudança na vida e ação da Igreja no Brasil de forma isolada; para isso, contou com o apoio de outros influentes membros da hierarquia nacional.

Naquele período, São Paulo era um grande centro de confluência econômica e política do Império. A economia do café era o motor do desenvolvimento do país, conforme explica o escritor Jorge Caldeira:

As primeiras tentativas industriais ocorriam em meio a um mundo basicamente agrícola e que também se desenvolvia. A estabilidade política e econômica do Império, na década de 1840, coincidiu com a expansão do café. Já no século XVIII, o produto era cultivado no Pará, mas sua expansão em torno do Rio de Janeiro deu-se nas primeiras décadas do século XIX. Era uma cultura ideal para os escravistas, pois as exportações e os lucros crescentes animavam o movimento de compra de africanos e a manutenção do sistema.<sup>76</sup>

A riqueza gerada pelo café foi responsável pelos primeiros passos de uma industrialização de grande porte no Brasil e, em consequência, São Paulo e o Sudeste do Brasil se consolidaram como o principal centro econômico do país; além de São Paulo, Minas Gerais e o Rio de Janeiro contribuíram para que essa realidade se concretizasse. A economia do café desencadeou uma nova realidade no Brasil; com a crise do sistema escravocrata, a presença dos imigrantes virou uma evidência no trabalho e na produção agrícola no país.<sup>77</sup>

De São Paulo veio um dos mais importantes apoios à iniciativa de Dom Viçoso. O bispo local, Dom Antonio Joaquim de Melo, aderiu aos propósitos do movimento reformador da Igreja nacional. Com esse apoio e com outros que depois se concretizaram, o movimento tomou proporções realmente nacionais e deixou de ser um movimento localizado. Os prelados, progressivamente, chegavam a uma nova mentalidade.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 193.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 193.

<sup>78</sup> AZZI, 1974, p. 650.

Riolando Azzi sintetiza o progressivo caminho realizado para a consolidação do movimento de reforma. A partir da realidade dos bispados do Segundo Reinado brasileiro, construiu-se um panorama de desenvolvimento do movimento reformador. Azzi explica como esse movimento se expandiu pelas dioceses do Brasil, e, no final do período imperial, todas as dioceses estavam inseridas no clima do movimento reformador<sup>79</sup>.

As principais iniciativas desenvolvidas pelos bispos após a tomada de consciência e o progressivo desenvolvimento de um movimento reformador iluminado pelos propósitos de centralização da Igreja universal, a romanização, foram a reestruturação dos seminários, o zelo na formação dos futuros sacerdotes e a organização da ação pastoral, o que configurou um outro movimento dentro do movimento maior de reforma, intitulado Reforma do Clero. “De fato, a reforma do clero é a tônica predominante de toda a ação pastoral dos bispos reformadores”.<sup>80</sup>

Sobre a realidade do clero nacional pesava, ainda, a forte influência do período colonial. O sacerdócio, na maioria das vezes, era considerado como uma profissão a ser escolhida, não era visto como uma missão específica ligada a uma instituição que tinha um papel diferenciado na sociedade brasileira. Dessa forma, poucos padres, principalmente os seculares, tiveram destaque em suas ações, diferentemente dos religiosos, como no caso dos jesuítas e dos franciscanos, que expressavam uma identificação com a finalidade do exercício do sacerdócio. Tanto durante o período colonial, quanto no período imperial, devido às imposições do padroado, o sacerdote era visto como um funcionário do poder público, submetido às regras e às normas determinadas pelos superiores representantes legais da ordem estabelecida, como explica Hoornaert:

O primeiro aspecto que marca o clérigo no período colonial é seu caráter de funcionários eclesiásticos. Como regra geral, o sacerdócio é considerado nessa época como uma profissão, um ofício ou uma carreira à qual a pessoa se dedica em modo análogo às demais profissões então existentes. Recebendo a cômputo do governo, o padre passa a ser considerado como um funcionário público incumbido de exercer as funções litúrgicas próprias do catolicismo, que era a religião oficial da sociedade colonial. Não havia preocupação com a evangelização, catequese e conversão do povo, pois se supunha que a fé fazia parte da própria tradição

---

<sup>79</sup> AZZI, 1974, p. 654.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 655.

cultural brasileira lusitana, cuja ortodoxia era mantida pelo tribunal da inquisição.<sup>81</sup>

Mesmo sendo considerados funcionários do Estado, os sacerdotes configuravam uma classe diferenciada, tinham uma formação intelectual elevada para os padrões da época, visto que muitas pessoas não tinham acesso ao conhecimento e muito menos à possibilidade de frequentar escolas. No período imperial, a realidade não mudou tanto, porém algumas características tornaram-se diferenciadas.

Na segunda metade do século XIX, a Igreja do Brasil, vivendo toda a efervescência do movimento reformador, passou por outro sério problema, como explica João Fagundes Hauck, “a paulatina redução numérica de clérigos”.<sup>82</sup> A falta de sacerdotes era um incômodo para os prelados, pois várias dioceses tinham um déficit acentuado de sacerdotes. Um dos motivos alegados, naquele período, era o soldo pago pelo governo para o exercício do sacerdócio: as dioceses do Rio Grande do Sul, Bahia, Maranhão e Ceará destacavam-se:

O presidente da Bahia queixava-se da “falta de sacerdotes” para prover-se o cargo de coadjutores paroquiais. A mesma redução se dava em outras províncias. No Maranhão, por exemplo, “o clero secular decrescia consideravelmente”, no Ceará, “há deficiência de clero”, no Rio Grande do Sul, são poucos os sacerdotes “sendo estes pela maior parte estrangeiros”. Por volta de 1869 ouvia-se ainda a mesma lamentação na Bahia perante “a espantosa redução do clero que por força de razão veio recair sobre cada um em particular” e as razões alegadas para tal redução eram o “descrédito” da vocação sacerdotal e “a mesquinhez da cônica” que o governo concedia.<sup>83</sup>

Outros aspectos envolviam a vida sacerdotal. Além da falta de padres para a realização dos trabalhos eclesiais, eram os problemas de violações do celibato. Alguns sacerdotes, em determinadas regiões do Brasil, viviam como homens normais, ou seja, tinham família e desempenhavam as funções religiosas, o que sendo proveniente, ainda, de uma realidade vivida na colônia, que ultrapassou os limites do tempo e se transferiu para o período imperial.

Os padres que atuavam naquele período tinham consciência das exigências do celibato sacerdotal, mas algumas circunstâncias contribuíam para que eles infringissem as normas do referido preceito. Um dos elementos que deram forte

---

<sup>81</sup> HOORNAERT, 1979, tomo II., p. 183.

<sup>82</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRQAGOSO, et al., 1992. tomo II/2., p. 192.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 193.

contribuição para que isso acontecesse foi a distância entre as paróquias. Em consequência, a solidão era um sentimento muito presente na vida dos religiosos, que, não tendo convivência com outros padres, não se sentiam mutuamente estimulados e terminavam não sendo coerentes no tocante às exigências do estado celibatário.

Paralelo a esse aspecto da vida dos clérigos no período do império, aqueles mesmos padres que não viviam integralmente o celibato desempenhavam funções de importância nas localidades em que estavam inseridos: “Foram ao mesmo tempo professores, filantropos, juizes de paz entre os pobres, compadres generosos de meio mundo, com uma feição de pai paternal”.<sup>84</sup>

A atuação apostólica dos sacerdotes, no período imperial, foi amplamente criticada por Dom Antônio Viçoso. Os párocos não se interessavam pelas atividades que desenvolviam, revelando, em tal atitude, uma consequência da má formação por eles adquirida nos seminários. No entanto, como a ênfase do movimento reformador dos bispos se dirigiu à questão específica do clero, houve também uma tomada de consciência por parte deles em relação às atividades pastorais. Embora existisse o controle do Estado em determinadas ações, muitas atividades eram realizadas com bastante empenho, contrariando, assim, a expressão utilizada por Dom Viçoso quando, em 1844, em sua primeira Carta Pastoral, afirmou que “falta zelo”,<sup>85</sup> denunciando a negligência dos párocos na pregação da palavra divina e na administração dos sacramentos.

Naquele momento da história da Igreja, a busca pela autonomia em relação ao Estado era uma causa abraçada pelos que desejavam, de fato, uma separação sem rupturas ou sequelas, mas os fatos e evidências não pareciam levar a isso. Haveria, sim, uma ruptura e, com ela, as sequelas seriam inevitáveis. Fator de preponderância que contribuiu para aquecer ainda mais essa situação de conflito entre a Igreja e o Estado foi o estado de pobreza em que se encontrava o clero nacional. Existia uma bela fachada que, por trás, escondia uma difícil realidade que não estimulava a vida e a atuação religiosa dos clérigos. O presidente da província da Bahia enfatiza que “viviam os párocos de uma cômputa de trezentos mil réis e os coadjutores de 50 mil réis, que, no dizer, era uma quantia mesquinha.”<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRQAGOSO, et al., 1992. tomo II/2., p. 193.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 194.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 195.

Chamou a atenção, naquele período, a fundação de um órgão específico para auxiliar as necessidades dos sacerdotes que viviam em condições econômicas lastimáveis. Essa iniciativa ocorreu no ano da explosão da Questão Religiosa, em 1870, no Recife, como explica Hauck: “Em 1870, o clero do Recife resolveu fundar uma sociedade com o fim de socorrer a seus irmãos da classe sacerdotal, que caíssem na miséria e fossem forçados por mendigar e sofrer as conseqüências que ela cria”.<sup>87</sup>

Outro ponto de relevância foi a expressiva presença de padres estrangeiros no Brasil, na segunda metade do século XIX. Seria, de fato, a presença deles, um problema? Ou a solução para os problemas que a Igreja vivia em relação ao seu clero? O fato é que os padres estrangeiros se tornaram presença marcante na vida e ação pastoral da Igreja no Brasil, não se podendo deixar de mencionar a valiosa contribuição que eles deram em diversos momentos da evangelização do país, também no período imperial.

Sobre esse aspecto, Dom Viçoso questionava “se os estrangeiros são chamados para os cargos de professores, para a construção de estradas, por que não podem ser chamados para as tarefas espirituais?”<sup>88</sup> A vinda dos sacerdotes estrangeiros transformou-se em mais um ponto de discussão nas relações entre a Igreja e o Estado. Citamos, como exemplo, o caso do Rio Grande do Sul, onde o bispo, D. Sebastião Dias Laranjeiras, foi intimado a esclarecer os motivos da presença acentuada daqueles sacerdotes. “A reação de D. Sebastião foi categórica, no sentido de que tal assunto não era de competência da Assembléia Legislativa, mas sim da autoridade religiosa.”<sup>89</sup>

Com o esforço e o desenvolvimento do movimento de reforma, essa realidade na vida e ação dos sacerdotes sofreu acentuada mudança e, com o desenrolar das ações do movimento reformador, o clero nacional foi ganhando outro aspecto, surgindo entre os clérigos uma tipologia comportamental: o sacerdote reformado e o tradicional.

Riolando Azzi explica que, no século XIX, havia dos tipos de clérigos bem diferenciados, cada qual disposto a uma determinada realidade diferenciada. O movimento reformador da Igreja no Brasil fez despontar um novo tipo de clérigo no

---

<sup>87</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRQAGOSO, et al., 1992. tomo II/2., p. 195.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 195.

cenário eclesial, confirmando, assim, os propósitos do movimento que priorizava a formação dos sacerdotes bem como a estruturação dos centros de formação, os seminários, como explicita o mesmo Azzi:

Encontramos, pois, no século XIX dois tipos de clérigos: o padre tradicional vivendo imerso na própria vida do povo, geralmente amasiado, e com frequência participando das atividades políticas da nação, e o sacerdote reformado, preocupado com a “cura das almas”, convictamente celibatário e alheio a qualquer participação na vida política.<sup>90</sup>

O tipo de clérigo tradicional é o verdadeiro herdeiro da formação religiosa desenvolvida no Brasil Colônia, quando a Igreja estava totalmente atrelada ao regime do padroado régio. O novo tipo, que nasceu com o movimento de reforma da Igreja no Brasil, foi influenciado por uma gama de ideias advindas da romanização, principalmente das ideias francesas que se inseriam na vida cotidiana naquele momento, tendo como grandes portadores os padres da Missão, os capuchinhos e os sacerdotes que tiveram seus estudos completos em Roma. Os sacerdotes com esse novo perfil passavam a atuar nos grandes centros urbanos do país e, conseqüentemente, os considerados de perfil tradicional eram localizados nos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos. Do seio do clero reformado foram escolhidos os futuros bispos do Brasil<sup>91</sup>.

Outro passo contundente no movimento reformador da Igreja no Brasil foi a renovação dos seminários. A situação dos seminários, no início do período imperial, apresentava-se deficiente; de fato, os seminários não correspondiam aos anseios a partir dos quais foram instituídos. A formação dos futuros sacerdotes era comprometida desde a entrada nas casas de formação. Um fator apontado como ponto de relevância em tal situação, como já mencionamos em outro momento deste trabalho, era o forte controle do governo nas ações da Igreja.

O próprio governo tinha ciência da precariedade das casas de formação, como evidencia, em 1872, o ministro do Império, em seu relatório, alegando que a “instrução que se oferece aos aspirantes ao sacerdócio nos diversos seminários, além de deficiente, é imperfeita e mal ordenada, já por não possuírem alguns professores as habilitações desejáveis, já por defeitos de sistema”.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> AZZI, 1974, p. 656.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 656.

<sup>92</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2., p. 196.

A posição da Igreja foi incisiva em relação ao descaso do governo para com os seminários, pois não haveria possibilidades de se formar bons padres se não houvesse bons seminários. O bispo de Olinda, Dom Cardoso Ayres, endossou esta posição: “Como, porém, ter mais sacerdotes se o seminário, que é o viveiro onde eles se preparam, não for uma escola séria, uma escola verdadeira, de letras e virtudes sacerdotais?”<sup>93</sup> Tal visão era compartilhada pela maioria dos prelados nacionais.

A situação configurava um problema de grande monta, tanto para a Igreja, que sentia a necessidade de formar bons sacerdotes, como para o governo, que necessitava de funcionários preparados para as exigências das funções às quais os sacerdotes eram submetidos. Os seminários eram casas de formação para uma vida eclesiástica, mas também eram centros de formação de agentes do Estado imperial.

As formações doutrinária e ideológica transmitidas nos seminários eram fundamentadas nas regras eclesiásticas e também nos preceitos do Estado. Agravava essa relação a dependência econômica das casas de formação, pois o sustento dos seminários era oriundo do governo, como também a remuneração dos professores que lecionavam naquelas instituições.

Haveria da parte do governo imperial um desejo de melhoria da formação sacerdotal? João Fagundes Hauck explica que, nos relatórios oficiais do Ministério do Império, é sempre alegada a vontade de elevar, “pela instrução”, o nível do clero. E que, justiça seja feita, muitas vezes, há um apoio aos bispos também no que se refere a uma reforma espiritual.<sup>94</sup> Em contrapartida a essa boa vontade expressa pelo governo imperial, a ingerência abusiva dos órgãos controladores das ações e atividades da Igreja chegava a extrapolar quando até os manuais a serem estudados nos seminários eram escolhidos pelos organismos do Império.

A formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio, no período imperial, foi o ponto mais trabalhado e insistido pelos bispos reformadores promotores de mudanças na vida e organização das atividades da Igreja no Brasil. No auxílio aos bispos, outros colaboradores se destacaram, como foi o caso dos capuchinhos, especificamente os franceses, e dos mais atuantes, os padres lazaristas, que, imbuídos do espírito da romanização, aqui foram fundamentais para a consolidação

---

<sup>93</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, et al., 1992, tomo II/2., p. 196.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 196.



do processo de reforma dos seminários, bem como para uma nova moldagem no clero nacional.

O então padre Silvério Gomes Pimenta endossa a valiosa participação dos lazaristas no tocante à administração e organização dos seminários sob a sua tutela, ao declarar que “nenhuma inveja devemos ter dos ótimos estabelecimentos da França neste gênero”.<sup>95</sup> Com as efetivas mudanças nos seminários e uma acentuada preocupação com a preparação espiritual e intelectual dos sacerdotes, o reflexo dessa iniciativa se prestou na ação pastoral dos sacerdotes advindos desse novo momento pelo qual a Igreja passava sob a tutela do Estado imperial. A teologia, após o movimento de reforma, estava evidentemente a serviço da ação pastoral, visto que a teologia aplicada nos seminários reformados era uma ciência nos moldes europeus.

Contextualizando sobre a Igreja no período imperial, não se pode deixar de referenciar o mais importante dos fatos que aceleraram a ruptura entre a Igreja e o Estado: a Questão Religiosa. A culminância do movimento de reforma da Igreja no Brasil chegou ao seu ápice com a explosão daquele conflito entre as duas esferas de poder.

A atitude do governo ao punir, nos desdobramentos da Questão Religiosa, dois prelados, com trabalhos forçados, não só representou a força da autoridade constituída, como também a síntese de um regime que atrelou, por mais de três séculos, as duas instituições – o padroado.

Após 1850, o Império brasileiro entrou em ritmo de queda livre, as estruturas que davam sustentação ao regime imperial, passo a passo foram-se desarticulando, principalmente o pilar fundamental que determinava o ritmo de crescimento econômico, que era o trabalho escravo. Os historiadores Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio definem este momento como uma fase de “mutações”<sup>96</sup>. Aliado a esse fator, as disputas políticas e o desenvolvimento do movimento abolicionista, emparelhados com a campanha republicana, deram o tom das evidentes mudanças na estrutura política do país.

A citada Questão Religiosa, que envolveu a Igreja Católica, o Estado imperial e a Maçonaria, foi permeada por fatos que gestaram uma nova e decisiva fase da história do Brasil, em meio às confluências pelas oscilações econômicas e

---

<sup>95</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2., p. 196.

<sup>96</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 220.

políticas. O conflito que se estabeleceu acirrou os ânimos dos que queriam, de fato, uma autonomia definida por parte da Igreja e um novo modelo político por parte dos que militavam pela causa republicana.

No universo das mutações ocorridas no país, naquele período, podemos acentuar o pretense rompimento de relações com a Inglaterra, visto que, efetivamente, depois que o Brasil se tornou uma nação emancipada, os ingleses assumiram a condução desta “nau capitânia”, e a conduziram segundo seus interesses.

As mudanças que também ocorreram no cenário europeu foram determinantes para as mutações do Brasil. A vitória da burguesia, nos trâmites das revoluções burguesas, serviu de pressuposto para a implantação de uma nova ordem política e econômica mundial, na qual as grandes potências industriais europeias ditavam o ritmo das relações com os países periféricos advindos de seus períodos como colônias.<sup>97</sup>

As relações entre o Brasil e a Inglaterra passaram a ter uma nova conotação ainda na primeira fase do período imperial, quando os privilégios ingleses, estabelecidos desde quando o Brasil passou a sediar a corte portuguesa, foram revogados por meio de um decreto elaborado pelo então ministro, Manuel Alves Branco, como explica Jorge Caldeira:

Com a Lei Alves Branco o Brasil supera a época dos acordos alfandegários entre as nações e passava a controlar sua política aduaneira. Os tratados já existentes foram revogados, valendo as novas tarifas para todos os países. Além de reforçar o controle nacional, a introdução desse novo princípio permitia que o governo protegesse empresas, pois podia conceder isenções ou diminuições de tarifas de importação de modo a incentivar o desenvolvimento dos setores nacionais que lhe interessavam.<sup>98</sup>

Apesar dessa ruptura parcial nas relações entre o Brasil e a Inglaterra, o século XIX pode ser considerado como aquele em que os ingleses manipularam, de fato, a organização política e a econômica do Brasil, confirmando sua hegemonia como potência capitalista. Para atingir o apogeu econômico e estabelecer uma nova ordem mundial, a Inglaterra imprimiu uma campanha contra o tráfico escravo, pois a atividade escravocrata era um empecilho para as atividades industriais; enquanto as

---

<sup>97</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 49-83.

<sup>98</sup> CALDEIRA, 1997, p. 192.

senzalas estavam cheias, as fábricas precisavam de braços para movimentar as máquinas e acelerar a produção.

Desde a época da colônia, a escravidão era elemento vital para o Brasil. O historiador José Carlos Reis, em seu ensaio sobre as identidades do país, enfatiza que “não havia Brasil sem a escravidão”<sup>99</sup>. Dessa forma, o Brasil foi um dos alvos da campanha abolicionista inglesa, e esta foi decisiva para o fim do regime escravocrata no país.

O ano de 1872 foi decisivo nas relações entre a Igreja e o Estado imperial, pois, como contextualizamos, o Império vinha acentuadamente em decadência, devido a fatores de ordem interna e externa. Naquele momento, explodiu a Questão Religiosa, acontecimento que teve repercussão nacional devido às posturas extremadas que se fizeram presentes no desenvolvimento do conflito.

A sua origem está na intervenção do Estado Imperial em questões de cunho específico da Igreja; a falta de autonomia dos prelados do Brasil chegou ao limite extremo. O movimento teve como ponto culminante a atuação de dois bispos que, seguindo as orientações romanas, não aceitaram a participação de membros da Maçonaria em organismos pertencentes à Igreja.<sup>100</sup>

O relacionamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria remonta ao século XIV, mais especificamente por volta do ano de 1390<sup>101</sup>. O século XIV foi marcado por transformações acentuadas na vida política, na econômica e na social da Europa. Nesse contexto de mudanças, surgiu o movimento renascentista, que, com seus propósitos, inseriu na sociedade europeia novas ideias, provocando uma perda gradual de poder por parte da Igreja Católica, que, até então, ocupava o posto de principal instituição do período medieval. Ainda no final do século XIV, o aparecimento de novas tecnologias e o desenvolvimento do capitalismo mercantil foram fatores que ajudaram na construção de uma nova mentalidade e, conseqüentemente, na transição para uma nova etapa da história europeia.<sup>102</sup>

No final do século XIX, com o pleno desenvolvimento dos ideais reformadores dos bispos do Brasil, uma boa parcela do clero nacional defendia abertamente as ideias liberais, advindas de uma conjuntura política e econômica

---

<sup>99</sup> REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 2003. p. 51-54.

<sup>100</sup> MATOS, 2002, p. 24.

<sup>101</sup> BRAGA, Marco. **Breve historia da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 17-37.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 17-37.

européia. O liberalismo europeu se chocou com o conservadorismo católico. Em tal contexto, os prelados aderiram ao conservadorismo, contrapondo-se aos ideais liberais. Tal posição era reflexo do movimento vivido pela Igreja universal, que, na Europa, por meio do ultramontanismo, não aceitava os preceitos modernos do liberalismo.

A disputa de poder entre a Igreja e a Maçonaria tinha o Estado como intermediário. Se dentro do clero católico havia sacerdotes liberais que participavam de atividades ligadas à Maçonaria, no âmbito do governo existiam da mesma forma, uma vez que até mesmo o então imperador, Pedro II, era maçom. Vários membros do governo também tinham ligações com a maçonaria e, dessa forma, o conflito se generalizou, pois, seguindo as orientações vindas de Roma, os prelados da hierarquia nacional não deviam aceitar a participação nas organizações de leigos, de membros da Maçonaria.

O choque entre a Maçonaria e a Igreja Católica se acentuou pelo modo como as duas instituições passaram a hostilizar-se; os bispos agiam com dureza contra os clérigos que participassem de atos ligados à Maçonaria. O ápice do conflito foi descrito da seguinte forma por Elias Mansur Neto:

O bispo de Olinda, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, resolveu aplicar na época em sua jurisdição as recomendações da Encíclica de 1864, do papa Pio IX, proibindo o clero de participar de cerimônias patrocinadas por maçons. O bispo chama particularmente cada um dos sacerdotes envolvidos e ordena-lhes que se dediquem tão somente à vida religiosa, afastando-se de atividades estranhas aos conventos.<sup>103</sup>

As divergências entre a Igreja Católica e a Maçonaria só vieram a enfraquecer mais ainda o poder imperial e acelerar cada vez mais uma possível mudança de regime político. Em seus sermões, Dom Vital e Dom Macedo expressavam sua simpatia para com a monarquia, porém concordavam com alguns atos presentes na organização da república, como explicam Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio:

Apesar de não serem simpáticos à causa republicana que defendia o casamento civil, os membros da alta cúpula da Igreja tornaram-se críticos ferozes do governo de Dom Pedro II. Por meio de sermões, do sacramento da confissão e, principalmente, da

---

<sup>103</sup> MANSUR NETO, Elias. **O que você precisa saber sobre a Maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2005. p. 62.

imprensa religiosa, padres e bispos irmanaram-se para expressar essas recriminações, enfraquecendo ainda mais, o poder imperial.<sup>104</sup>

Paulatinamente a monarquia brasileira ia-se esvaindo e um novo modelo político foi sendo gestado nos bastidores dos movimentos que vieram à tona, como foi o caso específico da Questão Religiosa, conflito que teve seu início com o desacato de um sacerdote pertencente ao clero da diocese do Rio de Janeiro, o padre José Luis de Almeida Martins, que participava de atividades ligadas à Maçonaria e, por causa disso, foi afastado e suspenso de ordem pelo então bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda:

Insubmisso às determinações do bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, o padre publicou o discurso do padre maçom na imprensa, eivado de expressões inaceitáveis para a posição da Igreja e, por isso, foi suspenso de ordem. Esta punição eclesiástica fez jorrar das lojas maçônicas, pelos jornais do país, torrente de agressões formais ao bispo e à Igreja. Por fim, sob a égide de Rio Branco, a maçonaria declarou guerra à Igreja Católica.<sup>105</sup>

Vale salientar que a Maçonaria teve um papel determinante na construção do processo de emancipação do Brasil. Participantes ativos desse processo filiaram-se às lojas maçônicas pretendendo, no mínimo, angariar *status* social. Após a emancipação política do Brasil, vários setores da administração pública eram dirigidos por nobres ligados à Maçonaria. Dessa forma, o conflito que se estabeleceu com a Igreja Católica também pode ser compreendido como um conflito com uma parcela da sociedade brasileira que controlava os mais importantes setores do Império.

Com a Questão Religiosa, a Igreja no Brasil fortaleceu os ideais de centralização do movimento de romanização. A hierarquia nacional tomou uma evidente posição em relação ao conflito. Foi uma atitude de um clero que se romanizava paulatinamente e, com isso, configurava a Igreja como uma instituição autônoma e ligada às diretrizes da Santa Sé. As iniciativas de prelados, como Dom Antonio Viçoso, geraram uma Igreja fortalecida e brindada pelas ideias de uma maior vinculação com Roma.

Enquanto o conflito se desenvolvia nos mais diversos meios de comunicação existentes no período, um elemento de suma importância não foi

---

<sup>104</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 267.

<sup>105</sup> LIMA, 2001, p. 127.

levado em consideração, ou melhor, não era instruído sobre o que ocorria: o povo. A participação popular na Questão Religiosa se tornou um desafio para os pesquisadores que se dedicam a analisar tal acontecimento da vida da Igreja e da história do Brasil.

Como o povo participou? O historiador João Fagundes Hauck enfatiza que “a Questão religiosa pode finalmente ser encarada em sua relação com o povo. Este conflito religioso-maçônico ou liberal-ultramontano situava-se numa área jurídica e de princípios doutrinários, que estavam muito acima da compreensão do povo.”<sup>106</sup>

A Questão Religiosa se configurou como um ponto de interrupção nas relações entre a Igreja e o Estado, porém não determinou um fim a uma união híbrida entre as duas instituições. O Estado, que se intitulava liberal, implantou novas diretrizes em detrimento da sua relação com a Igreja, uma Igreja altamente conservadora, que, após absorver as ideias da romanização, elaborou uma trajetória diferenciada dos propósitos definidos pelo Estado regalista vigente.

Essa pretensão da Igreja era contestada pelos liberais no sentido de que a consciência individual dos bispos não deveria constituir-se em tribunal absoluto das leis que deveriam ser vividas. A discussão sobre a união entre a Igreja e o Estado por várias vezes permeou as conversas e debates dos políticos naquele período, como declarava o deputado Silveira Martins, expondo seu pensamento sobre o conflito: “a legislação civil não pode ser fundamentada nos critérios pessoais deste ou daquele bispo.” E, acrescenta ainda, “os liberais são homens que não querem escravizar o Estado à Igreja”, “entretanto, ainda há homens que pretendem que o Brasil continue a sujeitar-se aos caprichos de uma Igreja que o degrada”<sup>107</sup>

A oposição do deputado Silveira Martins causou a reação imediata de outros parlamentares que saíram em defesa da Igreja. O deputado ultramontano Tarquínio de Sousa se posicionou contra a colocação de Silveira Martins, fazendo a seguinte indagação, “pois, senhores, será híbrido o casamento, o consórcio do homem com Deus?”<sup>108</sup> O debate ideológico dos políticos do período reflete o universo de tensão causado pela explosão da Questão Religiosa. Com um clima de guerra instalado, os lados opostos argumentavam e defendiam seus interesses, prezando por um desfecho favorável à parte a que cada grupo estava vinculado.

---

<sup>106</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 192.

<sup>107</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 189.

O movimento de reforma desencadeado pelos bispos, culminando com a Questão Religiosa, pode ser compreendido como uma iniciativa de auto-afirmação, ou melhor, um passo para sua independência como instituição promotora de uma atividade que tinha finalidade específica. Foi uma luta pela afirmação como instituição, pois a Igreja no Brasil necessitava dessa condição para suas atividades retornarem ao seu sentido específico: a vida religiosa e a ação pastoral.

Os bispos que entraram em oposição à Maçonaria foram formados no processo de reforma do clero e eram aspirantes à romanização da Igreja universal. O choque com a Maçonaria rendeu aos prelados uma severa punição por parte do Governo Imperial. O motivo para tal atitude foi o não cumprimento de um decreto imperial que aceitava a apelação feita pelas irmandades ao Imperador. A negação, por parte de Dom Vital, foi considerada um abuso e um desrespeito à autoridade constituída.

O Imperador acolheu o recurso e o ministro do Império, João Alfredo, dirigiu um aviso a D. Vital (mais tarde também a D. Macedo), no qual afirmava que as irmandades recorreram ao imperador, baseadas no Decreto n. 1.911, de 28 de março de 1857. E o imperador “houve por bem se conformar com o parecer de se dar provimento ao recurso” e mandou que seja cumprida essa decisão, cessando os efeitos do ato, de que as irmandades recorreram.<sup>109</sup>

A resposta de Dom Vital foi incisiva: “importa obedecer antes a Deus que aos homens”. Rejeitou, categórico, a doutrina do beneplácito imperial e contestou como absurdo e herético o recurso à coroa. E concluiu que, em matéria religiosa, o poder civil não é autoridade, mas, pelo contrário, “tem estrita obrigação de obedecer à Igreja”.<sup>110</sup>

A condenação dos dois bispos não foi uma vitória do governo imperial, a crise entre as duas esferas de poder gerou uma relação acirrada após a Questão Religiosa. Contudo, o sistema do Padroado Régio não teve fim com a explosão e as consequências do conflito. Progressivamente, a influência do poder do governo temporal diminuiu e a Igreja foi conquistando a tão desejada autonomia. Com a chegada da República, essa relação foi alterada. A implantação do novo regime político, além de dar novos rumos ao país, estabeleceu uma nova forma de se

---

<sup>109</sup> HAUCK, João Fagundes. A Igreja instituição. In: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 187.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 187.

relacionar com a Igreja, que passou a ter mais autonomia em relação ao Estado, intitulado laico desde então.

As rupturas ocorridas durante o período imperial foram decisivas para que a Igreja atuasse no Brasil republicano. A tomada de consciência, por parte da hierarquia eclesiástica nacional, foi o ponto culminante para que as ideias da romanização servissem de suporte ideológico para mudanças que foram decisivas aos olhos de uma Igreja que passara mais de três séculos submissa aos desejos e às vontades do poder temporal do Estado, por meio do padroado régio.



## 2 SOB A ÉGIDE DO CATOLICISMO POPULAR: a ação do Padre Francisco Geraedts

Quanto mais se estudam as religiões, melhor se compreende que elas, do mesmo modo que as ferramentas e a linguagem, estão inscritas no aparelho do pensamento simbólico. Por mais diversas que elas sejam, respondem sempre a esta vocação dupla e solidária: para além das coisas, atingir um sentido que lhe dê uma plenitude das quais elas mesmas parecem privadas; e arrancar cada ser humano de seu isolamento, enraizando-o numa comunidade que o conforte e o ultrapasse.<sup>111</sup>

### 2.1 Padre Francisco Geraedts: a Congregação e as motivações

Para escrevermos sobre a ação do Pe. Francisco Geraedts, valemo-nos de importantes fontes documentais: os livros de tombo do Arquivo da Paróquia de São José da Agonia, de Água Preta, números 01 e 02, que contêm anotações feitas pelo próprio Padre Francisco, além de recorrermos aos relatos do Padre Jorge Polman, estudioso da presença dos sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus no Norte-Nordeste do Brasil. Outras fontes utilizadas foram os depoimentos orais de pessoas que com ele conviveram. Utilizamos a memória daqueles que vivenciaram a ação pastoral do sacerdote dehoniano com a finalidade de analisarmos os benefícios realizados na vida religiosa e social na comunidade de Água Preta.

Quais foram as motivações que trouxeram o Pe. Francisco para o Brasil? Uma terra até então desconhecida, um país jovem que, no final do século XIX, após o ato da proclamação da República buscava afirmação nas relações políticas e econômicas.

Segundo o Pe. Polman, o Pe. Francisco Geraedts chegou ao Brasil em 18 de outubro de 1910, com 29 anos de idade<sup>112</sup>, jovem sacerdote holandês, trazendo consigo um irmão missionário da congregação, tendo sido necessário, nos primeiros momentos de sua estada no Brasil, passar três dias em São José da Lage, em Alagoas, para um período de aclimação. Tanto o Pe. Francisco quanto o Ir. Aleixo foram recebidos pelo Pe. Xavier Thuet, vigário de Lage.<sup>113</sup>

<sup>111</sup> VERNANT, *In*: BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 05.

<sup>112</sup> Ficha Cadastral dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Arquivo da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Casa Central, Recife.

<sup>113</sup> POLMAN, 1986, p. 85.

Nascido em 15 de maio de 1881, na cidade de Swalmem, na Holanda, tornou-se religioso em 22 de setembro de 1905, na cidade de Sittard, e foi ordenado sacerdote em 17 de julho de 1910, na cidade belga de Lovaina<sup>114</sup>. Atendendo ao chamado da congregação para que se continuasse, com êxito, uma missão já estabelecida no Brasil, partiu para uma terra desconhecida, na qual trabalhou intensamente, desenvolvendo seu trabalho pastoral missionário em localidades distintas, quando a Igreja no Brasil vivia o movimento de romanização.

A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus foi fundada em 1878, pelo então sacerdote secular, Pe. Leão Dehon. O contexto da época em que surgiu a congregação foi descrito pelo Pe. Jorge Polman, que teve acesso aos cadernos manuscritos deixados pelos seus confrades nos arquivos da Congregação. O texto relata como estava a Europa:

A Europa do século XIX sofreu, mesmo com uma olhada superficial, grandes convulsões políticas, econômicas e religiosas. Basta lembrar que foi em 1814 que o Congresso de Viena tentava reconstruir a Europa após as guerras napoleônicas; que na Itália a luta pela unidade nacional se arrastou por longos anos; que no ano de 1870 se deflagrou a guerra entre a França e a Prússia. A perda dos Estados Pontifícios acabou com o poder material dos papas e teve seu desfecho na ocupação de Roma pelas tropas italianas no ano de 1870. Mas foi também o século dos dogmas da Imaculada Conceição de Maria (8.12.1854) e da infalibilidade do Papa (18.7.1870). Foi o século da promulgação da Encíclica “*Rerum Novarum*” por Leão XIII (1878-1903), o século do nascimento de São João Bosco (1815), do Pe. Leão Dehon (1843), fundador da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus e de Santa Terezinha do Menino Jesus (1873).<sup>115</sup>

O contexto histórico da fundação da Congregação coincidiu com o período da repercussão da encíclica *Rerum Novarum*. O Pe. Dehon, motivado pelas idéias desse documento, deu início a um trabalho centrado no universo operário, visto que esse era um âmbito do qual a Igreja tinha, de certo modo, se distanciado devido às rápidas mudanças ocorridas com os avanços técnicos e tecnológicos nos principais países europeus.

A Congregação nasceu sob a égide da *Rerum Novarum* e, na Doutrina de Leão XIII, o Pe. Dehon buscou o sentido para a atuação dos sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. O historiador Roger Aubert explica:

---

<sup>114</sup> POLMAN, 1986, p. 84.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 11.

A doutrina de Leão XIII sobre a justiça social surgiu sobre esse duplo aspecto: incentivo fecundo a novos pontos de vista e limitação contingente. A encíclica *Rerum Novarum*, se bem que ainda bastante tímida, marcou a tomada de consciência, pelo papado, da questão operária e seu desejo de intervir ativamente com vistas à solução do problema.<sup>116</sup>

O mundo operário se tornou uma das preocupações do pontificado de Leão XIII. Os avanços da tecnologia, a secularização e o desenvolvimento de novas doutrinas sociais levaram o pontífice a ingressar nesse âmbito.

Entre os motivos que levaram Leão XIII a se engajar explicitamente nesse novo caminho, deve-se, ao lado de uma convicção, lembrar a angústia por ele sentida ante o progresso do socialismo e a esperança de suplantá-lo; contudo lembre-se também seu desejo de encontrar, para a Igreja, nas massas populares em vias de obterem o direito ao sufrágio universal, um contrapeso para a política anticlerical frequentemente praticada pelo “país legal burguês”.<sup>117</sup>

Naquele momento específico do pontificado de Leão XIII, surgiu, com bastante fervor, na recente Congregação, por meio de seu fundador, o desejo de atuar nas frentes missionárias da Igreja. Com isto, a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus se aproximou ainda mais da Santa Sé.

Desde os primeiros momentos de sua atuação, os sacerdotes do Sagrado Coração evidenciaram sua vinculação à Sé Romana. As palavras do Pe. Leão Dehon dão ênfase a essa relação: “entre nós cultiva-se sempre o desejo das missões. Vós poderíeis talvez falar disto em Roma”. E, em 1886, “mesmo que as missões no exterior não sejam nossa finalidade específica, muitos dentre nós desejamos levar o Amor do Divino Coração às terras pagãs que a Santa Sé nos confiar”.<sup>118</sup>

Concretizando o desejo de lançar a congregação nas atividades missionárias, o Pe. Dehon escreveu, em 1888, em seu diário pessoal: “rogo a S. Francisco Xavier para nos ajudar em todos os nossos projetos missionários. Escrevi hoje a Roma a fim de conseguir uma missão no exterior, esta será certamente o começo de uma grande obra”.<sup>119</sup>

O atendimento do pedido do Pe. Dehon veio com bastante rapidez. Em um rápido espaço de tempo, sua solicitação foi acatada e, em meados de novembro de

<sup>116</sup> AUBERT, 1975, Tomo I, v. 1, p. 15.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>118</sup> POLMAN, 1986, p.13.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 13.

1888, ano em que, no Brasil, era decretado o fim da escravidão, os sacerdotes dehonianos foram enviados para uma missão na América do Sul, especificamente para o Equador. Porém, essa missão não obteve êxito, pois os sacerdotes foram expulsos daquele país em 1896.<sup>120</sup>

O fracasso da missão no Equador não intimidou a Congregação, que continuou a atender às orientações da Santa Sé, e iniciou novos trabalhos missionários em outras localidades do mundo, como foi o caso do Brasil. Porém, antes do início do trabalho missionário nas terras brasileiras, a Congregação passou por uma organização interna: foi o momento da criação das províncias, que se tornaram polos regionalizados para uma ação mais abrangente dos seus sacerdotes.

Um ano após a chegada do Pe. Francisco, foi edificada a província holandesa, sendo seu primeiro superior o Pe. L. Van Halbeek. A partir daí, os padres dehonianos que viriam para o Nordeste passaram a ser indicados pela nova província, o que explica a evidente concentração de sacerdotes holandeses na região Norte do litoral de Alagoas e na Mata Sul de Pernambuco.<sup>121</sup>

Desde os meados da colonização até os dias atuais, a presença das congregações religiosas, desempenhando trabalhos diferenciados em várias localidades da região Nordeste, é um elemento de suma importância para a história, não só da Igreja mas também das próprias localidades. A presença de sacerdotes estrangeiros não era nenhuma novidade, visto que estiveram presentes na implantação do catolicismo no Brasil, bem como nos momentos de crise e de reformas.<sup>122</sup>

As congregações, tanto quanto as ordens religiosas, participaram ativamente da formação histórica do Brasil e da América Latina. A presença de sacerdotes a elas pertencentes proporcionou o início da história da evangelização nas terras do novo mundo. Aliados ao projeto de colonização, as primeiras congregações estabeleceram-se e iniciaram o processo de catequese dos nativos, consolidando, assim, o sentido de sua vinda para terras até então desconhecidas.

Por que as ordens e congregações religiosas vieram para o Brasil? Qual o sentido da presença desses organismos no processo de evangelização do Brasil?  
Para Eduardo Hoornaert,

---

<sup>120</sup> POLMAN, 1986, p. 13.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>122</sup> MÉIER, Johannes. As ordens e as congregações religiosas na América Latina. *In*: DUSSEL, 1992, p. 633.

o significado da atuação dos religiosos na fase colonial do Brasil deve ser entendido dentro do contexto da política colonizadora de Portugal. Para os monarcas portugueses, colonizar e evangelizar se colocavam em pé de igualdade, e muitas vezes se confundiam. Com frequência os colonizadores identificavam a cultura européia, e especificamente a cultura portuguesa, com o cristianismo, evangelizar tornava-se sinônimo de aporuguesar.<sup>123</sup>

A vinda das ordens religiosas para o Brasil pode ser compreendida a partir de elementos contidos na história portuguesa. A luta pela afirmação como Estado independente, realizada por Portugal contra a dominação dos mouros, teve a religião como elemento preponderante<sup>124</sup>. Essa mentalidade foi transferida para a ação executada sobre as populações indígenas do Brasil:

As tradições indígenas eram consideradas pagãs, gentílicas, e cumpria substituí-las por costumes portugueses e cristãos. O colonizador português era sempre o cristão, cujos direitos deviam ser salvaguardados. O índio, ao contrário, não passava de um possível inimigo da fé e da civilização.<sup>125</sup>

Segundo Johannes Méier, as ordens e congregações religiosas gozavam de privilégios, e estes permitiam que as ações desenvolvidas obtivessem o êxito esperado, visto que o principal objetivo era a cristianização das novas terras:

As ordens gozaram, a partir do início de sua chegada, de amplos privilégios, que lhe conferiam espaços livres para a evangelização e condições que prometiam êxitos. Sobretudo foi importante a bula “omnimoda” do papa Adriano VI, de 9 de março de 1522. No interesse da cristianização da América, o papa concedeu às Ordens “omnimodam auctoritatem nostram in utroque foro”, para além de uma distancia de uma viagem de dois dias da sede episcopal, as Ordens receberam total liberdade para sua atividade religiosa, incluindo administração dos sacramentos que de outra forma se reservavam aos bispos.<sup>126</sup>

Mary Del Priore frisa que os primeiros sacerdotes a chegar às novas terras foram os franciscanos, que tinham sido escolhidos para o serviço de capelania durante as viagens ultramarinas:

Os primeiros religiosos a desembarcarem entre nós foram oito franciscanos, membros de importante ordem estabelecida, há tempo, em Portugal. Sua presença como capelães de bordo na navegação portuguesa era comum, mas sua participação na evangelização do gentio ou nas práticas religiosas de colonos só

<sup>123</sup> HOORNAERT, 1979, tomo II, p. 211.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 211.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 211.

<sup>126</sup> MÉIER, Johannes. As ordens e as congregações religiosas na América Latina. In: DUSSEL, 1992, p. 636.

ganha envergadura a partir de 1580, quando ocorre a conquista da Paraíba.<sup>127</sup>

A missão das ordens estabelecidas no Brasil foi a de promover a assistência religiosa aos descobridores e aos colonos, bem como de propagar a palavra de Deus por meio da evangelização e da catequese. A ação das ordens e congregações religiosas transformou a religião em importante ponto de integração social durante os primeiros séculos da colonização no Brasil.

A religião era uma forma de identidade, de inserção num grupo social – numa irmandade ou confraria, por exemplo – no mundo. A colonização das almas indígenas não se deu apenas por que o nativo era potencial força de trabalho a ser explorada, mas também porque os índios não tinham “conhecimento algum de seu criador, nem de cousa do Céu”. Isso foi fundamental para dar uma característica de missão à presença de homens da Igreja na América portuguesa.<sup>128</sup>

No caso específico do Brasil, destacamos a atuação dos padres jesuítas, que aqui chegaram em 1549 e desempenharam, durante certo período da colonização, papel de suma relevância.<sup>129</sup> Como afirma Paulo Suess, “eles vieram para salvar almas”<sup>130</sup> e, nesse intuito, a Companhia de Jesus iniciou seu projeto missionário, visando a catequizar os nativos que habitavam as terras brasílicas.

Para os padres jesuítas, a missão nas novas terras era mais do que um novo desafio, era, de fato, grande incógnita. A cultura dos povos indígenas brasileiros era considerada demoníaca. Os grandes ícones dessa missão, Anchieta e Nóbrega,<sup>131</sup> tinham a consciência de que unicamente por meio dos manuais teológicos não seria possível atingir o objetivo das missões. Era preciso compreender o nativo para introduzi-lo na fé cristã. Tal percepção proporcionou uma fusão de culturas bem como profunda ligação entre as cosmovisões religiosas.

Segundo Paulo Suess, a ação jesuíta pode ser compreendida em três momentos distintos:

Podem-se distinguir três épocas da Companhia de Jesus, respectivamente marcadas pelo viés da missão (1549-1759/1760), da educação (1841/42) e da libertação (a partir de 1965). Todas

<sup>127</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 41.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>130</sup> SUESS, Paulo. Eles vieram para salvar almas. **Revista História Viva** - Temas brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e transformação. São Paulo, Editora Duetto, Edição Especial Temática n.º 2, 2004, p. 09.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 09.

repercutiram sobre seu projeto de evangelização no Brasil. A primeira época começa em 1540, com a bula de fundação da Companhia, *De Regini Militantis Ecclesiae*, de Paulo III, e termina com o breve de Clemente XIV, *Dominus ac Redemptor Noster*, de 1773, que extinguiu a Companhia de Jesus. No Brasil essa época corresponde à chegada de Manoel da Nóbrega, como provincial dos jesuítas, e seu companheiros, até a expulsão da Companhia com mais de 600 inacianos da Amazônia e do Brasil, por Pombal, em 1759/1760, deixando aldeias, colégios e paróquias no desamparo.<sup>132</sup>

Um dos legados mais importantes da ação dos padres jesuítas se concentra no universo da educação: “Os jesuítas foram indiscutivelmente os pioneiros da educação do Brasil. Até 1759, data em que Pombal os expulsou, tiveram eles absoluta liderança no setor da educação. Embora o que mais se ressalte seja a obra evangelizadora e catequética, o ponto alto de sua atividade foi educacional”.<sup>133</sup>

No desenvolvimento do processo de evangelização, os jesuítas fundaram os primeiros colégios, nos quais foi possível transmitir a cultura europeia, quase sempre em detrimento da cultura nativa. Muitos colégios jesuítas, já no século XVI, estavam instalados nos principais centros urbanos do Brasil.<sup>134</sup>

Os momentos posteriores da vida e ação da Igreja foram marcados pela sua condição de organismo da ordem política estabelecida pela Coroa Portuguesa. Após a emancipação política, como já analisamos, a permanência do Padroado limitou a possibilidade de uma ação autônoma e independente. Como forte aliado naquele contexto, o movimento de romanização da Igreja incitou a hierarquia eclesiástica nacional para uma maior vinculação com a Sé Romana, configurando, assim, um novo tempo para a história da Igreja no Brasil.

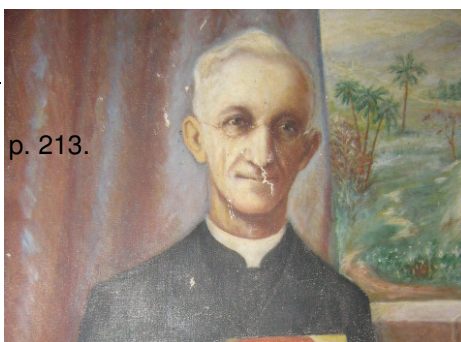
As congregações religiosas tornaram-se elementos imprescindíveis para a consolidação de nova fase da Igreja aqui no país. A atuação dos padres estrangeiros foi notadamente importante para o desenvolvimento do movimento reformador iniciado desde a primeira metade do século XIX.

A história dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus também é recente, se comparada às primeiras ordens e congregações que se estabeleceram no Brasil, nos primórdios da evangelização.

<sup>132</sup> SUESS, 2004, p. 09.

<sup>133</sup> HOORNAERT, 1979, tomo II, p. 213.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 213.



**Foto n. 2 - Pe. Leão Dehon, fundador da Congregação do Padres do Sagrado Coração de Jesus<sup>135</sup>**

Após o episódio do Equador, novos convites foram aceitos e a congregação dos padres dehonianos iniciou atividades missionárias em vários lugares do mundo. O primeiro sacerdote dehoniano a chegar ao Brasil, em 03 de fevereiro de 1893, foi o Pe. Sebastião Miquet, que tinha participado da missão no Equador.<sup>136</sup> Veio incumbido de exercer a função de capelão em uma fábrica nos arredores da cidade do Recife. O Pe. Sebastião Miquet, veio ao Brasil, a pedido de um engenheiro brasileiro chamado Carlos Alberto de Menezes, que chegara ao Recife para trabalhar na construção da linha férrea. Já em 1892, Dr. Carlos Alberto Menezes fundou a Companhia Industrial Pernambucana, sediada em Camaragibe, cidade próxima ao Recife<sup>137</sup>.

O Pe. Polman explica que Carlos Alberto de Menezes teve contato com os sacerdotes dehonianos quando excursionou pela Europa, a fim de adquirir o maquinário necessário para o início das atividades da Companhia Industrial Pernambucana. Na França, por intermédio de Léon Harmel, industrial francês, o Dr. Carlos conheceu o trabalho dos dehonianos:

Dr. Carlos Alberto ficou entusiasmado com a organização social e religiosa da fábrica, onde desde 1887 o padre Charcosset, S.C.J e seus colegas estavam trabalhando como capelães, seguindo a

---

<sup>135</sup> Padre Leão Dehon. Óleo sobre tela, pintado pelo Pe. Francisco Geraedts, provavelmente entre os anos de 1925 e 1926. Exposto no rol de visitas da Casa Central da Província Setentrional do Nordeste, situada no Bairro da Várzea – Recife-PE.

<sup>136</sup> POLMAN, 1986, p. 33.

<sup>137</sup> *Ibid.* p. 15.



doutrina social e religiosa da Encíclica “Rerum Novarum”, propagada pelo Pe. Dehon. Léon Harmel formava com o Conde de Mun e o padre Dehon, a vanguarda da aplicação da Rerum Novarum de Leão XIII na França. Harmel convidou o Pe. Dehon para conhecer o Dr. Carlos Alberto e conseguiu que esse cedesse um de seus padres para ser capelão da futura fábrica de Camaragibe.<sup>138</sup>

No mesmo período, a congregação recebeu a incumbência de administrar uma paróquia na cidade de Tunis, na África do Sul<sup>139</sup>. Com a ida à África do Sul, iniciou-se um trabalho de expansão para outras frentes missionárias:

É em 1897 que a Congregação aceita a missão que lhe pesará mais, a do antigo Alto-Congo, hoje Zaire, que mais missionários precisará e mais padres ceifará, em mortes pelo clima e mártires pela fé. O mesmo padre Grison, do Equador, e o padre Lux, que depois será ainda um dos fundadores da província sul-brasileira, são os pioneiros. Entre 1897 e 1901 doze missionários são obrigados a voltar para a Europa. E até 1903 mais doze seguem para lá.<sup>140</sup>

As fatalidades da África não atemorizaram o Pe. Dehon, que continuou incentivando a formação de novos missionários comprometidos com a propagação da palavra de Deus e da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O próximo país em que os dehonianos deveriam atuar seria o Brasil. O Pe. Pedro Graff, em seu caderno de anotações, na página 22, descreve o desejo do fundador da congregação de dar continuidade à missão e enviar sacerdotes para o Brasil:

Nosso Rev. Pe. Geral, em suas visitas às escolas de Claire Fontaine, procurava sempre excitar nos meninos o desejo das missões. Todos deviam se preparar para serem missionários, para ir pregar a devoção ao D. Coração de Jesus. Já temos duas missões, dizia ele, uma no Congo entre os selvagens, mas esta é para corajosos, fortes, dispostos para os sacrifícios heróicos e até a vida. Mas preciso também de padres para o Brasil, uma terra católica, onde faltam os sacerdotes e nós devemos ir ajudar os poucos para propagar a devoção ao D. Coração de Jesus. Mas o Brasil é uma terra boa, toda moderna, que não exige grandes sacrifícios nem saúde extraordinária.<sup>141</sup>

Os padres dehonianos eram conhecedores da realidade brasileira da época. Chegamos a essa conclusão ao averiguarmos o compêndio escrito pelo Pe. Polman, no qual cita os mais importantes fatos ocorridos no Brasil durante o século XIX, inclusive as dificuldades existentes na relação entre a Igreja nacional e o Estado imperial. Contudo, alguns dados eram desconhecidos, principalmente por

<sup>138</sup> POLMAN, 1986, p. 15-17.

<sup>139</sup> *Ibid.* p. 13.

<sup>140</sup> *Ibid.* p. 13.

<sup>141</sup> *Ibid.* p. 14.

parte do Pe. Dehon. Afirma o mesmo Pe. Polman ser “duvidoso que o Padre Dehon tivesse conhecimento da extensão do país, dos seus problemas sociais, da extrema escassez de sacerdotes, enfim do terreno missionário que o esperava na América do Sul”.<sup>142</sup>

A missão dos padres do Sagrado Coração, no Nordeste brasileiro, foi pautada nos princípios erigidos pela congregação: a difusão da devoção ao Divino Coração de Jesus e a promoção social do povo. Este foi um elemento impactante da missão: a atuação em uma difícil realidade social. O Nordeste sofria exaustivamente com as secas e outras calamidades decorrentes das intempéries da natureza.

Aliado a esse fator, estava a conjuntura política que não favorecia melhores condições de vida para as populações mais afastadas dos grandes centros urbanos. Em tal contexto, a ação dos sacerdotes dehonianos não foi só de auxílio espiritual, mas de resgate da noção de ser gente, de dignidade humana. O Nordeste brasileiro tornou-se campo fértil para as atividades missionárias dos sacerdotes dehonianos. Para o Pe. Polman, a ignorância e a força da crença dos homens e mulheres que habitavam esta região tornou-se incentivo para a ação evangelizadora. Os sacerdotes dehonianos, em diversas oportunidades, eram localizados em paróquias que tinham sérias dificuldades, tanto na vida religiosa, como financeira:

É nesse mundo do Nordeste Brasileiro, com seu povo ignorante, pobre e crédulo, e seus dirigentes, proprietários, industriais, políticos e dignitários eclesiásticos. Entre uns e outros estão os nossos padres, a quem os bispos apenas confiam as paróquia mais isoladas e abandonadas de sua jurisdição.<sup>143</sup>

Sobre a percepção da realidade, por parte dos sacerdotes dehonianos, julgamos pertinente ainda transcrever trecho do relato do Pe. Sebastião Miquet, o primeiro missionário estabelecido nestas terras: “É gente muito pobre, mas cheia de respeito pelo sacerdote. É fácil falar da pobreza do menino Jesus, nascido num estábulo, pois a condição deles é semelhante, às vezes pior; pela falta de roupa decente, a maioria é vestida de farrapos”.<sup>144</sup>

A dura realidade do povo nordestino, especificamente das comunidades pobres em volta do Recife, não desanimou os sacerdotes dehonianos, que

---

<sup>142</sup> POLMAN, 1986, p. 15.

<sup>143</sup> *Ibid.* p. 21.

<sup>144</sup> POLMAN, 1986, p. 35.

continuaram suas atividades missionárias, visando, em seguida, ao estabelecimento no interior do Estado. No final do ano de 1902, os sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus tinham formado uma pequena comunidade, sediada em um bairro periférico da cidade do Recife – a Várzea:

A pequena comunidade SCJ, centrada na Várzea, inicialmente seria o pequeno mundo deles, entendendo pouco a língua, quase nada do que se passava lá fora, com preocupações imediatas da cura das almas, da catequese, da própria subsistência e dos consertos urgentes das Igrejas e capelas das paróquias, todas elas em estado deplorável.<sup>145</sup>

A partir da casa central, na Várzea, progressivamente, os padres dehonianos se lançaram em outras atividades missionárias. No final de 1906, os sacerdotes do Sagrado Coração já estavam presentes em várias diferentes localidades: Camaragibe, Goiana, Várzea, Casa Forte, São José da Lage e São Lourenço.

Essa expansão foi alargada por causa dos contatos estabelecidos com o bispo diocesano de Maceió, em 1907, por ocasião de uma visita oficial do Padre Geral da Congregação. Nos contatos, foi firmada a posse da paróquia de Porto Calvo, no litoral norte de Alagoas. Em 24 de fevereiro do mesmo ano, o Pe. Longino Van Heugten foi transferido para Porto Calvo.<sup>146</sup> O relato da presença do Pe. Dehon em meio à comunidade foi registrado pelo Pe. Pedro Graff em seu caderno de anotações pessoais. Essas informações foram extraídas de um pequeno compêndio escrito pelo Pe. Dehon, no qual, o superior geral da congregação expõe suas impressões sobre a visita a Pernambuco.

Pe. Pedro Graff deixou em seu caderno de anotações um relato sobre a visita a Camaragibe:

Domingo, 16 de setembro, grande festa de Nossa Senhora das Dores, na Matriz da Várzea. O padre geral assiste e aprecia as solenidades daqui. Pela tarde vai a Camaragibe. É recebido pela corporação, visita a vila operária, dá a bênção na capela e depois janta na casa de Dr. Collier. Ele volta de Camaragibe muito bem impressionado e satisfeito de ver o bom andamento das obras operárias, pelas quais ele se interessa especialmente.<sup>147</sup>

A estada do superior geral da congregação entre os padres que estavam no Brasil tornou-se um elemento natural de motivação para a continuação dos

<sup>145</sup> *Ibid.* p. 47.

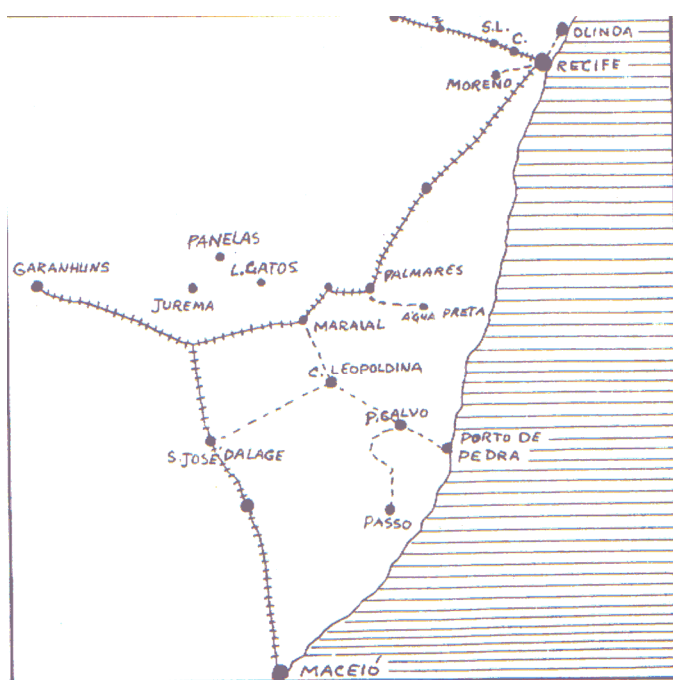
<sup>146</sup> *Ibid.* p. 75.

<sup>147</sup> POLMAN, 1986, p. 67-69.

trabalhos. Após sua passagem por Pernambuco, iniciou-se uma expansão em direção ao interior de Pernambuco e ao Estado de Alagoas.

A chegada dos padres dehonianos à região do litoral norte de Alagoas proporcionou sua inserção na Região da Mata Sul de Pernambuco, através da assistência religiosa prestada às comunidades existentes. Destacou-se, naquela fase, a presença de sacerdotes de origem holandesa, cuja atuação inaugurou um novo tempo nas atividades missionárias da congregação.

A presença dos padres do Sagrado Coração de Jesus naquelas regiões foi determinante para o êxito da missão dos dehonianos no Norte-Nordeste. Como já mencionamos, a extensão das atividades para o interior revelou a essência do sentido buscado na prática missionária daqueles sacerdotes. Entre 1904 e 1930, a ação dos dehonianos se concentrou especificamente nessas duas regiões, conforme destaque da imagem seguinte.



mapa da ação dos padres SCJ de 1904 a 1930

### Mapa n. 1 - localidades atendidas pelos padres do Sagrado Coração de Jesus<sup>148</sup>

O Pe. Jorge Polman descreveu como a missão no Norte-Nordeste do Brasil se tornou a primeira bem sucedida da Congregação, visto que a situação da missão, na África, era diferenciada, e lá, os objetivos esperados não foram alcançados.

<sup>148</sup> POLMAN, 1986, p. 60.

Era a primeira missão com bom êxito da congregação, e seja dito sem exagero, missão que persistiu graças à tenacidade desses padres, pois com tão poucas perspectivas e tão pouco pessoal, poderiam eles ter regressado às suas respectivas pátrias. Permaneceram, no entanto, não por comodidade e sim pela necessidade do socorro espiritual aquele povo abandonado, ignorante e crédulo de quem chegaram a amar a simplicidade, alegria e desprendimento, enfim assimilaram o seu espírito e tornaram-se “brasileiros” com eles.<sup>149</sup>

A ereção de duas novas províncias independentes da direção central da Congregação: a Província do Oeste, abrangendo a França, a Bélgica e a Holanda, e a Província do Leste Europeu, contendo a Alemanha e Luxemburgo<sup>150</sup>, foi determinante para o desenvolvimento dos trabalhos no Norte-Nordeste brasileiro. Com essa divisão específica, a região da Mata Sul de Pernambuco e do Norte de Alagoas tornou-se o campo de atuação dos sacerdotes dehonianos, mais especificamente dos holandeses que provinham da Província do Oeste. Conforme explica o Pe. Polman, o Pe. Francisco, após sua ordenação sacerdotal, foi localizado na Região Oeste e passou a integrar a província responsável pelo envio de sacerdotes para o interior de Pernambuco.<sup>151</sup>

O Pe. Francisco foi contemporâneo do fundador da Congregação e, dessa forma, pôde absorver o fervor inicial dos trabalhos realizados pelos Padres do Sagrado Coração de Jesus. O carisma primitivo da ação dos dehonianos foi impregnado na sua formação. Pe. Francisco iniciou suas atividades na congregação em 1897, ingressando no postulante na cidade de Littand, na Bélgica.<sup>152</sup>

O jovem postulante, ao ingressar na vida religiosa, deparou-se com uma Congregação influenciada pelas ideias da Encíclica *Rerum Novarum*, como já mencionamos. A Europa, no final do século XIX, vivia diversas transformações, tanto políticas quanto econômicas. Naquele contexto de mudanças, o jovem Francisco Geraedts decidiu ingressar na Congregação, respondendo ao chamado para trabalhar na evangelização do mundo operário, bem como para servir nas missões que a Congregação poderia realizar.

O recurso aos depoimentos orais, neste trabalho, foi motivado por percebermos nele uma forma de resgatarmos fragmentos da memória daqueles que

---

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>151</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>152</sup> Ficha Cadastral dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Arquivo Provincial da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Casa Central, Recife – PE.

conviveram com o Pe. Francisco. Para utilização deste método, fundamentamo-nos na visão do professor Newton Cabral:

Quando fazemos uso, em nossas pesquisas, dos depoimentos orais, fica claro que a memória é a forma como se interioriza a história imediata, e que essa interiorização é feita com o mundo de significados que alcança cada depoente. Portanto o depoimento pode aproximar-se ou distanciar-se do registro imediato do documento escrito, uma vez que o cenário da memória é um campo de experiências que abrange também o inconsciente. Em decorrência, ao perceber um distanciamento, em vez de rejeitá-lo, cabe ao historiador perguntar o porquê dessa distância.<sup>153</sup>

Utilizando deste instrumento de grande valia no desenvolvimento desta pesquisa, não deixamos de fazer uso também de depoimentos escritos. Esse foi o caso de um da lavra de Maltanir Noronha, cujo nome civil era Carlos Pinto Noronha (ordenado no dia 20 de julho de 1948).<sup>154</sup> Na primeira parte de seus escritos, Maltanir Noronha descreve a figura singular do Pe. Francisco Geraedts:

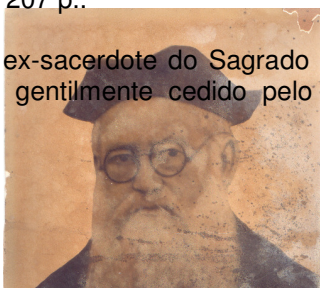
Inconfundível era a sua figura. Batina preta surrada e, não raro, com remendos indiscretos bem à mostra. Cordão, também preto, cingindo-lhe a cintura e de pontas longas, entremeadas de três nós, que desciam até o tornozelo esquerdo, com pingentes de lã nas extremidades. Os nós simbolizavam os compromissos religiosos de pobreza, obediência e castidade, assumidos perante a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, na qual se incorporara desde a juventude. Estatura média, corpo robusto, olhos vivos, expressivos, nariz afilado, vasta barba a escorrer-lhe da face. Inseparável boina preta na cabeça, écharpe curta, de igual cor, em volta do pescoço taurino, como a protegê-lo do suor, alpercatas escuras e andar claudicante, em decorrência de grave acidente sofrido anos atrás, e que deixara seqüelas permanentes em uma das suas pernas.<sup>155</sup>

A descrição que fez dos traços fisionômicos do Pe. Francisco pode ser visualizada na fotografia mais recente que dele encontramos nos Arquivos da Paróquia de São José da Agonia, em Água Preta. Conforme as palavras do Pe. Maltanir, sua aparência era a de um homem robusto, que deixava transparecer, no próprio semblante, o sentido da escolha que fez quando decidiu ingressar na vida religiosa. Encontramos esta foto anexada ao Livro de Tombo n.º 01, próximo ao

<sup>153</sup> CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre a história e as ciências da religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**. Recife, ano IV, n. 4, p. 2005, 207 p..

<sup>154</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 69.

<sup>155</sup> Depoimento de Maltanir Noronha, ex-sacerdote do Sagrado Coração de Jesus, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.



relato de sua morte, provavelmente guardada pelo ultimo sacerdote dehoniano que exerceu a função de administrador paroquial em Água Preta, o Pe. Liberato Pereira de Queiroz.

**Foto n. 3 - Pe. Francisco Geraedts – Vigário de Água Preta<sup>156</sup>**

Maltanir continua sua descrição destacando traços da figura do Pe. Francisco:

O que mais impressionava na figura do Padre Francisco era sua expressão de bondade, o acolhimento cristão largo, fraterno, traduzido na ajuda generosa a quantos o procuravam, e por ele carinhosamente chamados de “filhos”. Sacerdote íntegro, missionário apaixonado, evangelizador incansável e, sobretudo, irresistível pela coerência entre as palavras bíblicas que anunciava e o testemunho de sua vida pessoal. Carregava Padre Francisco o carisma vivo de homem de Deus. Essa impressão de infância, por mim colhida naqueles contatos rápidos dos retiros anuais, na Escola Apostólica da Várzea, onde fazíamos os estudos preparatórios, base inicial da formação para a vida religiosa e sacerdotal na Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, veio a se consolidar e enriquecer durante minha permanência na casa do Noviciado, então sediado na cidade de Água Preta, onde Padre Francisco integrava a pequena comunidade como vigário da paróquia. Na convivência diária de muitos e muitos meses, comecei a conhecer e sentir de perto as virtudes daquele sacerdote. Desprendimento de bens materiais e despojamentos de conforto eram marcas constantes de sua vida. Vestia-se pobremente, alimentava-se frugalmente e negava-se a qualquer privilégio.<sup>157</sup>

“Carregava o Pe. Francisco o carisma vivo de homem de Deus”. Pe. Francisco era um sacerdote carismático, diferenciado, criativo. Sua ação e liderança

---

<sup>156</sup> Foto pertencente ao Arquivo da Paróquia de São José da Agonia. Datada de 1940.

<sup>157</sup> Depoimento de Maltanir Noronha ex-sacerdote do Sagrado Coração de Jesus, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.

como ser carismático pode ser entendida no recurso à definição de carisma elaborada por Max Weber:

É uma qualidade pessoal considerada extra-cotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas, quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extra-cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como 'líder'.<sup>158</sup>

O carisma<sup>159</sup> do Pe. Francisco, evidenciado na sua ação, rendeu-lhe rapidamente o respeito e a confiabilidade dos fiéis, primeiramente em Colônia Leopoldina e, logo após, na comunidade de Água Preta. Esses traços significativos da ação pastoral do Pe. Francisco ainda são lembrados nos dias atuais por aqueles que guardam em sua memória as lembranças da passagem do sacerdote dehoniano por aquelas localidades.

A ação pastoral do Pe. Francisco aconteceu em um momento muito importante para a Igreja no Brasil. As transformações ocorridas logo após a consolidação do novo regime político e a separação da Igreja em relação ao Estado deram nova conotação à evangelização no país. Colaborando com a missão desenvolvida pelos sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, no decorrer de suas atividades, o Pe. Francisco fincou raízes profundas no Brasil, particularmente na comunidade de Água Preta, onde, por vinte e seis anos, foi vigário paroquial.

Porém sua história e seu trabalho não se iniciaram na comunidade de Água Preta. Seu primeiro local de atuação foi o distrito de Colônia Leopoldina, comunidade pertencente à Paróquia de Porto Calvo. Relata o Pe. Jorge Polman a chegada de Pe. Francisco à comunidade de Colônia Leopoldina.

A partir de 3 de abril de 1913, para maior comodidade dos padres de Porto Calvo, é fundada a nova residência paroquial em Colônia Leopoldina. Esta pequena vila, nos confins da Paróquia de Porto Calvo, exige esforço demais para sempre ser atendida a cavalo. Como Pe. Francisco Geraedts, recém-chegado, ainda não tem muita

<sup>158</sup> MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 79-80.

<sup>159</sup> *Ibid.*, p. 79-80. Weber nos fala sobre a teoria do Carisma através da Sociologia Geral e não somente a da Religião. Também nos fornece uma importante contribuição à teoria da mudança social, mostrando influxo das idéias religiosas no surgimento de comportamentos inovadores. A Teoria Weberiana do Carisma, introduz elementos dinâmicos na concepção linear da abordagem durkheimiana, fornecendo assim uma perspectiva de ligação com a gênese da religião à questão do seu futuro.



coisa a fazer, ele e o irmão Aleixo fixam morada lá com permissão do bispo de Maceió, D. Manuel Lopes.<sup>160</sup>

Sua atuação em Colônia Leopoldina foi marcada, naquele momento, pelas mudanças que ocorriam na Igreja do Brasil. Sua adaptação ao local foi rápida, logo iniciou seu trabalho pastoral, conhecendo a realidade da comunidade, bem como os desafios que deveriam ser ultrapassados.

## 2.2 Colônia Leopoldina (1913 a 1927)

As premissas da religião comparada são de que a religião é uma forma universal de cultura que precisa ser entendida antes de ser explicada, e que entendê-la significa conhecer seus padrões e variedades transculturais de uma perspectiva equilibrada.<sup>161</sup>

Ao chegar a Colônia Leopoldina, o Pe. Francisco logo percebeu que a Igreja Matriz da comunidade estava totalmente deteriorada, precisando, com urgência, de reformas estruturais, para que o culto divino pudesse ser realizado com dignidade. Segundo o Pe. Polman, o sacerdote recém-chegado tinha uma expectativa relacionada à comunidade e ao novo país no qual passara a viver. Porém, logo no início de suas atividades pastorais, percebeu que a realidade e as condições precárias da vida do povo não eram dignas e que até mesmo a religião não era praticada como deveria. O povo não participava da vida religiosa da comunidade, o que mudaria completamente após a sua chegada.<sup>162</sup>

As próprias palavras do Pe. Francisco explicam sua impressão sobre a realidade do povo e da comunidade que passara a ser de sua responsabilidade. Esse depoimento foi encontrado nas anotações de um dos sacerdotes que foi seu contemporâneo, o Pe. Pedro Graff, cujo caderno serviu de base documental para a produção do histórico da presença dos padres do Sagrado Coração de Jesus no Norte-Nordeste do Brasil. Em suas anotações o Pe. Pedro registrou a impressão descrita pelo Pe. Francisco ao chegar a Colônia Leopoldina.<sup>163</sup>

Quando chegamos em Colônia, a situação era precária sob o ponto de vista religioso. Não havia Igreja nem dinheiro, nenhum vestígio

<sup>160</sup> POLMAN, 1986, p. 87.

<sup>161</sup> PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 123.

<sup>162</sup> Texto encontrado no caderno de anotações manuscritas, pertencente ao Pe. Pedro Graff. *In*: POLMAN, 1986, p. 87.

<sup>163</sup> POLMAN, 1986, p. 02.

de vida religiosa. A confissão totalmente desconhecida. Por meio de exercícios extraordinários consegui reunir o povo. Toda noite havia pregação com explicação do catecismo e bênção do Santíssimo. No princípio o povo veio por curiosidade ou para passar o tempo, depois para satisfazer o seu desejo religioso. Após um ano já mais de 5000 pessoas freqüentavam os santos sacramentos e a freqüência continua. Acontece que grupos de vinte homens e mulheres vêm de longe, às vezes de 60 km de distância. Quando eles chegam vão sem demora à Igreja improvisada, se sentam no chão e ficam olhando para a imagem de Nossa Senhora. Cantos conhecidos durante a Santa Missa, acompanhados de harmônio portátil, aumentam a devoção. Terminada a Missa, dou a bênção com o Santíssimo envolvido de pequenas nuvens de incenso. Depois do ato religioso, quer de manhã quer de noite, cada um vai ajudar a construção da igreja e carregar o material: areia e pedras do rio, o qual corre a pouca distância da Igreja. Acontece que pequenos grupos, vindos de longe, pernoitam na igreja. Então eu sou obrigado a fornecer-lhes um pedaço de pão para evitar que voltem para casa em jejum. Antes de sair todos pedem a minha bênção sacerdotal.<sup>164</sup>

O relato do Pe. Francisco evidencia a realidade da comunidade, agravada por estar afastada das cidades maiores. Sensível ao abandono religioso no qual vivia o povo, o Pe. Francisco tratou de incentivar a participação nas celebrações comunitárias e nos trabalhos de construção da Igreja do local. Chama a atenção, no relato do vigário, que, em tempos tão difíceis, muitas pessoas tenham procurado participar da vida religiosa, depois que passaram a contar com a presença do Pe. Francisco Geraedts.

A passagem do Pe. Francisco por Colônia Leopoldina durou quatorze anos. Lá ele trabalhou de 1913 a 1927. Segundo o Pe. Polman, embora fosse oficialmente localizado em Colônia Leopoldina, constantemente o Pe. Francisco não era encontrado na comunidade, visto que, naquele período, viajava muito para o Recife e outras cidades e lugarejos do Estado, ora para encontros na Casa Central na Várzea, ora para realizar atividades missionárias, como reforça em seus escritos Maltanir Noronha:

Excelente pregador expressava-se bem em língua portuguesa e sabia, como ninguém, adaptar seu vocabulário à simplicidade do auditório, por todos fazendo-se entender mesmo quando abordava complexos temas teológicos. Arrebatava os ouvintes e levava-os a grandes manifestações de fé. Nas cidades onde pregava as Santas Missões deixava lembranças imorredouras. Era impressionante assistir o entusiasmo popular ao vê-lo chegar em seu pequeno automóvel preto (na época, chamado de “Baratinha”), para o início

---

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 89.

das missões. Na Mata e no Agreste de Pernambuco continuamos a escutar, tantos anos decorridos, o eco de sua passagem.<sup>165</sup>

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos sacerdotes holandeses, nesta região, eram as doenças locais, como a febre amarela e a tuberculose, que atormentavam a estada dos padres. O Pe. Polman destaca como um dos momentos difíceis vividos pelo Pe. Francisco nos primeiros momentos de sua estada no Brasil, quando um de seus companheiros, que estava em Porto Calvo, caiu em convalescença.

A saúde do Padre Tiago Van Diepen era fraca demais para estas viagens de cavalo. Em julho de 1913, ele caiu gravemente doente em Porto Calvo, provavelmente tuberculose. Alarmado, Pe. Francisco vem visitá-lo em tempo chuvoso de inverno. Entretanto, o próprio Pe. Tiago mandou-o voltar logo para C. Leopoldina, não obstante o tempo. Em agosto, porém, Pe. Edmundo Kleipool pede, por telegrama, ao Pe. Francisco que venha novamente, por que Pe. Tiago está piorando a cada instante. Dez dias depois, no dia 30 de agosto, Pe. Tiago morre e é enterrado na Matriz.<sup>166</sup>

Com a explosão da primeira grande guerra, na Europa, os sacerdotes estrangeiros da congregação voltaram a atenção para as notícias que vinham do velho continente. A guerra trouxe consigo medo, desolação e tristeza, mesmo sendo um mecanismo presente na história das sociedades. A Primeira Guerra Mundial se apresentou como um conflito diferenciado. Os brilhantes avanços da ciência e da industrialização levaram as potências do velho continente a um choque de forças, gerando o que o historiador Eric Hobsbawm classificou como a era dos massacres.<sup>167</sup>

No mesmo ano em que se iniciou a grande guerra mundial, faleceu o papa Pio X, sendo sucedido por Bento XV, que teve que enfrentar todas as adversidades do conflito mundial em seu pontificado. O historiador Roger Aubert explica o contexto da eleição do novo pontífice, suas dificuldades e a origem de seu nome:

O novo papa, nascido numa família nobre, de Gênova, a 21 de novembro de 1854, acompanhou Rampolla em sua nunciatura na Espanha e, quando este se tornou secretário de Estado, em 1887, trabalhou como seu secretário particular durante aproximadamente quinze anos, sendo muito considerado por duas qualidades que possuía em grau bastante raro: sua memória e sua discrição.

<sup>165</sup> Depoimento de Maltanir Noronha, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.

<sup>166</sup> POLMAN, 1986, p. 89.

<sup>167</sup> HOBBSAWM, Eric. **A era dos Extremos**. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 32.

Nomeado substituto da secretaria de Estado, continuou a ocupar o cargo durante os primeiros anos do pontificado de Pio X; contudo, eram grandes as diferenças entre seu modo de encarar a política da Igreja e o novo espírito que prevalecia no Vaticano. Por isso, em outubro de 1907, foi nomeado arcebispo de Bolonha e, embora o cargo fosse cardinalício, teve de esperar até maio de 1914 para receber o chapéu. Tratava-se, portanto, de um diplomata da escola de Rampolla que chegava ao trono de São Pedro; no entanto Della Chiesa era também o pastor, que, já em Roma, consagrava boa parte de seu tempo livre ao ministério, além de ter sido um arcebispo zeloso e querido. Escolheu o nome de Bento em lembrança de Bento XIV, que, como ele, fora arcebispo de Bolonha.<sup>168</sup>

Em 1914, foi inaugurada uma fase intensa de conflitos que marcaram profundamente a história do século XX. As guerras, os massacres e as novas tecnologias deram um novo direcionamento aos rumos do processo histórico contemporâneo. A Igreja viveu intensamente aquele momento e se pronunciou por meio da voz de seus pontífices. A história suportou o período das guerras, a humanidade ultrapassou a fase, mas as sequelas ficaram marcadas nos povos que se envolveram naquele universo de horror. Hobsbawm enfatiza:

“A humanidade sobreviveu”. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofes devem começar pela guerra mundial de 31 anos.<sup>169</sup>

Durante os anos de guerra na Europa, o Brasil viveu momentos agitados, quando várias manifestações sociais ocorreram durante a chamada República Velha. Essas manifestações sociais ganharam muita força no país, principalmente durante as primeiras décadas do século XX. Revoltas explodiram contestando diversas atitudes do governo republicano, transformando aquele período em um momento extremamente delicado no contexto de desenvolvimento e afirmação do regime republicano.<sup>170</sup> A Igreja nacional continuava imprimindo o ritmo de seu projeto: a estruturação de um Estado católico, influenciando, de forma evidente e constante, as classes sociais então existentes. Naquele momento, uma figura chave

---

<sup>168</sup> AUBERT, Roger. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1976. tomo II, p. 98.

<sup>169</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 30.

<sup>170</sup> CALDEIRA, 1997, p. 244-245.

despontou no cenário eclesiástico nacional. Mentor do projeto para o qual a Igreja estava voltada, D. Sebastião Leme tornou-se o mais evidente representante da romanização na hierarquia nacional. Seus atos e sua atuação estratégica, em diálogo com as forças políticas, foram determinantes para os novos rumos da Igreja no Brasil:

O principal mentor desse projeto foi o Arcebispo Dom Leme. Ao tomar posse da Arquidiocese de Olinda, em 1916, Dom Leme publicou uma carta pastoral sobre o ensino religioso, que passou a ser considerada, a partir dos anos 1920, como um verdadeiro programa de ação pastoral para todo o país. Tal era, de fato, a intenção do arcebispo, conforme sua própria declaração: “Desconhecendo ainda as circunstâncias locais de nossa arquidiocese, queremos tratar daquilo que, no Brasil de hoje, mais necessário nos figura”.<sup>171</sup>

A posse de D. Leme como arcebispo de Olinda e Recife foi observada pelos sacerdotes dehonianos. O Pe. Polman relata esse acontecimento no compêndio sobre a história dos sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Seu governo na arquidiocese de Olinda e Recife o projetou para o cenário nacional, suas diretrizes pastorais passaram a coordenar a ação evangelizadora em todo o país. Dom Leme colocou em prática suas ideias, conforme oportuna análise de Severino Vicente da Silva, designando o período de governo do prelado como o “nascimento da neocrisandade”.<sup>172</sup>

No mesmo ano em que D. Leme assumiu a arquidiocese de Olinda e Recife, em Colônia Leopoldina, o Pe. Francisco iniciou uma aventura pessoal que marcaria a sua vida por aproximadamente dez anos. Foi a famosa busca do suposto tesouro de Serra Azul, constituindo um episódio cuja evocação, neste trabalho, torna-se, de certo modo, engraçada e curiosa. A mesma façanha foi evidenciada pelo historiador da congregação que chamou a iniciativa do Pe. Francisco de “cavando tesouro”.<sup>173</sup>

Segundo Everaldo Araújo Silva, a partir de 1916, o Pe. Francisco e o Ir. Aleixo iniciaram uma aventura pessoal que teria como consequência a criação de um mito sobre um suposto tesouro deixado pelos compatriotas holandeses no período em que a Holanda governava as principais capitanias nordestinas, e a então

---

<sup>171</sup> AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**. Terceira época – 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11.

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>173</sup> POLMAN, 1986, p. 91.

vila de Leopoldina pertencia a uma rota específica que se iniciava no sertão e terminava no desembocar do rio São Francisco. Esse tesouro seria uma botija, que teria no seu conteúdo uma riqueza que poderia garantir a quem tivesse sua posse uma fortuna considerável. O mesmo explica que

houve, a partir de mais ou menos 1916 até princípios de 1918, a formação da dupla de arqueólogos, Pe. Francisco e Ir. Aleixo, quando deram início ao estudo e às pesquisas do sítio ou local onde havia marcas, sinais, e inscrições passadas despercebidas aos menos avisados, porém eles resolveram decifrar o enigma estabelecido pela nossa modesta esfinge.<sup>174</sup>

A Serra Azul ficava a aproximadamente quatro léguas de caminhada da vila de Leopoldina, e desse local foram retiradas as pedras necessárias para a reconstrução da igreja matriz da localidade, “carregadas em romaria pelos fiéis penitentes sob as severas ordens do Pe. Francisco”. Durante os anos de reforma da igreja matriz, por diversas vezes, foi possível observar as romarias vindas de Serra Azul.<sup>175</sup>

As pessoas que trabalhavam incansavelmente nas obras de reforma da igreja da vila de Colônia, ao mesmo tempo que realizavam a obra, faziam uma experiência religiosa de contato com o sagrado, no ato de refazer a estrutura do templo para realizar cultos agradáveis a Deus. Incentivados pela liderança carismática do Pe. Francisco, a atividade se tornou uma profunda experiência com a religião e com o que ela tem de mais sagrado. Sobre a experiência religiosa, José Severino Croato explica:

A experiência religiosa é “humana” e que, justamente por ser assim, sua relação com o sagrado é essencial; da salvação concedida em plano diferente do humano; não há experiência religiosa que ignore o desejo de salvação.<sup>176</sup>

O tesouro de Serra Azul<sup>177</sup> foi incansavelmente procurado, porém nada foi encontrado. Em 1972, passados exatamente 54 anos dessa aventura dos dois

<sup>174</sup> SILVA, Everaldo Araújo. **A colônia da Princesa**. Maceió: Indústria Gráfica Alagoana, 1982. p. 203.

<sup>175</sup> *Ibid.*, p. 203.

<sup>176</sup> CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 46.

<sup>177</sup> Há quem conte que houve sonhos reveladores da riqueza depositada nas entranhas daquele monumental monte de pedras, riquezas estas constituídas de ouro e prata dos saques presumivelmente levados a efeito pelos invasores holandeses, que chegaram a dominar a parte territorial do Nordeste brasileiro, trafegando com intensa movimentação do Maranhão às barrancadas do rio São Francisco, tanto pelo litoral quanto pelo interior, para se colocarem a salvo das investidas dos nativos que instintivamente praticavam a guerrilha desconcertante e devastadora para as forças

religiosos dehonianos, o Ir. Aleixo, que teve que voltar à Holanda por motivos de saúde, concedeu um depoimento ao Pe. Adriano Lagem, que obteve permissão para publicar os relatos sobre essa fantástica expedição do Ir. Aleixo e do Pe. Francisco, inclusive a divulgação do mapa composto pelos arqueólogos, situando as devidas informações sobre o local das escavações. Concluía o Ir. Aleixo:

Na minha opinião pessoal e pelo posicionamento, formato e caracteres, houve um culto religioso muito antigo, expresso na pedra. Trabalhei aqui um ano e meio. Descobri estas pedras, que pelas posições em que foram encontradas e o meticuloso trabalho para gravá-las, demonstra uma simbologia como que indicando o pedido de proteção contra as forças da natureza.<sup>178</sup>

O episódio da caça ao tesouro marcou a vida da comunidade da então Vila de Colônia e permanece até os dias atuais como o mais famoso mito local, preservado assim pelas gerações que cresceram escutando o relato dessa aventura proporcionada pelo Pe. Francisco e pelo Ir. Aleixo. Naquele momento, enquanto se desenvolvia tal episódio, na Europa, a Primeira Guerra Mundial desencadeava seus conflitos, colocando, frente a frente, as potências industriais do continente.

O desenvolvimento da guerra, na Europa, obrigou o governo brasileiro a tomar uma posição estratégica em relação ao conflito. Os blocos em disputa formaram alianças supranacionais. Mesmo não enviando tropas armadas, o Brasil se direcionou para o lado das forças democráticas, lideradas, naquele momento, pelos Estados Unidos da América. Essa posição interferiu na vida da Congregação dos Padres do Sagrado Coração, como enfatiza o Pe. Pedro Graaff, outro sacerdote estimado, considerado um líder, e uma voz que deveria ser escutada:

A declaração de guerra do Brasil à Alemanha provocou uma grande perseguição dos alemães e de todos os estrangeiros. Nós da

---

“batavas”, numérica e adestradamente superiores às da colônia lusitano-espanhola. O terreno pesquisado por ambos foi de um hectare, coberto por espessa vegetação e rodeado de mangues. Cautelosamente, foram-se aprofundando no túnel escavado na rocha viva, porque, à medida que os nossos dois arqueólogos avançavam, foram descobrindo indicações de perigo de morte e outros detalhes que indicavam surpresas incríveis, como armadilhas capazes de provocar instantâneo esmagamento com o despencamento de enormes pedras sobre quem ousasse penetrar e querer desvendar os segredos do seu exato conteúdo. Prosseguindo nesse meticuloso trabalho, foram encontrados sinais que indicavam terríveis explosões, caso fosse deslocada determinada pedra que vedava a passagem para uma terceira ou quarta câmara no interior do rochedo. Encontraram também a indicação de que, em determinado labirinto interior, havia uma considerável quantidade de água capaz de arrastar tudo quanto se lhe antepusesse, tamanho o volume armazenado no seu interior para obstar o ingresso do curioso que tentasse chegar mais perto do bem guardado tesouro. Bem protegido, por tantas e tão engenhosas armadilhas capazes de surpreender os que desconhecessem os sinais pouco esclarecedores encontrados nas paredes de suas múltiplas galerias (Cf. SILVA, 1982, p. 203-204).

<sup>178</sup> SILVA, 1982, p. 205.

Várzea não escapamos. Não se podia aparecer na rua e precisávamos de soldados na porta da igreja para podermos celebrar a missa. Estava marcada para 10 de novembro uma festa na Várzea, a benção das imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São José. D. Sebastião desejava que se deixasse a festa. Porém, sendo isto impossível, pediu-se proteção à polícia, e a festa passa-se sem novidade. No mesmo dia faziam-se correr boatos os mais contraditórios sobre Iputinga, e também estavam alguns soldados durante a missa. A Santa Casa retirou-nos a capelinha do Asilo do modo mais grosseiro. Sobretudo visavam o padre Estanislau e eis a razão por quê: desde o começo o padre Estanislau tinha uma grande amizade com o Sr. Almeida, dono da fábrica, porque ele ajudou muito na matriz. Porém, no mês de maio de 1914 houve uma certa divergência entre ele e a senhora do Sr. Almeida, D. Laura, e esta grande amizade degenerou em inimizade. Apesar de todos os esforços nossos e até do Sr. Arcebispo, D. Sebastião, não houve possibilidade de fazer a paz. Bem que o povo sensato da freguesia era do lado do nosso vigário, mas não faltaram os partidários do poderoso dono da fábrica. Estes aproveitaram a ocasião propícia para espalhar os boatos mais ridículos contra o vigário, assim, por exemplo, ele ter feito sinais luminosos da torre da igreja aos alemães. Aos 7 de novembro, D. Sebastião exige a retirada dos padres Bernardo e Estanislau. O padre Estanislau vai entender-se com D. Sebastião, porém, visto a campanha odiosa de antigos desafetos, este último acha melhor ele deixar a Várzea, e o padre Plácido é nomeado vigário da Várzea. Os padres Bernardo e Estanislau alcançam do chefe da polícia serem reconhecidos como não sendo mais alemães. Padre Bernardo pode de novo voltar para Camaragibe, mas padre Estanislau vai provisoriamente para Lage. No fim de 1917, ele vai morar em Porto Calvo.<sup>179</sup>

Tal impasse, ocorrido no Recife e em Camaragibe, não se restringiu somente a essas localidades: em outras comunidades em que os padres dehonianos estavam localizados, realizaram-se outros tipos de atos contra os padres estrangeiros, generalizando a idéia de que todos, aqui no Brasil, eram observadores dos alemães. Com muita habilidade e senso de fraternidade, os sacerdotes dehonianos conseguiram retirar do imaginário do povo essa visão pejorativa, construída a partir de boatos maldosos. A missão continuava nas paróquias por eles administradas e, no fim de 1918, seis paróquias já eram regidas por dehonianos: Camaragibe, Apipucos, S. José da Lage, Porto Calvo, Várzea e Colônia Leopoldina.<sup>180</sup>

A missão dos padres do Sagrado Coração de Jesus, e nela, as atividades pastorais desenvolvidas pelo Pe. Francisco ocorreram durante o desenvolvimento de um projeto nacional desenvolvido pelos prelados, que tinham como seu expoente e

<sup>179</sup> POLMAN, 1986, p. 97.

<sup>180</sup> POLMAN, 1986, p. 100.



representante o arcebispo de Olinda, D. Leme. Os reflexos das idéias de D. Leme chegaram à Paróquia de Água Preta, onde, naquele período, entre 1908 e 1926, houve um revezamento de sacerdotes seculares e religiosos na condução das atividades religiosas da comunidade, com destaque para a presença dos padres Carmelitas. Naquela fase, a paróquia foi conduzida pelos seguintes sacerdotes: Joaquim Alfredo da Costa Pereira (1908), Albino Júlio, que recebeu o título de pró-pároco (1915), Antônio Silvério Lagreca (1917), Frei José Maria Casanova (carmelita – 1918), José Apolinário Martins (1919), Virgínio Affonso (1920), Frei Miguel Maria Belido (carmelita – 1921), Eliodoro Franklin (1922) e Júlio Siqueira (1926).<sup>181</sup>

A atuação de D. Leme, ao promover o desenvolvimento de um projeto de sacralização da sociedade brasileira rendeu, mais tarde, a sua nomeação para a Arquidiocese do Rio de Janeiro. O projeto de sacralização da sociedade brasileira pode ser compreendido como uma ação decorrente da maior vinculação estabelecida com a Sé Romana, durante o processo de reforma do clero, ainda nos meados do século XIX. Essa vinculação se fortaleceu ainda mais após o episódio da separação da Igreja e do Estado republicano estabelecido.<sup>182</sup>

As bases desse projeto são explicadas por Riolando Azzi, quando afirma que “a proposta do episcopado era transformar o Estado republicano num Estado religioso”.<sup>183</sup> Dessa forma, se o pensamento da hierarquia eclesiástica girava em torno desse propósito, a ação pastoral e a evangelização decorreriam de atitudes que implementassem tal projeto. Uma das áreas específicas na qual a força das idéias católicas atuou foi a da educação. Isso ocorreu através da implantação do ensino religioso, que, de forma tendenciosa, seria controlado pela Igreja.

Sobre o ensino nas escolas, o próprio D. Leme foi incisivo em sua posição, como explica Azzi:

A própria laicidade do Estado moderno era vista pelo clero como expressão de uma guerra declarada à religião. É o que ressaltava D. Leme, ao referir-se ao ensino leigo adotado nas escolas públicas: “que se entende por ensino leigo? – Quer dizer: ensino neutro. Ensino neutro quer dizer não confessional, ensino que não professa religião alguma. Ora, se é *sem religião alguma* é anti-religioso”. E mais adiante completava: “em nossa pátria, mais do que em

<sup>181</sup> Arquivo da Paróquia de São José da Agonia – Histórico dos Sacerdotes, p. 01.

<sup>182</sup> AZZI, 2008, p. 12.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 13.

qualquer outra nação, o ensino leigo está em flagrante contradição com os sentimentos do povo”.<sup>184</sup>

Nitidamente, o arcebispo de Olinda e Recife defendia as ideias da romanização. Elas eram claras e evidentes em seus discursos, bem como em suas cartas pastorais, nas quais instruía as paróquias de sua diocese para o cumprimento e desenvolvimento de novas práticas, inspiradas no momento pelo qual passava a Igreja nacional. A figura de D. Leme não só representa a presença de um bispo atuante e comprometido com um objetivo definido. Representa, além disso, um divisor de águas na história da Igreja no Brasil, como afirma Raimundo Caramuru Barros:

Esse período foi, em parte, continuidade do legado pastoral deixado por Dom Leme, mas apresentou, ao mesmo tempo, significativos desdobramentos que influíram poderosamente na primavera de renovação da Igreja, experimentada ao longo da década de 1950.<sup>185</sup>

A trajetória eclesial de D. Leme foi importante para a consolidação do processo de renovação da Igreja nacional. O mesmo era, de fato, um autêntico produto da romanização:

O novo arcebispo de Olinda e Recife passara oito anos de formação em Roma, no Colégio Pio Latino (por isso falava fluentemente castelhano), em um período que coincidiu com os últimos anos do pontificado de Leão XIII. Desta maneira pôde respirar o clima de abertura que caracterizou este pontificado, no seu esforço de estabelecer pontes entre a Igreja e a nova sociedade, que emergia da Revolução Francesa e da Revolução Industrial e Científica.<sup>186</sup>

Sua memorável e pragmática Carta Pastoral, de 1916, tornou-se marco desta fase de renovação vivida pela Igreja nacional. Nos arquivos da Paróquia de Água Preta, encontramos uma série de medidas e orientações para que fossem cumpridas na paróquia. Do mesmo arquivo analisamos um documento doutrinário enviado ao padre diocesano, Antônio Silvério Lagreca, contendo todas as obrigações que o sacerdote deveria realizar enquanto estivesse à frente da freguesia. Posteriormente, em 1927, essas orientações foram determinantes para a ação pastoral do Pe. Francisco. O Pe. Lagreca registrou, no Livro de Tombo de número 01, do arquivo paroquial, que as orientações pastorais do novo Arcebispo

---

<sup>184</sup> AZZI, 2008, p. 13.

<sup>185</sup> BARROS, Raimundo Caramuru. Gênese e consolidação da CNBB no contexto de uma Igreja em plena renovação. In: INSTITUTO Nacional de Pastoral (Org.). **Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002)**: Jubileu de Ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 26.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p. 19.

revelam, de forma acentuada, sua inclinação para o movimento da romanização, bem como sua postura de pastor zeloso e comprometido com os interesses da Igreja e da evangelização naquele local. Diz o documento:

Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano de Olinda.

Fazemos saber que atendendo ao que por sua petição nos enviou a dizer o Reverendo Padre Antônio Silvério Lagreca, havemos por bem prever como pela presente provisão em aceitação encomendados da freguesia de Água Preta, deste Arcebispado, até 31 de dezembro de 1917, se antes não mandarmos o contrário, a qual a aceitação servirá como convém ao serviço de Deus e bem das almas dos paroquianos da referida freguesia, administrando-lhes os Sacramentos, ensinando a doutrina cristã principalmente aos jagunços e às pessoas rudes, fazendo o catecismo aos adultos uma vez por semana na forma da Encíclica *Arcebo Minudis* do S. P. Pio X, dando todas as bênçãos em que não intervalia o Óleo Sagrado, guardando em tudo as obrigações de bom pastor, encaminhando a redenção à mesma freguesia na forma do Sagrado Concílio Tridentino, Pastoral Coletiva e Constituições deste arcebispado, e lhe encarregamos muito boa direção das almas dos paroquianos da referida freguesia, do que dará conta a Deus Nosso Senhor. E na dita acuação haverá os emolumentos, frealos que legitimamente lhe pertencem. Bem assim o autorizamos a usar já igual tempo das seguintes faculdades:

1º Benzer paramentos e mais utensílios necessários para o Santo Sacrifício da Missa não intervindo o uso do Óleo Sagrado.

2º Benzer cruces e imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora e dos Santos do culto privado, segundo as fórmulas do Ritual Romano de Paulo V. Não poderá benzer bandeiras, estandartes que não sejam exclusivamente religiosos.

3º Fazer todas as outras bênçãos em que não intervém o uso do Óleo Sagrado e que podem ser delegados pelos prelados "jure ordinário" executadas forem a bênção da primeira pedra para edificação de uma Igreja e cemitérios para as quais é necessária licença Nossa especialíssima.

4º Absorver de todas as censuras reservadas ao Papa.

5º Habilitar cônjuges ad pateudum.

7º Benzer e impor "servatis servandis" os escapulários da S.S. Trindade, Paixão, Conceição, Dores e, fora da capital, onde não haver sacerdotes Carmelitas o escapulário de N. S. do Carmo de conformidade com a fórmula dada pelos religiosos da mesma Ordem e que se acham no apêndice do Ritual Romano.

E mandamos em virtude da santa obediência e debaixo das penas que estas favorecem a todos os paroquianos da dita freguesia recomendam o mesmo reverendíssimo Padre Antônio Silvério Lagreca por seu pároco, e como o estimem, obedeçam e bem tratem em tudo quando não obrigados. E para que estas inteiramente se observe, a publicará no primeiro domingo, ou dia festivo, a seus paroquianos, sendo antes registrada no livro de

tombo da paróquia e em nossa câmara. Dada e passada nesta cidade do Recife, sob nosso sinal e selo de Nossas Armas, aos 8 de janeiro de 1917. E eu Mons. José de Freitas Machado, secretário do Arcebispado e escrivão da Câmara Eclesiástica a escrevi.

+ Sebastião, Arcebispo.<sup>187</sup>

A Paróquia de Água Preta estava inserida no contexto do movimento da Romanização da Igreja. No decorrer do ano de 1918, ocorreu, no Recife, um grande Congresso Eucarístico. Esse evento contou com ativa participação dos padres do Sagrado Coração de Jesus, pois, nas paróquias por eles conduzidas, várias atividades foram realizadas, como procissões, ofícios e a oração do santo rosário.<sup>188</sup>

Ainda em 1918, houve um fato preocupante com o padre Francisco, pois ele e outro sacerdote ficaram gravemente doentes. Como já explicamos, as doenças locais eram um dos grandes desafios a serem superados pelos padres estrangeiros residentes no Brasil. Em seu depoimento, o Padre Pedro Graff enfatiza o temor existente em relação às doenças: “Não era de admirar que aquelas doenças contínuas minassem a coragem e o ânimo dos padres em relação ao pequeno número deles. Esses períodos alcançavam o caráter de uma verdadeira catástrofe. O medo da doença, que não poupava ninguém, por si já se tornava uma doença.”<sup>189</sup>

Rapidamente, o Pe. Francisco se recuperou da enfermidade e voltou às atividades missionárias na paróquia de Colônia Leopoldina. Quando ainda estava de repouso por causa da enfermidade, recebeu a visita do Pe. Humberto Limpens, Superior Geral da Congregação, que tinha uma admiração muito especial pelo padre Francisco, pois realizaram atividades juntos na Europa antes da vinda dele para o Brasil.<sup>190</sup>

Outro momento de relevância ocorrido no período foi a criação de uma nova diocese, tendo como sede a cidade de Garanhuns. A criação e instalação da nova diocese mudou a configuração da circunscrição eclesiástica de várias paróquias do interior de Pernambuco, sobretudo das paróquias da Arquidiocese de Olinda e Recife localizadas em cidades da região da cana. No momento da instalação da diocese, a paróquia de Água Preta era conduzida pelo Frei José Maria Casanova, religioso carmelita, que registrou no livro de tombo paroquial:

---

<sup>187</sup> Orientações Pastorais do Arcebispo Metropolitano de Olinda, D. Sebastião Leme ao vigário da Paróquia de Água Preta, em 08 de janeiro de 1917. Livro de Tombo Paroquial, n.º 01, folhas 14-16.

<sup>188</sup> POLMAN, 1986, p. 109.

<sup>189</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>190</sup> POLMAN, 1986, p. 103.

Pelas letras apostólicas de 2 de agosto de 1918, o S.S Padre o Papa Bento XV, atendendo aos rogos do Exm<sup>o</sup> Arcebispo de Olinda que julgava necessária uma nova divisão da arquidiocese para a salvação das almas que lhe foram confiadas e para o bem da religião resolveu, em virtude da plenitude do poder apostólico, criar duas novas dioceses ficando a Arquidiocese de Olinda e Recife no centro, sendo uma ao norte, com sede na cidade de Nazareth, e a outra no sul, com sede na cidade de Garanhuns. A nova diocese de Nazareth ficou compreendendo dezoito paróquias. A de Garanhuns compreendendo quinze paróquias, a saber: Bom Conselho, Águas Belas, Garanhuns, Palmeira, Canhotinho, Quipapá, Catende, Palmares, Belém de Maria, Lagoa dos Gatos, Panelas, Barreiros, Água Preta e São Bento. Para bispos destas dioceses recentemente criadas foram escolhidos os Reverendíssimos Pe. Ricardo Vilela e o Cônego João Tavares de Moura. Os novos eleitos são dois sacerdotes distintos e modelares, de reais serviços prestados à causa da Igreja e dignos pela sua cultura e virtudes da investidura episcopal. Após sagração episcopal, a qual teve lugar na catedral de Olinda, no dia 8 de setembro de 1919, os novos bispos, um mês depois, seguiram rumo às dioceses, das quais tomaram posse, D. Ricardo aos 19 de outubro, e D. João de Moura no dia 26 do mesmo mês por entre as mais vivas demonstrações de alegria por parte dos seus novos diocesanos. Pela atual divisão eclesiástica, como acima se lê, esta freguesia d'Água Preta está sob a jurisdição do bispado de Garanhuns e a mais humilde das paróquias da diocese sente-se feliz por ter como seu bispo e pastor o Exm<sup>o</sup>. Sr. D. João Tavares de Moura aos qual apresenta suas filiais saudações.<sup>191</sup>

A criação das novas dioceses no interior de Pernambuco teve, no período, reflexos evidentes na ação evangelizadora da Igreja local. Com a descentralização e a conseqüente divisão territorial da Arquidiocese, os propósitos da romanização foram cada vez mais difundidos, agora por meio de representantes indicados pela Sé Romana, que tinham uma evidente ligação com o arcebispo de Olinda. Dessa forma, podemos entender que a medida estratégica foi eficaz, pois, no relatório do primeiro padre diocesano que se instalou na paróquia de Água Preta, percebemos sinais pertinentes, como a intensificação do ritmo das ações desenvolvidas e um maior controle, por parte do pároco, nas atividades religiosas, seus números e formas de realização. Relatou o padre José Apolinário Martins:

Tomando posse desta freguesia tratei de fazer um pequeno reparo na Matriz, abrindo as janelas do lado direito, reparando o telhado, adornando os altares de flores artificiais e jarros etc. E quanto às associações, apenas encontrei funcionando o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus. Organizei a Associação de Filhas de Maria, dispensando aquelas que, já sendo Filhas de Maria, não cumpriam com as obrigações exigidas pela associação. Também

---

<sup>191</sup> Transcrição da criação das Dioceses de Garanhuns e Nazaré da Mata. Arquivo da Paróquia de Água Preta. Livro de Tombo de número 01, folhas 18-19.

reorganizei a Sociedade de S. Vicente de Paulo, sendo escolhidas figuras como presidente por não haver quem aceitasse este cargo. Foram realizados 509 batizados, 85 casamentos, 1560 comunhões, 68 confissões de enfermos, 42 viáticos, 35 encomendações, 72 óbitos femininos e 67 masculinos, 66 extremas-unções. Fizemos as seguintes festas: do Padroeiro, a 19 de março, atos da Semana Santa; festas do Sagrado Coração de Jesus, mês mariano.<sup>192</sup>

O novo bispo de Garanhuns, D. João Tavares de Moura, logo após assumir o posto de epíscopo local, tratou de orientar seus diocesanos, o que fez através da publicação da sua primeira Carta Pastoral. Nela, D. João Tavares relata a participação ativa de D. Leme para a criação da nova diocese, sua visão de Igreja e como deveriam transcorrer as atividades religiosas paroquiais. Um resumo da pastoral foi registrado pelo Pe. José Leal, secretário do bispado, em 1920, no livro de Tombo paroquial:

O Exm<sup>o</sup> Sr. Bispo começa apresentando ao Santo Padre Bento XV, gloriosamente reinante, filiais e afetivos protestos de união com a Santa Sé, apresenta a gratidão do Bispo e dos diocesanos de Garanhuns ao representante do Santo Padre, o Exm<sup>o</sup> Sr. D. Jacintho Lecardini, núncio apostólico. Em seguida, sua eminência significa o grande reconhecimento ao Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, que tudo fez e dirigiu para a ereção do bispado. Sua Eminência apresenta suas saudosas despedidas ao cabido, clero e ao colégio arquidiocesano. Começa então a mostrar que a religião é um problema do qual ninguém pode fugir. Mostra, porém, não ser verdadeira religião um sentimento vago de mera religiosidade. Entra no assunto principal da Carta Pastoral, que é a Providência Divina. Nas palavras das Sagradas Escrituras, no sentido de santos e eruditos varões e ainda no insuspeito testemunho de homens alheios à fé, sua Eminência desvenda a basilar verdade sobre uma Providência Divina governando, amando e dirigindo as criaturas para seu destino. Mostra a Mãe de Deus no universo, influenciando na história dos povos, defendendo a Igreja e agindo nas almas. Apela para o testemunho das consciências que, nas etapas da vida, se refletirem, testemunharão por certo o “Dedo de Deus”. Em seguida, sua Eminência responde às desconfianças sobre a Providência Divina, mostrando que a sã razão por si só é suficiente para provar que os delitos, as dores e as desigualdades de bens nesta vida não são incompatíveis com uma providência santa, misericordiosa e justa. Enfim o Exm<sup>o</sup> prelado escreve: “voltemos, pois, filhos amados, aos velhos hábitos consoladores e belos dos nossos antepassados, como a prece e o pensamento ao despertar, no trabalho, no sofrimento, nos dias de alegria e na hora do repouso. É preciso que todos os homens conheçam e amem o Pai celestial e sirvam com obediência aos seus preceitos de que é guarda e mestra a nossa gloriosa e única verdadeira Igreja”. Sua Eminência faz, então, suas

<sup>192</sup> Relatório das atividades paroquiais durante o ano de 1919, redigido pelo Pe. José Apolinário Martins, sacerdote diocesano, primeiro vigário após a criação da diocese de Garanhuns, em 1918. Livro de Tombo de número 01, folhas 19-20.

saudações às diversas classes sociais de sua diocese e termina abençoando a todos.

Pe. José Leal, secretário.<sup>193</sup>

No início de 1919, o Pe. Francisco partiu para realizar missões populares na região de Pesqueira, tendo ao seu lado o Pe. Bernardo. Foram meses de intensas atividades, tais como romarias, retiros, confissões e o ensino da catequese. Suas incursões no Agreste de Pernambuco não só ficaram marcadas pelas pregações realizadas nas missas e nas missões, mas nas obras visíveis que deixou. Por onde realizava as atividades, tinha uma habilidade especial com as artes, e todos os seus trabalhos artísticos eram elementos de suas atividades evangelizadoras, como enfatiza Maltanir Noronha:

Sua memória se faz presente, também, em material resistente à passagem do tempo, nas igrejas e capelas que edificou, nas imagens sacras que esculpiu e em numerosos quadros a óleo que deixou espalhados por cidades como Água Preta, Altinho, Gameleira, Colônia Leopoldina e Recife, entre outras. Arquiteto, escultor, pintor e músico, todos esses talentos ele canalizou para a glória de Deus e sua Mãe Santíssima.<sup>194</sup>

Para lhe substituir no comando das atividades em Colônia Leopoldina, a congregação enviou o Pe. Teodoro Van De Wijs, que ficou na localidade até meados de março, quando os missionários retornaram da região do Agreste de Pernambuco.<sup>195</sup> Antes de assumir a Paróquia de Água Preta, o Pe. Francisco já demonstrava carisma e sensibilidade para aproximar-se da religiosidade popular. Atuando nas missões no interior, aproximou-se ainda mais do catolicismo popular, o que, durante sua condução na Paróquia de Água Preta, seria nitidamente visível, por sua criatividade na organização das atividades religiosas da comunidade.

Entre os anos de 1920 e 1927, ocorreram fatos que mudaram, de forma acentuada, a atuação da congregação e, conseqüentemente, a vida do Pe. Francisco. Essas mudanças aconteceram em nível local e internacional<sup>196</sup>. Inaugurou a seqüência de novidades, na década de 1920, a morte do Papa Bento XV, que foi sucedido pelo cardeal Aquiles Ratti, Arcebispo de Milão, que conduziu a

<sup>193</sup> Carta Pastoral de D. João Tavares de Moura, bispo de Garanhuns. Resumo transcrito pelo Pe. José Leal, secretário do bispado. Livro de Tombo de número 01, folhas 20-22.

<sup>194</sup> Depoimento de Maltanir Noronha, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.

<sup>195</sup> POLMAN, 1986, p. 105.

<sup>196</sup> POLMAN, 1986, p. 109.

Igreja sob o título de Pio XI.<sup>197</sup> Guido Zagheni explica as peculiaridades do novo Papa, enfatizando que ele assumiu a Igreja em um momento ímpar da história da humanidade, o do pós-guerra, em cujo contexto transcorreu o seu pontificado:

Sua personalidade caracterizava-se por notável capacidade de trabalho e por um forte senso da própria autoridade, inclusive no contato com os colaboradores mais diretos. Substancialmente desconfiado da política, da democracia e até dos partidos de inspiração católica, preocupava-se principalmente em salvaguardar e promover os interesses religiosos da Igreja. Esse contexto histórico sugere a dramaticidade do pontificado de Pio XI: fascismo, nazismo, totalitarismo stalinista; a idéia de democracia é como que massacrada, pelo prestígio e pela força desses regimes; a própria vida da Igreja foi profundamente marcada por eles.<sup>198</sup>

As mudanças no cenário internacional se refletiram no contexto nacional. Dois anos antes da morte de Bento XV e da eleição de Pio XI, D. Leme foi transferido para o Rio de Janeiro e se tornou arcebispo coadjutor, com direito à sucessão, visto que, naquele momento, o então arcebispo titular, o cardeal Arcoverde, não gozava de saúde favorável ao exercício de suas funções. A volta de D. Leme para o centro da vida nacional lhe proporcionou acentuado poder de ação e, como consequência disso, a intensificação da luta pela implementação de um Estado religioso, especificamente católico.<sup>199</sup>

Foi um momento de intensas mudanças na sociedade brasileira. A República tinha-se firmado como o modelo político nacional. As oligarquias regionais davam o tom do desenvolvimento do país, com destaque, naquele momento, para a hegemonia política das oligarquias do sudeste brasileiro, que criaram um revezamento no poder conhecido como a política do café-com-leite:

No plano federal, essa situação proporcionou o pleno domínio de paulistas e mineiros. Em 1889, além de contarem com partidos republicanos organizados há mais de uma década, havia fatores econômicos e demográficos que favoreciam estes estados. No caso paulista, obviamente, a supremacia econômica decorrida do café. Em Minas, a vantagem advinda do fato de tratar-se do mais populoso membro da federação e, portanto, o que mais poderia influenciar nas votações presidenciais. Dessa maneira não é de se

<sup>197</sup> ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea**: curso de história da Igreja, v. IV. São Paulo: Paulus, 1999. p. 261.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 261-262.

<sup>199</sup> BARROS, Raimundo Caramuru. Gênese e consolidação da CNBB no contexto de uma Igreja em plena renovação. *In*: INSTITUTO Nacional de Pastoral (Org.), 2003. p. 20.



estranhar que, entre 1894 e 1930, as oligarquias paulistas e mineiras tenham elegido nove dos 12 presidentes republicanos.<sup>200</sup>

As mudanças na sociedade brasileira não só ocorreram no plano político, como também no universo cultural. A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, trouxe à tona visões de mundo totalmente diferenciadas dos padrões estabelecidos. Os artistas participantes do evento se transformaram em ícones da cultura nacional e suas obras são reverenciadas até os dias de hoje. O eco provocado pela obras de Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Osvald de Andrade, Di Cavalcanti e outros mestres presentes naquele momento firmaram o início de uma revolução cultural no Brasil. Sobre esse aspecto, Raimundo Caramuru Barros enfatiza:

Na década de 1920, o mundo artístico brasileiro reunia-se em São Paulo, na Semana de Arte Moderna, para consumir seu rompimento com o velho *establishment* e proclamar sua liberdade de criação artística, mais enraizada na índole do gênio brasileiro, ao mesmo tempo em sintonia com as correntes inovadoras, que animavam o panorama internacional.<sup>201</sup>

As mudanças culturais prenunciavam as transformações que se desenvolveriam no país no final daquela década. No universo da educação, o professor Anísio Teixeira dava os primeiros passos do seu revolucionário projeto, intitulado Escola Nova.<sup>202</sup>

O ano de 1922 se iniciou, para a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, com um grande desafio, quando o então superior, Pe. Humberto Limpens, aceitou as primeiras paróquias da nova diocese de Garanhuns. A partir daí, a missão dos sacerdotes dehonianos se estendeu para lugares mais distantes da região da Zona da Mata e, subseqüentemente, do Agreste pernambucano. Do bispo de Garanhuns, D. João Tavares de Moura, o superior local dos padres dehonianos recebeu as freguesias de Panelas, no Agreste, e a freguesia de Lagoa dos Gatos, localizada no meio de vastos canaviais.<sup>203</sup>

No mesmo ano de 1922, os trabalhos de reforma da Igreja paroquial de Colônia Leopoldina se encerraram. A reforma foi iniciada em 1913, três anos depois que os padres chegaram e se instalaram na comunidade. Foram anos de trabalho

---

<sup>200</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 306.

<sup>201</sup> BARROS, Raimundo Caramuru. Gênese e consolidação da CNBB no contexto de uma Igreja em plena renovação. In: INSTITUTO Nacional de Pastoral (Org), 2003, p. 20.

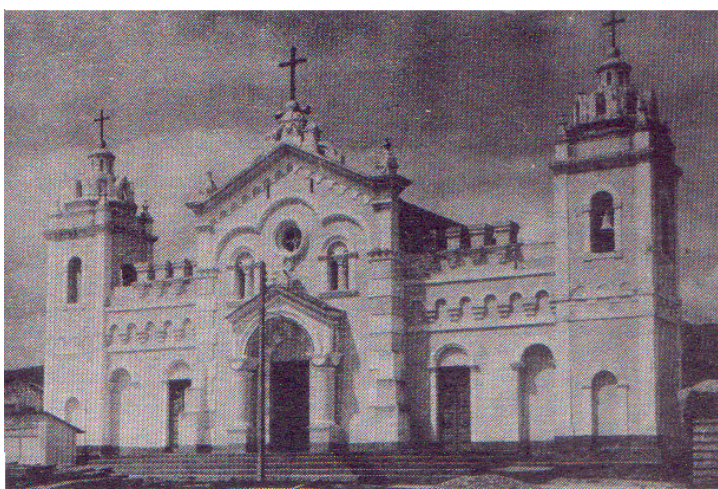
<sup>202</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>203</sup> POLMAN, 1986, p. 111.

árido e, principalmente, de dificuldades financeiras, devido às precárias condições de vida dos habitantes daquele distrito do município de Porto Calvo. A obra de restauração da Matriz de Colônia<sup>204</sup> recebeu um toque de requinte proveniente do talento arquitetônico do Pe. Francisco. Suas orientações foram determinantes para a condução e realização da construção, sendo tal feito resultante de uma atuação religiosa que, naquele momento, já chamava a atenção dos fiéis leigos.

Para dissertarmos com mais propriedade, percorremos algumas localidades onde o Pe. Francisco atuou, e visitamos a cidade alagoana de Colônia Leopoldina, que, naquele momento, era vila pertencente ao município de Porto Calvo. Com essa iniciativa, conhecemos a obra de Everaldo Araújo Silva, natural da localidade, que escreveu o único compêndio sobre a história do lugar, no qual relata como se procedeu a participação do povo e das autoridades em prol da construção da igreja matriz da comunidade, em obra incentivada pelo Pe. Francisco:

Tanto o povo da Vila e do município, quanto os Governos dos Estados de Alagoas e Pernambuco, contribuíram com doações de inestimável valor para a conclusão do grandioso templo católico. Em 18 de dezembro de 1918, D. Manuel Antonio de Oliveira Lopes, bispo de Maceió, concedeu provisão de capelão ao Padre Francisco. De 28 de agosto até 08 de setembro de 1923, foram celebradas missões e muito ato penitencial, sendo ministrado a milhares os sacramentos do batismo, crisma, casamento e o da eucaristia. Em 8 de setembro de 1923 houve a solene benção da Igreja e a sagração do seu altar mor, cuja pedra de três metros de comprimento por sessenta centímetros de largura e vinte de espessura, foi trazida para tal finalidade de Serra Azul e a escolha foi ainda do Ir. Aleixo. Hoje não se tem indicação nesta pedra, face às várias reformas havidas na arquitetura da Igreja.<sup>205</sup>



<sup>204</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>205</sup> SILVA, Everaldo Araújo. **A colônia da princesa**. Maceió: Igasa, 1982. p. 186.

**Foto n. 3 - Matriz de Colônia Leopoldina, construída entre 1913 e 1922)<sup>206</sup>**

Pe. Francisco obteve da comunidade dos sacerdotes dehonianos respeito e consideração. Em comentário muito breve, o Pe. José Calixto Ferreira de Araújo enfatiza que ele “era um homem de uma cultura invejável”<sup>207</sup>. Mesmo atuando distante da Casa Central da Várzea, seus pares tinham contatos constantes com ele, visto que muitas vezes se locomovia para a Várzea, ou para outras localidades, a fim de visitar sacerdotes enfermos ou ajudar nas atividades paroquiais.

Um ponto muito forte para a convivência dos sacerdotes dehonianos era o retiro anual, realizado na Casa Central da Várzea. Nestes encontros, todos os sacerdotes participavam de momentos coletivos, celebrações da missa, ordinários matinais e noturnos, brincadeiras e lazer. O retiro anual era um momento estratégico para o fortalecimento do sentido da missão daqueles religiosos em terras brasileiras.



<sup>206</sup> Segundo Everaldo Araújo da Silva, durante três anos, o Pe. Francisco alicerçou a sua idéia de construir uma igreja e o local seria o da antiga Capela da Colônia Militar, que estava sendo arruinada pela ação devastadora do tempo, dela restando as duas torres aproveitadas com modificações para dar uniformidade ao estilo arquitetônico. Foram iniciados, no ano de 1913, os trabalhos que se prolongariam até 1923. Veio juntar-se ao gênio criativo e empreendedor do Pe. Francisco, o irmão leigo, de nome Aleixo e também de nacionalidade holandesa; ambos foram incansáveis, sublimando todos os obstáculos, realizando obras que os imortalizaram. Foi bastante significativa a ajuda da comunidade transportando pedras, tijolos, madeira, telhas e tudo o mais que compõe uma construção. Eram verdadeiras romarias caminhando léguas e léguas, conduzindo o que fosse preciso, sem denunciar o cansaço, a fadiga ou qualquer outra fraqueza humana. Estavam todos fortemente preparados para o extenuante trabalho. Há fatos que até hoje contados por quantos participaram desses longos anos de verdadeira mortificação, como o que ocorreu quando estavam carregando o madeiramento das matas próximas à vila e, num determinado momento, pararam para descansar, com a autoridade e o respeito com que obedeciam às ordens do Pe. Francisco para não colocar a madeira no chão e ele próprio foi carregado adicionalmente, sentado sobre a madeira levada nos ombros do povo e ainda hoje revelam que não sentiram nenhum peso, chegando ao destino após longa caminhada plenamente dispostos (Cf. SILVA, 1982, p. 186).

<sup>207</sup> *Ibid.*, p. 09.

**Foto n. 4 - Retiro anual de 1920)<sup>208</sup>**

No final do retiro de 1923, Pe. Francisco recebeu uma notícia que marcou sua vida profundamente. Como consequência de sua boa convivência e, destacando suas atividades religiosas, a congregação o elegeu superior regional, em substituição a um velho amigo, o Pe. Humberto Limpens. Este momento é relatado pelo Pe. Polman:

No dia 28 de março, padre Francisco recebe a nomeação de superior regional substituindo o Pe. Humberto Limpens. Em maio o novo superior visita as casas. No Recife, D. Miguel, o novo arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, lhe oferece a paróquia da Torre, mas ela não pôde ser aceita.<sup>209</sup>

Como superior regional, iniciou nova etapa de sua marcante passagem pelo Nordeste brasileiro. Procurando estimular os sacerdotes a não desanimar da missão, fez uma reflexão sobre o sentido da vida comunitária. Suas palavras foram proferidas em um momento difícil vivido pelos dehonianos, pois, como já mencionamos, doenças, dificuldades financeiras e longas distâncias eram empecilhos para o desenvolvimento das atividades missionárias:

Hoje em dia, num sentido mais amplo e atualizado, a vida comunitária pode ser traduzida numa identificação com a comunidade paroquial, numa responsabilidade financeira perante a paróquia e a congregação, no zelo pelo contato com os confrades através de reuniões do clero e áreas de nossa atuação. Por outro lado, alguns bispos pensavam que as congregações religiosas tinham um arsenal ilimitado de sacerdotes para serem colocados nas suas piores paróquias vagas, uma vez que o próprio clero diocesano não as aceitava. Faltava, por isso, de vez em quando, compreensão entre nossos superiores e os bispos responsáveis por suas dioceses.<sup>210</sup>

Padre Francisco, em sua reflexão, demonstrou sua percepção sobre a realidade na qual os sacerdotes estavam inseridos, bem como apontou a falta de diálogo entre os superiores e os bispos, cuja consequência estava nitidamente explícita nas localidades entregues à responsabilidade pastoral dos dehonianos. Essas impressões foram levadas ao conhecimento do superior provincial holandês,

---

<sup>208</sup> SILVA, 1982, p. 102. Em pé, da esquerda para a direita: Leonardo Wijtenburg, Teodoro Van De Wijs, Leonardo Hermans, Bernardo Wedemeijer, Francisco Geraedts, Bonifácio Hegener. Sentados: da esquerda para a direita: Plácido Boesten, Xaivier Thuet, Humberto Limpens, Pedro Graff, Edmundo Kleipool.

<sup>209</sup> SILVA, 1982, p. 113.

<sup>210</sup> SILVA, 1982, p. 115.

em sua primeira viagem internacional como superior regional. Porém, o Pe. Pedro Graff, seu contemporâneo, satiriza essa viagem afirmando que o Pe. Francisco teria ido a Europa para aprofundar seus conhecimentos em mineração, pois, mesmo com as atividades missionárias e, depois, com a direção regional da congregação, ele não deixou de lado a idéia da caça ao tesouro<sup>211</sup>, e suas escavações continuavam prosseguindo na Serra Azul. Em sua volta para o Brasil, trouxe consigo mais um sacerdote, o recém-ordenado, Pe. Inácio Bloemsaat, vindo da Holanda. Ao regressar, retomou as atividades na paróquia de Colônia Leopoldina.<sup>212</sup>

Durante sua atuação como superior regional, a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração recebeu a triste notícia de que o seu fundador, o Pe. Leão João Dehon faleceu em 12 de agosto de 1925.<sup>213</sup> A morte do Pe. Dehon foi intensamente sentida por todos que faziam parte da comunidade, porém era unânime o sentimento de que a missão por ele iniciada deveria continuar, pois o exemplo do Pe. Dehon não seria esquecido por nenhum dos membros da congregação. Para homenageá-lo, o Pe. Francisco pintou uma tela em tinta óleo, deixada na Casa Central da Várzea.<sup>214</sup>

Eram boas as relações com a diocese de Garanhuns, durante seu período como superior regional. O Pe. Francisco lançou a idéia de se comprar um sítio na cidade de Garanhuns, o que não foi bem aceito pela comunidade, principalmente pelo Pe. Pedro Graff, por quem o Pe. Francisco tinha um profundo respeito. Deixada de lado a ideia da compra, o trabalho missionário pastoral na Diocese continuou, embora com um problema sério, que prejudicava o andamento das atividades: a falta de sacerdotes para o trabalho nas paróquias. Dessa forma, o Pe. Leão Kuipers, traduziu o apelo do bispo de Garanhuns, D. João Tavares de Moura, para os estudantes da Escola Apostólica de Bergem op Zoom:

Eu gostaria de saber falar a sua língua para recomendar aos padres do Sagrado Coração de Jesus e a seus seminaristas os interesses da Igreja do Brasil. Diga você, lá, que o Brasil não é tão atrasado, que o povo brasileiro é hospitaleiro e muito devoto a Nossa

---

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>212</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>213</sup> *Ibid.*, p. 121.

<sup>214</sup> A tela pintada pelo Pe. Francisco encontra-se na Casa Central da Várzea, faz parte do acervo artístico deixado pelo sacerdote. A pintura foi realizada, provavelmente, entre os anos de 1925 e 1926.

Senhora, mas que não há padres para distribuir as graças de Deus.<sup>215</sup>

O apelo do bispo de Garanhuns reflete a realidade da diocese, pois, mesmo com a presença dos sacerdotes dehonianos, a falta de padres prejudicava o desenvolvimento das atividades religiosas, bem como a assistência espiritual das localidades mais afastadas das cidades maiores. No retiro anual de 1926, o seu último como superior regional, o Pe. Franciso recebeu uma determinação vinda da Província Holandesa, em forma de carta particular, exigindo que o sacerdote desse um fim às escavações em busca de um tesouro que, provavelmente não existia, mas que o Pe. Francisco insistia em procurar. A carta foi escrita pelo provincial, Pe. Shulte, e como o Pe. Francisco zelava pela obediência, atendeu às determinações da congregação.<sup>216</sup>

A Paróquia de Água Preta foi aceita pela Congregação no ano de 1927. Mesmo antes de se tornar vigário paroquial da comunidade, o Pe. Francisco tinha contatos com a cidade, pois, quando podia, prestava assistência religiosa aos seus fiéis paroquianos.<sup>217</sup> O Pe. Polman relata o momento em que a paróquia de Água Preta passou a ser cuidada pelos padres do Sagrado Coração de Jesus.

No meio do ano é aceita a paróquia de Água Preta. Pe. Francisco Geraedts já servia lá quando podia, por esta não ter vigário. Ademais, os paroquianos já tinham doado um sítio à Congregação, na condição de um padre residir na paróquia. E assim, na ausência do Pe. Antônio In't Groen, ele divide o tempo entre Água Preta e Colônia Leopoldina, com a ajuda do Pe. Inácio Bloemsaat.<sup>218</sup>

Com a aceitação da paróquia por parte da congregação, os contatos do Pe. Francisco se intensificaram, pois o terreno doado pelos paroquianos foi utilizado para a construção de uma casa de apoio para os dehonianos naquela localidade e, depois, para a abertura do Seminário Menor da Congregação. Água Preta passou a estar definitivamente nos caminhos do Pe. Francisco e da congregação. A iniciativa de abertura de um futuro seminário naquela localidade se deu por causa do momento crucial vivido pela congregação na Europa. De 1927 a 1931, encerrou-se a vinda de sacerdotes estrangeiros para o Nordeste do Brasil, e a razão é explicada no depoimento do Pe. Paulo Rijs:

---

<sup>215</sup> POLMAN, 1986, p. 123.

<sup>216</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>217</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>218</sup> *Ibid.*, p. 125.

O motivo não era a falta de boa vontade, o que podemos verificar quando a Província Holandesa mandou-nos um contingente considerável de padres e escolásticos. Várias razões explicam a atitude da direção da Província Holandesa no período de 1927 até 1931. A Província estava construindo o escolasticado de Nijmegen e a Escola Apostólica de Helmon, estava ampliando consideravelmente as Escolas Apostólicas de Bergen op Zoom e Lanaken (Bélgica). A Europa estava passando por uma séria crise econômica e o número de novos padres era insuficiente para manter o pessoal nos diversos setores. Isto se vê no grande número de escolásticos encarregados de dar aulas ou fazer trabalhos de administração.<sup>219</sup>

A falta de sacerdotes sempre esteve presente nas dificuldades da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, foi sentida pela Congregação que, no início das atividades, contava com um razoável número de vocações desejosas de participar das missões internacionais; porém, com o tempo, progressivamente, esse número foi diminuindo e a escassez foi inevitável.

Mesmo com essa realidade, os trabalhos da Congregação continuaram, e as atividades de evangelização nas paróquias, nas fábricas e nos lugares para os quais eram designados estimulavam os que aqui estavam no pleno desenvolvimento da missão. No âmbito nacional, a Igreja vivia as primeiras décadas do novo século que chegara com diversas mudanças, sobretudo no que dizia respeito à religião, pois o século XX tornou-se via rápida para a secularização e, ao mesmo tempo, para a elaboração de novos preceitos, idéias e paradigmas, que colocaram a religião, naquele momento, em uma posição estratégica, levando, assim, a ciência a observar com mais delicadeza os fenômenos desse elemento presente na vida dos homens e das sociedades.

---

<sup>219</sup> POLMAN, 1986, p. 127.

### 2.3 A Igreja nos primeiros momentos do Século XX: um olhar sobre o catolicismo popular

Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura, organização social – numa palavra, pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamentos que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças; tanto uns como os outros vivem num Cosmo sacralizado; uns como os outros participam de uma sacralidade cósmica, que se manifesta tanto no mundo animal como no mundo vegetal. E esses fatos partem de um mesmo comportamento, que é do *homo religiosus*.<sup>220</sup>

Os caminhos da Igreja no Brasil mudaram com acontecimentos determinantes que tiveram como desfecho, aparentemente final, o ato da separação entre a Igreja e o Estado. Nesse contexto, é importante salientarmos que a hierarquia nacional, mesmo se distanciando do poder público, firmou, com nitidez e veemência, sua ligação com a Santa Sé, e passou a introduzir seus decretos e normas na ação pastoral. O desejo de tal ligação tinha sido expresso pelos prelados que iniciaram e desenvolveram o movimento de reforma católica na segunda metade do século XIX.<sup>221</sup>

Os efeitos de uma maior vinculação ficaram patentes durante os primeiros momentos de exercício da liberdade conquistada pela instituição, visto que, antes, durante o período de atrelamento, nenhuma ação conjunta dos episcopos era realizada sem se submeter ao crivo vigilante do Estado. Referimo-nos, neste momento, tanto ao movimento de reestruturação da hierarquia católica, quanto à introdução do pensamento romano, que configuravam uma Igreja livre e romanizada. Graças à extinção do padroado, a Igreja no Brasil, então em nada dependente do poder civil e mais estreitamente unida à Santa Sé, pôde conhecer rápido desenvolvimento no tocante a sua organização hierárquica.<sup>222</sup>

A nova estruturação da hierarquia proporcionou uma nova divisão geopolítica para a ação pastoral. Desde a época do Império que as dioceses brasileiras viviam um sério problema, pois suas extensões eram enormes e esse dado dificultava, de forma incisiva, o desenvolvimento das ações pastorais, uma vez que a presença dos bispos era nula em algumas dioceses, não tendo eles, muitas

<sup>220</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 22-23.

<sup>221</sup> LIMA, 2001, p. 151.

<sup>222</sup> *Ibid.*, p. 151.



vezes, sequer a possibilidade de percorrê-las. Ao mesmo tempo, a nova estruturação permitiu que as diretrizes romanas fossem introduzidas, como explica Maurílio César de Lima:

Pela bula *Ad universas orbis ecclesias*, de 27/04/1892, o papa Leão XIII dividia o Brasil em dois arcebispados e determinava as dioceses que lhes seriam sufragâneas, criando novas outras. Este documento fala da iniciativa dos bispos brasileiros, reunidos em São Paulo, em agosto de 1890, de enviar a Roma o arcebispo primaz. Este, na Cúria Romana, fez sentir a necessidade e a oportunidade de uma nova divisão jurisdicional do episcopado no Brasil.<sup>223</sup>

A real aproximação com a Santa Sé deu nova conotação à ação da Igreja no Brasil. O espírito foi renovado e, efetivamente, mudanças passaram a ocorrer com uma frequência visível. Outro dado que influenciou a nova trajetória da Igreja foi a organização regional: os latino-americanos, atendendo ao apelo do papa, passaram a agir de forma mais conjunta, buscando focar a ação pastoral na fidelidade aos preceitos romanos e alicerçá-la na disciplina da vida sacerdotal.<sup>224</sup>

O Concílio Plenário, realizado em 1899, tornou-se um sinal concreto dessa nova realidade. Os bispos da América Latina se agruparam e tomaram decisões em conjunto, visando a estabelecer conferências periódicas – em obediência a instruções da Santa Sé – e a reforçar o espírito de comunhão com o Sumo Pontífice.<sup>225</sup>

Esse cenário regional proporcionou, na Igreja do Brasil, a irrupção de um surto de medidas e mudanças. Como já mencionamos, era necessário adaptar-se à nova realidade, pois a Igreja teria, mesmo que oficialmente separada, de se aproximar do poder público, visto que sua presença na sociedade brasileira representava não só a força da religião, mas também um polo de poder consideravelmente presente.<sup>226</sup>

Os primeiros trinta anos do século XX ficaram marcados pela rápida expansão das dioceses, promovida por novas orientações, elas mesmas fruto das assembleias episcopais nas quais foram enfatizadas as dificuldades existentes para a concretização da missão. Um ponto decisivo para a nova divisão foi, sem dúvida, a percepção da imensidão do território. A constituição de novas igrejas particulares se tornou a possibilidade, naquele momento, de um melhor atendimento das

<sup>223</sup> LIMA, 2001, p. 151.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 162-163.

<sup>225</sup> *Ibid.*, p. 163.

<sup>226</sup> *Ibid.*, p. 164-165.

necessidades do povo. O quantitativo de dioceses erigidas em um intervalo de quatro décadas superou o número das que foram criadas durante todo o período colonial e imperial.

Isso demonstra o interesse da Igreja em atender às necessidades espirituais dos católicos que estavam presentes em território tão vasto. Contudo, consideramos importante citar que “a Igreja procurou promover, subsidiariamente, as situações emergentes nas quais ela se encontrava ao lado do povo, tais como a instrução e a saúde. Tudo sem esquecer o seu alvo primordial – a evangelização.”<sup>227</sup>

A relação entre a Igreja e a sociedade brasileira passou a ser, neste contexto, um elemento importante para nossa análise. Com as mudanças evidenciadas, a Igreja passou a desempenhar papel fundamental na formação da sociedade no período republicano. O catolicismo, que teria que sobreviver numa situação de extrema dificuldade, passou a situar-se em uma posição privilegiada, pois os preceitos católicos influenciaram, naquele momento, os mais importantes setores sociais da emergente sociedade urbana industrial.<sup>228</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, não somente o Brasil, mas outras regiões do mundo passaram por mudanças profundas na organização política e na econômica, como foi o caso da Europa, que caminhava para um conflito regionalizado, que, mais tarde, seria conhecido pela história como o primeiro grande conflito de ordem mundial.

A religião, como elemento da condição humana, também estava presente naquele contexto. O avanço das novas tecnologias advindas das transformações do mundo industrial conferiram à religião um novo significado. O homem, de criatura temente à vontade e influência divina, após as revoluções liberais do século XIX, teve seu papel redefinido. Para dar mais ênfase a esse contexto, as correntes filosóficas que ascenderam naquele momento contribuíram para que as sociedades reavaliassem suas teorias e seus conceitos em relação aos que já tinham sido derrubados com os movimentos ocorridos.

A religião, mesmo tendo sua força de atuação em meio às sociedades organizadas, passou por uma fase de desencanto, a partir da qual era preciso buscar um sentido, como enfatiza Rubens Alves:

---

<sup>227</sup> LIMA, 2001, p. 156.

<sup>228</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 267-269.

Mas alguma coisa ocorreu. Quebrou-se o encanto. O céu, morada de Deus e seus santos, ficou de repente vazio. Virgens não mais apareceram em grutas. Milagres se tornaram cada vez mais raros, e passaram a ocorrer sempre em lugares com pessoas desconhecidas. A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho. Uma das marcas do saber científico é seu rigoroso ateísmo, um biólogo não invoca maus espíritos para explicar epidemias, nem um economista, os poderes do inferno para dar contas da inflação, da mesma forma que a astronomia moderna, distante de Kepler, não busca ouvir harmonias musicais divinas nas regularidades matemáticas dos astros. Desapareceu a religião? De forma alguma. Ela permanece e frequentemente exibe uma vitalidade que se julgava extinta. Mas não se pode negar que ela já não pode frequentar aqueles lugares que um dia lhe pertenceram: foi expulsa dos centros do saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas. Não sei de nenhuma instância em que os teólogos tenham sido convidados a colaborar na elaboração de planos militares. Não me consta, igualmente, que a sensibilidade moral dos profetas tenha sido aproveitada para o desenvolvimento de programas econômicos. E é altamente duvidoso que qualquer industrial, convencido de que a natureza é criação de Deus, e portanto sagrada, tenha perdido o sono por causa dos males da poluição.<sup>229</sup>

No Brasil, naquelas primeiras décadas da nova organização da Igreja Católica enquanto instituição separada do Estado, a ação pastoral e a evangelização ganharam nova conotação, configurando uma resposta incisiva às aspirações então vivenciadas naquele momento sobre os caminhos da religião e o seu sentido para as sociedades organizadas.

No início da década de 1920, houve a tentativa de pôr em prática o projeto de sacralização da sociedade brasileira, cujo principal personagem foi o então Arcebispo de Olinda e Recife, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, futuro Cardeal Leme. Esse projeto visava a construir, de fato, as bases do Estado católico, culminando, assim, com os propósitos do movimento de romanização pelo qual a Igreja universal se empenhara e a cujos ares o Brasil já aspirava desde o fim do período imperial.

Desde os primeiros momentos da vida da Igreja, no período colonial, existiam formas diversificadas de se praticar o catolicismo. O catolicismo trazido pelos portugueses não era uma religião homogênea, tinha traços visíveis de outras influências religiosas<sup>230</sup>. No Brasil, o catolicismo esteve presente nas etapas da

---

<sup>229</sup> ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 10-11.

<sup>230</sup> HOORNAERT, Eduardo. A consciência da Igreja de si mesma no tempo colonial. In: AZZI; GRIJP; BROD, 1979, tomo II, . 155-159.

formação da sociedade; com isso, presenciou e se tornou fator determinante no processo de miscigenação que deu origem ao povo brasileiro, tendo-se tornado ainda mais uma religião sincrética.<sup>231</sup>

A conquista da autonomia em relação ao Estado e a nova organização das forças eclesiais advindas da maior vinculação a Roma fizeram com que os prelados do Brasil se deparassem com um tipo de catolicismo praticado com muita efervescência e devoção em quase todo o país. Essa prática da fé católica, pouco a pouco, conquistou um espaço considerável e tornou-se, para os bispos, um ponto de observação.<sup>232</sup> Estamos referindo-nos ao catolicismo popular. Tal modalidade do catolicismo brasileiro se tornou ponto de encontro, entre a Igreja de perspectiva romanizada, que despontara com o ato da separação entre a Igreja e o Estado, bem como com o desenvolvimento do projeto de construção de um Estado católico defendido pela hierarquia eclesiástica nacional.

Segundo José Comblin, no Brasil nunca houve um único catolicismo, e sim várias formas de catolicismo popular: “Na realidade, há no Brasil – e em todos os países do mundo – várias formas de catolicismo popular, várias estruturas, perfeitamente coerentes e lógicas, cada uma na sua ordem”.<sup>233</sup>

Desde a sua chegada ao Brasil, no catolicismo foram perceptíveis distintas modalidades. Entre nós, o catolicismo sempre teve modelos estabelecidos, e esses passaram a integrar a formação histórica da sociedade brasileira. Riolando Azzi classifica esses modelos dizendo que “na história religiosa do Brasil estão presentes duas formas de catolicismo: o catolicismo tradicional e o catolicismo renovado.”<sup>234</sup>

As duas formas apontadas por Azzi são pontos de partida para que se possa buscar uma compreensão acerca dessa modalidade do catolicismo, a popular, frente ao desenvolvimento de um catolicismo hierárquico romanizado que, então, estava em pleno contato com as diretrizes da Santa Sé. O encontro entre os dois modelos foi, no período, determinante para a atuação da Igreja nacional em diversos setores e momentos das primeiras décadas do século XX.

---

<sup>231</sup> ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 anos de catolicismo e sincretismo no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. p. 217-222.

<sup>232</sup> AZZI, Riolando. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 11-12.

<sup>233</sup> COMBLIN, 1968, p. 260.

<sup>234</sup> AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 09.

Mas, como diferenciar catolicismo popular do catolicismo oficial? Segundo Comblin,

o catolicismo oficial, definido pela teologia e pelo direito canônico nunca existiu. Existem sistemas concretos constituídos por uma certa impregnação cristã de várias civilizações. Mas o cristianismo puro, oficial entre o catolicismo dos clérigos e o catolicismo popular consiste apenas nisto que os clérigos imaginam que o seu cristianismo é puro e o único verdadeiramente autêntico. Na realidade existem apenas diferentes sistemas de tradução do cristianismo em condições concretas de vivência humana. As formas populares merecem tanto respeito quanto as formas oficiais.<sup>235</sup>

Qual é a origem do catolicismo popular? Refletindo sobre essa questão apoiamo-nos na visão de João Fagundes Hauck, que, como introdução ao tema, explica:

Num quadro geral das manifestações religiosas do povo, pode falar-se em primeiro lugar das expressões religiosas populares sob controle da Igreja hierárquica, das expressões religiosas do povo em sua piedade autônoma. A religiosidade popular que se expressava dentro dos quadros oficiais da Igreja é diversa e contraditoriamente caracterizada pelas fontes históricas neste período. E isto conforme a perspectiva sob a qual cada um se colocava para interpretar a vida cristã do povo.<sup>236</sup>

A religiosidade popular é um elemento característico da vida da Igreja, porém, muitas vezes, ocorreu um controle sobre as práticas e ações desse tipo de catolicismo. Desde o período colonial, os bispos observavam, com cautela, as práticas devocionais que não estavam de acordo com a liturgia oficial. Da cultura do povo surgiu um catolicismo diferenciado, simples, mas rico em expressões e práticas de fé. Para Eduardo Hoornaert, “o povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história”.<sup>237</sup>

Não devemos destruir o catolicismo popular, mas deixar que os próprios cristãos populares o melhorem dentro do seu dinamismo. Mas essa atitude supõe que reconheçamos pelo menos a existência e a coerência dos catolicismos populares.<sup>238</sup>

A origem desta modalidade do catolicismo é a cultura popular, a vida do povo. Para entendermos diversos aspectos presentes neste trabalho, necessitamos,

<sup>235</sup> COMBLIN, 1968. p. 260.

<sup>236</sup> HAUCK, João Fagundes. Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo. *In*: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 217.

<sup>237</sup> HOORNAERT, 1991, p. 99.

<sup>238</sup> COMBLIN, 1968, p. 260.

várias vezes, remeter-nos ao período colonial, cuja importância é ilimitada para o embasamento das idéias da fase que nos propomos analisar: as primeiras décadas do século XX, em uma região intermediária entre dois grandes centros urbanos – Recife e Maceió<sup>239</sup>, região que, até os dias atuais, apresenta sinais de um catolicismo colonial, extremamente ligado ao povo e à sua devoção aos santos populares, como São José e Nossa Senhora da Conceição.

Referimo-nos à Paróquia de Água Preta, local principal de nossa investigação, onde o catolicismo popular até hoje é muito forte e convive, de forma harmônica, com as diretrizes vindas da Igreja em âmbitos local, nacional e universal. Nesta comunidade paroquial a força das expressões populares deu uma nova conotação à fé praticada e vivida pelos fiéis, bem como fez ascender, no período, a figura do Pe. Francisco, que desenvolveu suas atividades pastorais no contexto da Romanização, demonstrando evidente criatividade na organização da Igreja local, bem como influência marcante na devoção da comunidade paroquial.<sup>240</sup>

Para compreendermos a ação do Pe. Francisco, precisamos observar algumas considerações sobre o catolicismo popular. No período colonial, “a religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do escravo”.<sup>241</sup> A visão apontada por Gilberto Freyre e analisada por Eduardo Hoornaert tornou-se ponto de discussão, pois a religião, na época, serviu para legitimar uma ordem estabelecida, e não simplesmente para confraternizar ou harmonizar as relações existentes. Sobre a religião como forma de legitimação, Berger explica:

A religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz por que relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas.<sup>242</sup>

O catolicismo popular se apresenta como um elemento da fé, da cultura e das condições sociais nas quais o povo vivia. Hoornaert afirma que, ao falar em catolicismo popular, quer tratar do catolicismo vivido pelos pobres em geral.<sup>243</sup> Características marcantes identificam o catolicismo popular. Na visão de Riolando

---

<sup>239</sup> POLMAN, 1986. p. 128.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>241</sup> HOORNAERT, 1991, p. 99.

<sup>242</sup> BERGER, 1985, p. 05.

<sup>243</sup> HOORNAERT, 1991, p. 99.

Azzi, o catolicismo popular é parte integrante do catolicismo trazido pelos europeus durante a expansão marítima e a comercial. O mesmo foi rapidamente instalado e serviu de base para os propósitos do projeto de colonização que aqui se intensificou.

Esse catolicismo, de origem lusitana, tem como característica fundante sua vinculação com a cultura popular, ou seja, entendemos que o catolicismo popular não é, genuinamente, uma produção realizada no Brasil<sup>244</sup>. De Portugal vieram manifestações e atos que, aqui, nas terras do novo mundo, receberam novos significados e motivações.

O catolicismo tradicional, por sua origem lusitana e por seu aspecto social, está mais profundamente vinculado à cultura do povo brasileiro. Nesta maneira de expressar do catolicismo, fé e cultura caminham de mãos dadas, numa inter-relação tão íntima que não poucas vezes é difícil distinguir o cultural do religioso. Neste sentido é válido afirmar que o Brasil é um país de tradição católica, que o povo brasileiro é católico por tradição, e que temos uma tradição cultural católica.<sup>245</sup>

Podemos perceber uma marcante influência católica na tradição cultural brasileira e, nesse contexto, o catolicismo popular se apresenta como um modelo devocional diferenciado do da liturgia oficial ditada pela hierarquia. Na tentativa de expressar o valor deste catolicismo, concordamos com Eduardo Hoornaert que explica a necessidade de uma nova visão da história, capaz de analisar com mais cuidado e franqueza o passado, buscando, assim, pistas para que o presente seja conhecido. Essa é a essência da ciência histórica.<sup>246</sup>

Aspectos importantes definem o catolicismo popular. Sendo um catolicismo intimamente ligado às tradições, suas principais características surgiram desse âmbito, no qual, como primeiro aspecto de relevância, apontamos a devoção: “a devoção exige a composição de vidas edificantes pela abundância das forças sobrenaturais”.<sup>247</sup> No universo do catolicismo popular, a devoção é um elemento de suma importância, seu desenvolvimento se dá de várias formas, como as santas missões, as novenas nas pequenas comunidades, o culto aos santos, as procissões e outras:

Era, porém, nos atos de devoção que a alma religiosa do povo mais se manifestava: as santas missões, as festas religiosas, as procissões, as novenas, o mês de Maria, o culto ao Coração de

<sup>244</sup> COMBLIN, 1968, p. 262-263.

<sup>245</sup> AZZI, 1978, p. 09-10.

<sup>246</sup> HOORNAERT, 1991, p. 102.

<sup>247</sup> COMBLIN, 1968, p. 266.

Jesus. Em todos estes atos religiosos a alma popular se expressava em duas atitudes justapostas: expiação e festa.<sup>248</sup>

Comblin enfatiza que a devoção, enquanto elemento presente no catolicismo popular, é uma inspiração vinda do catolicismo medieval europeu, um catolicismo milagroso, que apresenta figuras coerentes com a religião, como Maria, a presença eucarística de Jesus, os santos. “Nessa religião, o eixo é a manifestação de Deus por meio de homens excepcionais, verdadeiros mediadores entre a sociedade humana e o poder divino.”<sup>249</sup>

A devoção do povo evidencia outro elemento característico do catolicismo popular, o aspecto penitencial, herança da vida monástica dos monges irlandeses medievais que recristianizaram a Europa<sup>250</sup>. Há um trajeto que vai do sentimento de devoção ao sacrifício da penitência. A penitência se tornou importante mecanismo de demonstração da devoção; com ela, o povo mais simples realizava atos em reparação dos seus pecados, imbuídos de uma devoção sincera e fidedigna, aos santos e a Deus. A penitência, dentro do catolicismo popular, inúmeras vezes esteve associada aos castigos, visto que, em outros períodos, a vida e as condições eram bem mais difíceis do que as de hoje em dia.

O catolicismo do nosso povo era profundamente marcado por um caráter penitencial. Este sentido de penitência era ainda mais acentuado por ocasião dos grandes “castigos” de Deus: secas, epidemias, revoluções, calamidades públicas. A grande seca de 1845, no Nordeste, ou epidemias de cólera morbo, foram motivos de muitas procissões de penitência, de santas missões, de novenas a São Sebastião para defender da “peste, fome e guerra”.<sup>251</sup>

Conforme explica Comblin, no Brasil,

houve e ainda há vários movimentos religiosos cuja inspiração penitencial nos parece evidente. Não pensamos somente nesse catolicismo popular que se resume nos mandamentos do decálogo e nos interditos sexuais, e cujo sacramento fundamental é a confissão. Certos cristãos vivem sob o signo da confissão. Observar os mandamentos, evitar os pecados, confessar os pecados fazer penitência, ganhar indulgências: a sua vida moral fica encerrada nesse círculo.<sup>252</sup>

<sup>248</sup> HAUCK, João Fagundes. Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo. *In*: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 219.

<sup>249</sup> COMBLIN, 1968, p. 267.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 268.

<sup>251</sup> HAUCK, João Fagundes. Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo. *In*: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 219.

<sup>252</sup> COMBLIN, José. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968. p. 269.



As manifestações realizadas pelos mais pobres eram vistas pela hierarquia, que determinava, como forma de obrigação, critérios específicos para a vida cotidiana católica e, dentre estes critérios, estavam a frequência à missa dominical e o recebimento dos sacramentos como sinal visível de uma prática católica permanente. Porém, nas comunidades mais distantes, a grande dificuldade era a presença de um sacerdote. Embora a Igreja, após a separação oficial do Estado, tenha elaborado uma nova configuração de suas dioceses, criando várias novas, muitas comunidades deixaram de ser assistidas pelos sacerdotes, abrindo espaço privilegiado para a ação de leigos que, gradativamente, substituíram a presença hierárquica do ministro ordenado, e foram coordenando e motivando as pessoas a vivenciarem a fé.

Também podemos apontar como aspecto de relevância, no catolicismo popular, a realização das festas. Nelas a devoção aos santos em geral, ou a Nossa Senhora, em qualquer dos seus títulos, atingia a plenitude de seu sentido. As festas reuniam em torno do povo não só a religiosidade, mas também as mais variadas expressões culturais das comunidades, integrando, assim, dois elementos primordiais do fenômeno religioso: o sagrado e o profano:

O homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado. É preciso dizer, desde já, que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente da história do espírito humano.<sup>253</sup>

As festas também resgatavam o sentido da vida cristã, constituindo um elemento presente na própria formação humana. As festas religiosas foram assim definidas por Hauck:

Consideravam-se as festas religiosas praticamente as únicas compatíveis com a vida cristã da maior parte do nosso povo "religioso". As festas que não fossem da Igreja passavam como festas mundanas. É bem verdade que não faltavam as críticas dos acadêmicos pastorais, de que todos os nossos templos desgraçadamente vão se transformando, pouco a pouco, em outros tantos pontos de distração do povo. Mas, nossos vigários do interior, os capelães de irmandades, os párocos dos centros de devoção,

---

<sup>253</sup> ELIADE, 2001, p. 19.

mais mergulhados na psicologia do povo, não somente toleravam, mas incentivavam este aspecto festivo dos atos religiosos.<sup>254</sup>

O catolicismo popular foi uma modalidade desenvolvida nas camadas sociais existentes no período. Como tem sua origem no catolicismo tradicional português, o catolicismo popular transitou por diversas camadas sociais que formavam a sociedade brasileira, tanto no período colonial, quanto no início do século XX, quando a Igreja nacional já vivia sob a tutela da romanização. Nas famílias tradicionais, que tinham uma condição social favorável, as práticas devocionais populares coexistiam com a presença dos ministros ordenados, através dos quais os sacramentos eram ministrados.<sup>255</sup>

O campo e a cidade foram palco para manifestações da religiosidade popular. A divisão social das riquezas entre o campo e a cidade não se tornou um entrave para o desenvolvimento do catolicismo popular. Para Hauck,

as formas de religiosidade variavam conforme o povo das cidades ou do campo. Nas cidades, o quadro religioso está dentro da moldura da sociedade urbana: sociedade estratificada em classes, festas tradicionais, o dia-a-dia de uma cidade, igualmente, a religião das grandes cidades participa dos acontecimentos importantes de sua época.<sup>256</sup>

Já nas pequenas cidades e vilarejos,

a religiosidade do povo está mais vinculada ao campo e aos acontecimento da natureza: seca, inverno, plantação. No campo a religião do povo se expressa em sua forma mais autônoma e mais típica. A única forma de consciência do mundo, da natureza, da sociedade, da vida, que possuíam as populações interioranas, era dada pela religião.<sup>257</sup>

A religião se apresentava de tal forma presente na vida do povo que, por meio dela, se encontrava um sentido para a existência e para a resistência. Principalmente no Nordeste brasileiro, onde as dificuldades vividas pelas comunidades mais pobres fizeram com que a religião passasse a ter um papel importante na construção da realidade. O catolicismo brasileiro, em suas diversas modalidades, tradicional ou renovado, popular ou romanizado, representava, para o povo mais humilde, um ponto de equilíbrio, pois, se as dificuldades são grandes nos

---

<sup>254</sup> HAUCK, João Fagundes. Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo. *In*: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 219.

<sup>255</sup> *Ibid.*, p. 220.

<sup>256</sup> *Ibid.*, p. 221

<sup>257</sup> *Ibid.*, p. 221.

dias atuais, no final do século XIX e início do XX, elas eram ascendentes. Todavia, na fé, o povo procurava remédio para os sofrimentos existentes:

Era na religião que este povo procurava inspiração para enfrentar os dois grandes problemas que os afligiam: as calamidades da natureza e o sistema de exploração. Diante das calamidades da natureza o povo do campo apelava para o ato de expiação em face dos castigos de Deus. “Se os sofrimentos, a fome, as doenças eram mandados por Deus, só poderiam agradar a Deus aumentando os padecimentos. Seriam mais dignos no reino dos céus. Mas em face de todo um sistema de exploração e opressão o misticismo surgiu como elemento passivo.”<sup>258</sup>

Como última característica do catolicismo popular, destacamos o aspecto do providencialismo<sup>259</sup>. A religião do povo, como conhecida, era uma religião de expiação<sup>260</sup> e, além disso, era moralizante, pois externava uma moral criteriosa. Segundo Hauck, exemplos claros desse aspecto moralizante estavam na aceitação da escravidão negra, com tudo de desumano que ela envolvia, e na questão das vestimentas femininas. Como princípio moralizante, o catolicismo praticante determinava o cumprimento da lei e dos preceitos, como a frequência à missa dominical e à pascal.<sup>261</sup>

Sobre o providencialismo presente no catolicismo popular, Hauck explica:

Um conceito de Providência Divina, que na ordem natural vinha transferir para Deus o que o homem devia fazer, que esperava de Deus que Ele viesse suprir as deficiências humanas. Esperava-se a solução dos problemas humanos através dos milagres ou de uma salvação extraordinária. Ao mesmo tempo, quando não vinha este milagre ou esta salvação extraordinária, caía-se num “fatalismo” conformista: “Seja o que Deus quiser”.<sup>262</sup>

Durante os primeiros anos do século XX, o catolicismo popular recebeu novas influências, determinantes para o seu desenvolvimento. O catolicismo apresenta uma predisposição sincrética, ou seja, dentro do próprio catolicismo, podemos observar elementos de outras manifestações religiosas, configurando particularidades do próprio catolicismo. Com a decretação da liberdade religiosa, após a promulgação da Carta de 1891, os cultos afro-brasileiros gozaram de uma muito relativa liberdade, até meados dos anos 30, quando ocorreu uma perseguição

<sup>258</sup> HAUCK, João Fagundes. Manifestação espiritual na Igreja hierárquica e no povo. *In*: FRAGOSO, *et al.*, 1992, tomo II/2, p. 221.

<sup>259</sup> *Ibid.*, p. 223.

<sup>260</sup> *Ibid.*, p. 222.

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 223.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 223.

a esses cultos. O fato é que a espiritualidade afro se inseriu nas camadas nas quais o catolicismo popular teve sua ascendência e, com isso, ocorreram contatos, possibilitando novas manifestações nas duas modalidades religiosas. Não só a espiritualidade afro influenciou o catolicismo popular; também o fizeram o espiritismo e o protestantismo, como explica Riolando Azzi:

Outro aspecto deve ser tomado em consideração. O catolicismo popular, em suas diversas manifestações históricas, esteve sempre bastante próximo dos cultos africanos e ameríndios, gerando não poucas vezes expressões religiosas que podem ser consideradas como verdadeiro sincretismo religioso. A partir do século passado o culto católico sofreu também influência do espiritismo e do protestantismo. Deste modo, não é raro encontrar católicos que freqüentam a umbanda, o espiritismo ou assembléias protestantes.<sup>263</sup>

O catolicismo popular, inserido no universo do catolicismo tradicional, deu uma nova conotação às práticas e aos rituais, configurando, assim, uma modalidade religiosa. É importante evidenciar que, mesmo com o desenvolvimento do Catolicismo Popular, no contexto da Romanização, o movimento romanizador não desejava extinguir as práticas desenvolvidas, mas, sim, exercer um controle sobre as práticas e devoções.

---

<sup>263</sup> AZZI, 1978, p. 11.

### 3 A MISSÃO NA PARÓQUIA DE ÁGUA PRETA

#### 3.1 *Evangelização e promoção social em um contexto de crise política e econômica*

Da Holanda nossa pátria o recebeu  
E em seus braços Água Preta o acolheu  
Padre Francisco, um herói, um santo  
Que a virgem já cobriu com seu sagrado manto.<sup>264</sup>

Pe. Francisco Geraedts desenvolveu sua ação missionária pastoral por mais de trinta anos, no interior. Suas primeiras atividades foram centradas no pequeno distrito de Colônia Leopoldina, então município de Porto Calvo; logo depois foi enviado para ser vigário do município pernambucano de Água Preta. Nesta localidade, viveu intensamente sua vocação sacerdotal, desenvolvendo um trabalho pastoral diferenciado e criativo, que lhe rendeu, rapidamente, popularidade e prestígio. Para entendermos o desenvolvimento de seu trabalho pastoral no município de Água Preta, faz-se necessário nos inteirarmos um pouco sobre a situação da localidade, visto que a região onde está inserida aquela comunidade paroquial sempre esteve presente nos contextos histórico, político e econômico do Estado.

A região vive exclusivamente de uma atividade econômica, a produção de cana-de-açúcar. No período de atuação do Pe. Francisco, a monocultura da cana-de-açúcar se consolidou como principal fonte econômica, devido ao processo de transformação ocorrido nos velhos engenhos, que deram origem às grandes fábricas de produção de açúcar, conhecidas como usinas.<sup>265</sup>

O período colonial brasileiro tenha tido seu fim nas primeiras décadas do século XIX, após as mudanças ocorridas com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil (1808) e, conseqüentemente, com o processo de emancipação política do Brasil (1822)<sup>266</sup>. Na região da Mata Sul de Pernambuco, é possível visualizar, ainda nos dias atuais, características típicas da vida no período colonial,

<sup>264</sup> Poema escrito pelo Senhor Pereira Silva, em 1955, gentilmente cedido pelo Senhor Fernando Antônio Pereira da Silva, filho do autor.

<sup>265</sup> GADIEL, Perruci. **A república das usinas** - um estudo de história social e econômica no Nordeste: 1889-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 15.

<sup>266</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 202.

principalmente no que se refere ao aspecto produtivo, pois a cana-de-açúcar continua sendo a principal fonte de renda das pequenas comunidades.<sup>267</sup>

A riqueza gerada pela produção do açúcar, entretanto, concentrava-se nas mãos dos usineiros, representantes da classe dominante. O período da Primeira República, de 1889 a 1930, pode ser entendido como um momento diversificado no Nordeste brasileiro, oscilando entre previsões otimistas e negativas. Porém, foi um período em que se intensificaram os investimentos estrangeiros na região da cana, o que gerou uma desigualdade bem acentuada, a partir da qual a população mais humilde, para poder sobreviver, teve que vender sua força de trabalho.<sup>268</sup>

Em tal contexto, a ação pastoral do Pe. Francisco se desenvolveu. Mesmo com todas as adversidades existentes, a prática religiosa era um elemento presente na vida do povo. Para desenvolver o trabalho de promoção social na comunidade o Pe. Francisco utilizou de sua influência política e religiosa objetivando conseguir benefícios junto aos usineiros para a comunidade de Água Preta, conforme documento redigido em 1948:

Eu, Vicente Cavalcanti de Gouveia, proprietário da Usina Santa Ignez, deste Município de Água Preta, declaro que com esforço e espontânea vontade realizei a construção da Capela de Santa Ignez, nesta Usina, obra hoje inaugurada e benta pelo vigário da Água Preta, Padre Francisco Geraedts e de ordem do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Juvêncio de Brito, ficando essa obra entregue a Culto Divino, sem poder ser utilizada para fins profanos e servirá, sobretudo, para a educação católica dos habitantes desta Usina. Muito concorreu para a construção da mesma capela a atuação do referido Vigário, Padre Francisco Geraedts, que além de muito incentivar aquele desiderato, lançou solenemente a primeira pedra, cuja ata está encerrada e colocada nos alicerces daquela capela. Usina Santa Ignez, 23 de fevereiro de 1948. Vicente Cavalcanti Gouveia.<sup>269</sup>

Em 1927, o Pe. Francisco foi nomeado, pelo bispo de Garanhuns, vigário paroquial de Água Preta, deslocando-se para o município e assumindo a condução das atividades religiosas daquela comunidade. O religioso dehoniano tornou-se o vigésimo-sexto vigário paroquial<sup>270</sup>. A partir daquele momento, sua atuação pastoral teve influência determinante nas vidas social, política e religiosa de Água Preta.

<sup>267</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980. p. 93.

<sup>268</sup> GADIEL, Perruci. **A república das usinas** - um estudo de história social e econômica no Nordeste: 1889-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 75.

<sup>269</sup> Documento pertencente ao Arquivo da Paróquia de São José da Agonia. Redigido em 23 de fevereiro de 1948, e assinado pelas testemunhas presentes e pelo Padre Francisco Geraedts.

<sup>270</sup> Arquivo da Paróquia de São José da Agonia – Histórico dos Sacerdotes, p. 01.

Inicialmente, sua provisão foi determinada até 31 de dezembro de 1927, visto que o religioso, ainda em Colônia Leopoldina, sempre estava a serviço da Congregação nas missões em várias localidades do Nordeste. O texto da provisão relata:

Governo diocesano de Garanhuns

D. João Tavares de Moura, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, em virtude do seu poder ordinário etc.

Atendendo as qualidades que concorrem na pessoa do Revd. Padre Francisco Geraedts sacerdote S. C. de Jesus resolvemos nomeá-lo para o cargo de pároco da paróquia de Água Preta até o 31 de dezembro de 1927.<sup>271</sup>

Na mesma provisão o bispo estabeleceu as atribuições e os deveres que o novo vigário deveria realizar enquanto permanecesse à frente da freguesia. Suas orientações foram incisivas e determinantes:

Conforme a forma geralmente seguida no Brasil com conhecimento da Santa Sé, seguem as obrigações de vivência.

No ensino geral e constante da doutrina às crianças e aos adultos na Matriz e nas Capelas, na administração dos emolumentos, na pregação semanal, simples e doutrinária, no cuidado dos enfermos, no zelo pela casa de Deus, enfim, nos deveres do seu cargo, ao não realizar estas, fica-lhe a consciência gravemente onerada como pastor de almas. Terá todos os direitos decorrentes do seu cargo, devendo-lhes seus paroquianos obediência, auxílio e afeiçoamento. Conservemos-lhe as faculdades de forma concreta nesta diocese. Seja esse ato comunicado ao povo e registrado devidamente no Livro de Tombo. Dada e passada nesta cidade episcopal de Garanhuns sob o nome, sinal e selo de nossas armas, aos 27 de dezembro de 1926, e eu, Pe. Emilio Lins Paiva, secretário, o escrevi.

+ João. Bispo de Garanhuns.<sup>272</sup>

O Pe. Francisco relata: “li, na ocasião na missa do Domingo, a supra mencionada publicação juntamente aos paroquianos ali presentes, 5 de janeiro de 1927”.<sup>273</sup> As orientações do bispo diocesano de Garanhuns remetiam o Pe. Francisco para uma atuação convencional em sua estada na paróquia de Água Preta. Porém, ao instalar-se como pároco na comunidade local, as primeiras mudanças começaram a proceder-se. Seu primeiro registro como vigário foi feito no Livro de Tombo, acerca de sua impressão da paróquia:

Achei a matriz num estado lamentável, faltando de tudo, uns ornamentos se achavam em Palmares, outros em Catende. O pálio

<sup>271</sup> Nomeação do Pe. Francisco como pároco da Paróquia de Água Preta. Registrada no Livro de Tombo Paroquial de número 01, folhas 25-26, ano de 1926.

<sup>272</sup> *Ibid.*, p. 25-26

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 26.

queimou-se no incêndio na sacristia de Palmares. O apostolado existia ainda, graças a Deus, duas velhinhas com a fita encarnada se apresentaram, as Filhas de Maria funcionavam, no entanto, os Filhos de Maria com anos de afastamentos. A Matriz pede urgentes serviços para não cair em ruína. O Sr. Bispo me autoriza a mover algum recurso do Patrimônio de São José<sup>274</sup> então se achando sem administração. A pia batismal que fazia nojo. Contando com a boa vontade dos habitantes há de se ir normalizando aos poucos. 7 de janeiro de 1927.<sup>275</sup>

Conforme descrito, a primeira impressão não foi agradável. A paróquia estava quase abandonada, foi preciso reunir esforços para fazer com que as atividades religiosas voltassem a ser realizadas em um ambiente digno e propício, ensejando o início de uma prática que se revelou dinâmica e possibilitou uma efetiva aproximação do povo. Nas páginas seguintes do Livro de Tombo, Pe. Francisco relata as primeiras atividades realizadas com a parceria da comunidade, destacando-se, naquele momento, a festa do glorioso São José da Agonia, com a qual foi possível levantar uma soma de 1.659 contos de réis para os trabalhos de reforma da Matriz.<sup>276</sup>

A prática pastoral do Pe. Francisco Geraedts em Água Preta se desenvolvia no contexto da Romanização. Organizando as atividades e as estruturas da paróquia, o sacerdote dehoniano imprimiu um ritmo até então nunca visto pela pequena comunidade paroquial: com isso, foi ganhando credibilidade e confiança da parte dos paroquianos que, a cada momento, participavam ativamente das iniciativas por ele lideradas. Seu caráter sério estava presente, sobretudo, no tratamento dado às atividades que envolviam diretamente assuntos ligados à religião. Como atestam as palavras da Senhora Maria das Dores Dutra Silva, sobre o posicionamento do Pe. Francisco: “ele era muito sério, tudo tinha que ser direitinho, tinha que respeitar a Igreja, que era o lugar mais sagrado que existia”.<sup>277</sup>

---

<sup>274</sup> Data-se da fundação da Paróquia, no ano de 1809, emolumento cobrado a todo morador que tem terrenos nas áreas localizadas desde as margens do Rio Una até a estrada que liga ao Litoral. Hoje corresponde a toda parte urbana do município da Água Preta. Conforme Lei Régia: Concessão Régia das terras do Patrimônio de São José da Agonia da Paróquia de Água Preta. PE – Livro Histórico do Patrimônio desta Paróquia, folhas 64-65. “Patrimônio doado por D. João VI – Rei de Portugal, por Lei Imperial de 1813. Uma légua do patrimônio régio pertence ao patrimônio da paróquia de Água Preta. Pernambuco”.

<sup>275</sup> Descrição da situação da Matriz de Água Preta, seus ornamentos e os grupos existentes logo após a posse como pároco local. Registrada no Livro de Tombo Paroquial de número 01, folhas 25-26, de 1927.

<sup>276</sup> Livro de Tombo Paroquial de número 01, 1927, fl. 26.

<sup>277</sup> Depoimento da Senhora Maria das Dores Dutra Silva, gravado em 03 de abril de 2008.





**Foto n. 5 - Matriz de São José da Agonia, após as reformas realizadas pelo Pe. Francisco)<sup>278</sup>**

Vivenciando o contexto da romanização, o Pe. Francisco mantinha, na paróquia de Água Preta, relação de aproximação muito evidente com a figura do epíscopo local. As orientações de D. João Tavares de Moura eram postas em prática, e, assim, a comunidade vivia uma característica do momento da romanização. Ao mesmo tempo que a Igreja nacional estava adentrando em um contexto de mudanças nas suas organizações institucional e pastoral, a prática do Pe. Francisco apresentava atividades ligadas à religiosidade popular, incentivando as devoções do cotidiano popular da comunidade, reestruturando as práticas religiosas adormecidas pela longa ausência de um sacerdote fixo na localidade.

O desenvolvimento da ação pastoral do Pe. Francisco não configurou um choque entre a Romanização e as práticas populares. Pelo contrário, podemos perceber que ele teve uma evidente habilidade para conciliar elementos distintos vividos pela Igreja naquele período. Como era um homem da Igreja, o sacerdote dehoniano seguia de forma obediente às orientações vindas da Igreja local que, por sua vez, estava orientada pelas idéias da Igreja nacional em plena mudança. Pe. Francisco registrou, nos Livros de Tombo, as devidas orientações vindas da Diocese e, em outubro de 1927, durante a missa dominical, divulgou as orientações, vindas do governo diocesano de Garanhuns, com o seguinte teor:

Por determinação da Santa Sé fica estabelecido que todos os anos, no penúltimo domingo de outubro, em todas as matrizes, igrejas e

<sup>278</sup> Foto pertencente ao Arquivo Paroquial, tirada em 1931. A Matriz de São José, como é comumente conhecida no município, provavelmente, não é dedicada ao santo padroeiro da comunidade São José da Agonia. Esta constatação foi-nos revelada pelo atual vigário paroquial, o Pe. José Tadeu Rocha de Moura, que explica ter sido a devoção a São José iniciada a pedido de D. João VI, no momento de instalação da freguesia. Porém, na localidade, possivelmente, já existia uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, pois, em um dos altares laterais da matriz, encontra-se, atualmente, uma imagem centenária de N. S. do Rosário. Ainda segundo seu relato, a pequena capela construída em honra de São José desmoronou e, com isso, os fiéis trouxeram a imagem do santo para a Igreja matriz e de lá ele nunca mais saiu.

capelas em que houver atos religiosos se façam as seguintes funções:

- 1) Seja o dia de orações e propaganda missionária, incutindo-se no povo o espírito da propagação da fé.
- 2) Que a pregação neste dia seja de caráter missionário, exortando a todos a que se inscrevam na obra da propagação da fé.
- 3) Que se declare a concessão da indulgência plenária, aplicável às almas do purgatório aos que, de forma concreta, fizerem a sagrada comunhão e rezarem pela conversão dos infiéis.

Como obra ligar a propagação da Fé (*sic*), aproveitando-se a ocasião para, sem prejuízos do assunto principal, chamar-se a atenção dos fiéis sobre a necessidade do sacramento sacerdotal entre nós. Com bênçãos afetuosas.

Paço episcopal de Garanhuns, outubro de 1927.

+ João. Bispo de Garanhuns.<sup>279</sup>

A propagação da fé era, naquele momento, um dos elementos que caracterizava a presença do movimento de romanização da Igreja. No caso em estudo, a defesa da fé era realizada através de incisivas pregações proferidas pelo Pe. Francisco, tanto na zona urbana, quanto nas comunidades rurais. Em relação às comunidades rurais, é importante mencionar que a Paróquia de Água Preta tinha, na zona rural, já naquela época, um contingente populacional proporcional ao urbano, isso nas décadas iniciais do século XX, e a mesma situação permanece até os dias atuais.

A evangelização das comunidades rurais era uma preocupação do sacerdote dehoniano, visto que o povo da zona rural necessitava de uma atenção mais acentuada devido às maiores dificuldades ali existentes para a manutenção da vida. Já mencionamos que Água Preta está localizada na Zona da Mata pernambucana, onde predomina a cana-de-açúcar como produto mais importante para a geração de renda para as pessoas que vivem nas comunidades rurais. Neste contexto, a prática da fé se torna um elemento de vigência permanente, pois as dificuldades e adversidades da vida são encaradas como ditames divinos pelos quais todos deveriam passar para serem bem recompensados no dia do encontro com Deus. Sobre essa experiência José Severino Croatto enfatiza:

O ser humano tende à totalidade. Por isso “sente” com tanta intensidade suas necessidades e limitações. E busca superá-las. É

---

<sup>279</sup> Carta Circular do Bispo Diocesano de Garanhuns, D. João Tavares de Moura, proferida pelo Pe. Francisco na missa dominical para a comunidade da paróquia de Água Preta. Livro de Tombo Paroquial, 1927, p. 26.

um ser que constantemente procura romper os limites, conseguir superá-los, porém, é uma miragem, uma u-topia, algo que não existe em lugar algum. Nega o limite, como anula a necessidade. Nega a limitação do bom e a irrupção do mau. À luz dessa constatação, entenderemos então a relevância da “salvação” na instância religiosa.<sup>280</sup>

Tais pressuposições sempre estiveram presentes na vida do homem nordestino, e não seria diferente para as pessoas que habitavam as comunidades rurais da Paróquia de Água Preta.

Em 1928, a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus viveu um momento muito especial, pois nele comemoraram, durante o retiro anual, realizado a partir de 8 de fevereiro, o jubileu da congregação. Muito entusiasmado, o Pe. Pedro Graff descreveu a alegria do encontro dos 17 sacerdotes dehonianos que faziam parte da comunidade, todos juntos para celebrar tão grande júbilo na vida da comunidade maior:

O retiro é anunciado para o dia 8 de fevereiro, e a seis de fevereiro, segunda-feira, chegam quase todos os padres. Para celebrar piedosamente as bodas de ouro da congregação, o retiro é aumentado em dois dias e terminará a 13 de fevereiro. É pregado por um sacerdote jesuíta e todos se esforçam para passá-lo no fervor. Na noite do domingo para a segunda feira fez-se a adoração noturna. Na segunda-feira de tarde encerrou-se o retiro. Na terça-feira celebrou-se a festa do jubileu depois do Te Deum em ação de graças. Ao meio-dia almoço de festa para o qual se esperou a vinda de D. Miguel, que não compareceu. Passou-se tudo na alegria e satisfação geral. Na quinta-feira todos voltaram para seus respectivos postos.<sup>281</sup>

Mas, o ano de 1928 também guardou um momento triste para a congregação dos sacerdotes dehonianos, sobretudo para aqueles que atuavam na diocese de Garanhuns, pois nele faleceu D. João Tavares de Moura<sup>282</sup>, primeiro bispo diocesano e que tinha aceitado a presença daqueles padres em paróquias da diocese. A notícia da morte de D. João foi transmitida pelo Pe. Francisco aos paroquianos de Água Preta e registrada no Livro de Tombo.

Na ida para São Paulo, aonde fora em procura de melhoras da sua preciosa saúde, faleceu o amado prelado, D. João Tavares de Moura, primeiro bispo da diocese de Garanhuns, o que deixou o cabido de luto e todos os seus diocesanos que por muito tempo sentiram profundamente a morte de seu primeiro bispo. Nascido aos 23 de julho de 1883, em Nazaré, foi ordenado sacerdote aos 11 de

<sup>280</sup> CROATTO, 2001, p. 43.

<sup>281</sup> POLMAN, 1986, p. 129.

<sup>282</sup> *Ibid.*, p. 129.

fevereiro de 1906, e sagrado bispo em 7 de setembro de 1919, em Olinda. Na Matriz de Água Preta foram celebradas solenemente exéquias para o eterno descanso do finado bispo. E nomeado administrador da diocese o Revm. Mons. José Anchieta Callon. Pe. Francisco, agosto de 1928.<sup>283</sup>

Antes de falecer, D. João Tavares de Moura estabeleceu os limites geográficos entre as paróquias de Palmares, Catende e Água Preta. A partir dessa divisão, cada uma tinha um raio de extensão definido e estabelecido.<sup>284</sup>

Os últimos anos da Primeira República, no Brasil, foram marcados por momentos de intensas agitações políticas, causadas, principalmente, pela explosão da crise mundial do capitalismo, que se iniciou nos Estados Unidos<sup>285</sup>. Os reflexos desse momento histórico chegaram com muita força no país. Os mais prejudicados com as perdas resultantes da crise foram os cafeicultores paulistas, que investiam montantes de seu capital nas exportações do café, produto bastante afetado pela crise e que, até então, alavancava a economia brasileira.<sup>286</sup>

A crise de 1929 não se restringiu ao universo do capitalismo e das potências industriais que procuravam reestruturar-se das perdas decorrentes da Primeira Guerra Mundial, agravadas com o colapso da crise. Milhares de pessoas foram atingidas, causando, assim, uma situação de caos e desorganização. A Igreja se posicionou sobre o momento vivido no mundo e as orientações da Santa Sé chegaram à Diocese de Garanhuns e à Paróquia de Água Preta. A voz do Papa teve eco no mundo do pós-guerra, suas encíclicas tiveram acentuada repercussão, bem como seus acordos e seu empenho nas atividades missionárias, como explica Guido Zagheni:

Nesse contexto, Pio XI orientou o seu pontificado segundo algumas linhas bem precisas: realizou a conciliação com o Estado Italiano, superando a Questão Romana; dedicou-se com empenho à promoção da atividade missionária, lutou contra os regimes totalitários dominantes, procurou continuamente afirmar a autoridade moral e religiosa da Igreja, sobretudo através de grandes encíclicas (*Divini Illus Magistri; Casti connubii; Quadragesimo anno; Mit Brennender Sorge*).<sup>287</sup>

<sup>283</sup> Registro do falecimento do bispo diocesano de Garanhuns, D. João Tavares de Moura. Livro de Tombo Paroquial, 1928, p. 28.

<sup>284</sup> Livro de Tombo Paroquial. Estabelecimento dos limites entre as paróquias de Palmares, Catende e Água Preta. 1928, p. 27.

<sup>285</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 106-107.

<sup>286</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 302.

<sup>287</sup> ZAGHENI, 1999, p. 261.

<sup>287</sup> *Ibid.*, p. 262.

Orientações sobre o momento vivido pelo mundo também foram estabelecidas na Carta Pastoral de D. Manoel Antonio de Paiva, publicada em 2 de agosto de 1932, como relata o Pe Francisco:

No estado anormal em que se acha a sociedade em todos os países, ameaçada de conflagração, devido à crise financeira e econômica em que se debate, com terrível projeção sobre a vida social e religiosa, individual e pública, é dever de consciência ouvirmos a voz de quem tem a missão de nos guiar pela vereda da verdade e da justiça. Essa voz é a do Chefe supremo da cristandade – o Papa. Ele mais do que ninguém está a par das causas geradoras do desassossego e das conturbações reinantes em todo o mundo. E como sentinela de Israel e pastor das almas adverte-nos do perigo que se nos defronta ameaçador. O Sr. Bispo chama a atenção sobre a monumental encíclica *Caritate Christi Compulsi*, do Santo Padre Pio XI. Em termos carinhosos chama a atenção de seus diocesanos, às circunstâncias atuais, para se unir numa santa cruzada de amor e de socorro, visando, como ele diz (carta pastoral) diminuir de algum modo as conseqüências das crises, que vêm sacudindo a humanidade, desnorteando-a cada vez mais. No fim, depois de chamar para a penitência a todos – clero e fiéis, diz: livrai-nos do mal a todos nós, nas tribulações em que vivemos, a ternura do Sagrado Coração de Jesus. Ele nos diz: vinde todos a mim... e eu vos confortarei.<sup>288</sup>

Os efeitos da crise foram determinantes, naquele momento, para os novos rumos da história nacional e mundial. Em 1930, continuaram as agitações provenientes da proximidade da eleição presidencial, que ocorreria naquele ano. Intensas disputas entre as forças políticas então existentes no cenário nacional, deflagraram uma revolução, tendo o país assistido à tomada do poder pelo grupo liderado por Getulio Vargas, Góis Monteiro e Isidoro Dias Lopes, e a conseqüente implantação de um governo provisório, com Vargas à frente.<sup>289</sup>

Revolução ou golpe? Esse é um fervoroso debate desenvolvido na historiografia brasileira sobre o movimento que elevou Getúlio à condição de chefe da nação. Para explicar como se procedeu tal fato, valemo-nos da opinião dos professores Renato Pinto Venâncio e Mary Del Priore, que enfatizam:

Para muitos leitores de jornais da época, o golpe que depôs Washington Luiz e, conseqüentemente, impediu a posse de seu sucessor, Júlio Prestes, parecia ser um típico confronto entre chefes políticos da Republica Velha. Muitos achavam que o novo governo não duraria, pelo fato de a sustentação política da Revolução de

<sup>288</sup> Relato da Carta Pastoral publicada em 2 de agosto de 1932. Proferida pelo Pe. Francisco diante da comunidade paroquial, enfatizando os efeitos da crise mundial que assolava o mundo naquele momento. Livro de Tombo Paroquial de número 01, 1932, p. 30-31.

<sup>289</sup> CALDEIRA, 1997, p. 260.

1930 ser bastante frágil. O movimento, como se sabe, havia desafiado o domínio de poderosas oligarquias, a começar pela paulista, formada por influentes fazendeiros e industriais, organizados em torno do Partido Republicano Paulista.<sup>290</sup>

Contextualizando o momento, Raimundo Caramuru Barros afirma:

Em 1930, a Revolução de Outubro, que depôs Washington Luiz e seus tecnocratas paulistas, e ao mesmo tempo instalou como chefe do Executivo Nacional a figura carismática de Getúlio Vargas, então presidente da província do Rio Grande do Sul, procurou empreender uma vasta reforma de estruturas políticas, seja por vias democráticas, até 1937, seja pela instalação do Estado Novo, de natureza totalitária, no período de 1937 a 1945.<sup>291</sup>

Como esse fato influenciou a vida e a atuação da Igreja no Brasil? O projeto iniciado por D. Leme foi modificado? Como a Igreja se posicionou diante deste acontecimento de suma importância para a vida política nacional? As mudanças decorrentes da implantação do novo governo tiveram reflexos diretos nas pretensões da Igreja de dar continuidade ao seu projeto de cristianização da sociedade brasileira. Enfatizamos a visão de Zuleica Dantas Pereira Campos:

É importante salientar que, para a comunidade católica do Brasil, o ano de 1930 representa um marco nas conquistas de seus ideais, obtidas através das negociações políticas, com um Estado que teme o poder da Igreja e que, também, tem plena consciência da importância dessa instituição para ajudá-lo a superar os seus momentos de instabilidade e a precariedade das instituições civis.<sup>292</sup>

Rapidamente, os reflexos do momento foram percebidos pelos prelados do Brasil, exigindo deles uma posição sobre o que ocorria. O posicionamento mais aguardado era do então Cardeal Leme, o prelado de maior representatividade diante das forças políticas nacionais e, principalmente, diante dos condutores do novo governo estabelecido. Os membros do novo governo tinham a consciência de que o apoio da Igreja era fundamental para a consolidação do movimento iniciado em 1930, que culminou com o estabelecimento do governo provisório de Vargas. Esse apoio seria de extrema importância devido à aproximação da Igreja com as elites e, ao mesmo tempo, com as camadas secundárias da sociedade brasileira. Com isso, podemos entender que:

<sup>290</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 315.

<sup>291</sup> BARROS, Raimundo Caramuru. Gênese e consolidação da CNBB no contexto de uma Igreja em plena renovação. *In*: INSTITUTO Nacional de Pastoral (Org), 2003, p. 20.

<sup>292</sup> CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Marianos recatequizando Pernambuco. *In*: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004. v. 3, p. 240.

no processo empreendido em 1930, a Igreja não apresentou uma posição uniforme, em nível nacional. Seu mais alto representante no Brasil, o Cardeal Leme, mantém uma atitude de extrema cautela. Em Pernambuco, o episcopado só vai apoiar o golpe de trinta após sua consolidação. Ao contrário da hierarquia eclesiástica, uma parcela dos católicos teve sentimento de hostilidade e de suspeita em relação à conjuntura política.<sup>293</sup>

A notícia dos acontecimentos deflagrados no sudeste do Brasil chegou à Congregação dos Padres do Sagrado Coração na província holandesa do Nordeste. Sua repercussão foi descrita pelo Pe. Pedro Graff:

No dia 3 de outubro, o superior geral deveria seguir aos Estados Unidos, num vapor brasileiro, até o Ceará, demorar-se alguns dias em casa dos Maristas e depois, num vapor americano, continuar a viagem. Porém, na noite de 3 de outubro arrebentou a revolução, no Recife, e pela manhã já não se podia mais entrar na cidade. Eis nosso bom padre Geral preso na Várzea até o fim da revolução. Para nós era um acontecimento de bom grado, por que durante este tempo temos combinado a fundação da Escola Apostólica. Estas semanas de parada forçada passaram sem novidades.<sup>294</sup>

As agitações vividas no Recife, devido à explosão da revolução, sitiaram os padres na Várzea e os privaram de qualquer comunicação com os outros sacerdotes, tanto na própria região metropolitana, como no interior. Outro fato agravante foi um acidente sofrido pelo padre Superior que estava na comunidade. Com a falta de comunicação, os padres da Casa Central não tiveram conhecimento do ocorrido com o Padre Francisco, que, no momento da explosão da revolução, também sofreu um sério acidente na estrada que levava a Xexéu, um distrito que pertencia aos limites territoriais do município de Água Preta, ao qual ele prestava assistência religiosa. O Pe. Polman narra o acontecido:

No dia 2 de outubro, o Pe. Francisco Geraedts chegou a acidentarse em Água Preta, quando, para verificar a quantidade de gasolina de seu velho Ford, acendeu um fósforo na boca do tanque; a explosão o jogou para longe; com queimaduras graves e uma perna quebrada, foi levado às pressas ao Recife e, por intermédio de Pe. Philippe, foi internado logo no Hospital Centenário.<sup>295</sup>

Enquanto o Pe. Francisco se recuperava deste acidente, o Pe. Philippe o ajudou, amparando a paróquia de Água Preta nas suas atividades religiosas. No plano nacional, as consequências da revolução de 1930 ditavam os rumos que o

<sup>293</sup> CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Marianos recatequizando Pernambuco. *In*: BRANDÃO, 2004, p. 240.

<sup>294</sup> POLMAN, 1986, p. 139.

<sup>295</sup> *Ibid.*, p. 139.

país deveria seguir. A Igreja estabeleceu uma ligação com Getúlio Vargas e, mais uma vez, apresentou-se eficaz a estratégica atuação política de D. Leme, ao participar ativamente das conversas e negociações para a deposição de Washington Luiz, como explica Zuleica Campos:

Os acontecimentos de outubro de 1930 provocam a aproximação entre a Igreja e Getúlio Vargas. D. Leme, após regressar de Roma, Cardeal, participou das negociações que convenceram Washington Luiz a renunciar, evitando um confronto com as forças “revolucionárias”. É importante salientar que quando Vargas assume a chefia do governo provisório, as relações entre a Igreja e o Estado não estavam definidas. Assim, em 1931, D. Leme mobilizou clérigos e fiéis numa cruzada em nome do fortalecimento do Catolicismo no Brasil. A primeira mobilização ocorreu em maio, invocando Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e, depois, em outubro, em homenagem ao Cristo Redentor. A estátua do Cristo foi inaugurada no topo do Corcovado, no dia do descobrimento da América. Dessa forma, a Igreja aproveita a conjuntura e demonstra ao governo sua capacidade de arregimentar massas católicas.<sup>296</sup>

Com essa demonstração de força diante do novo governo estabelecido, a Igreja teve a oportunidade de impor seus propósitos, visando a influenciar, de forma incisiva e determinante, na formação de um Estado católico. A capacidade de manobrar as camadas católicas era um trunfo pertencente à hierarquia eclesiástica nacional, pois o governo provisório necessitava de apoio vindo das diversas classes sociais e esse apoio seria elemento de sustentabilidade da ordem política vigente.<sup>297</sup>

É importante mencionarmos que este foi um momento ímpar na recente história republicana brasileira: o saldo da revolução de trinta poder ser analisado de forma positiva e negativa. 1930, não só representou uma troca de dirigentes no poder, mas a entrada do país numa era de diversidade, já vivida na esfera mundial, principalmente antes do primeiro grande conflito que envolveu as potências capitalistas européias.

Quando nos referimos a um período de diversidades, queremos explicar que, mesmo vivendo-se as intensas turbulências provocadas pela crise, e ainda recuperando-se dos horrores protagonizados pela guerra mundial, o mundo vivia uma intensa fase de modernização. Modernização que proporcionou a derrocada da modernidade e o pleno desenvolvimento da pós-modernidade, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Era um momento de mudanças de paradigmas, ideias,

---

<sup>296</sup> CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Marianos recatequizando Pernambuco. *In*: BRANDÃO, 2004, p. 241.

<sup>297</sup> *Ibid.*, p. 252.



conceitos e ideologias. Em tal contexto, a religião se insere como um dos elementos que vai passar por diversas transformações, vivendo o que Peter Berger define como processo de secularização. No interior da crise e das indecisões vividas pelas marcas da história, o sagrado passa a ter outra conotação, bem como as instituições religiosas. “A secularização pode ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, sua distribuição entre elas não foi uniforme”.<sup>298</sup>

A ciência moderna, que proporcionou todos os benefícios dos avanços tecnológicos, cada vez mais se intensificava como elemento indispensável para o desenvolvimento das grandes nações. A década de trinta inaugurou, também, uma corrida pelas hegemonias política e econômica do mundo, que teria seu desfecho com a explosão da segunda grande guerra mundial.

Refeito do acidente, o Pe. Francisco saiu do hospital onde, em recuperação, tinha permanecido mais de dois meses. Em 9 de janeiro de 1931, partiu logo para Água Preta, onde ainda permaneceu de repouso por mais de um mês, recuperando-se do acidente<sup>299</sup>. Ao chegar à comunidade e ser inteirado das notícias do plano nacional, tratou de retomar as atividades pastorais. No mês seguinte, sua provisão de pároco foi renovada pelo bispo de Garanhuns<sup>300</sup>.

A dolorosa experiência do acidente não desanimou o Pe. Francisco na continuação de suas atividades como pároco de Água Preta. Porém, as sequelas do acontecido ficaram visíveis, pois passou a andar com um pouco de dificuldade, mancando levemente, o que não se constituiu empecilho para a intensificação de sua ação pastoral. Segundo a Senhora Helena dos Santos Lima, Pe. Francisco visitava constantemente a zona rural do município, onde realizava as celebrações e ministrava os sacramentos aos habitantes das localidades que não podiam deslocar-se para a matriz da cidade.<sup>301</sup>

Um dos pilares da ação dos padres do Sagrado Coração de Jesus era a promoção social, por meio de atividades que valorizavam a dignidade das pessoas e aproximação das práticas religiosas. Em 1931, mesmo ano em que a Casa Central da Várzea iniciou as atividades da Escola Apostólica, o Pe. Francisco iniciou a sua obra social que marcaria mais intensamente a comunidade, o Externato de São

---

<sup>298</sup> BERGER, 1985, p. 120.

<sup>299</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 07.

<sup>300</sup> Livro de Tombo Paroquial, n.º 01, 1931, p. 29.

<sup>301</sup> Depoimento de Helena dos Santos Lima, gravado em 08 de novembro de 2008.

José. Essa escola foi um grande benefício para o município, visto que as poucas então existentes não respondiam à demanda apresentada pela localidade.



**Foto n. 6 - Externato de São José<sup>302</sup>**

O Externato São José era conduzido pelas Filhas de Maria, grupo de leigas devotas de Nossa Senhora da Conceição, grandes colaboradoras do Pe. Francisco na obra. No externato, eram ensinadas as noções básicas das ciências primárias, e as crianças que participavam da escola participavam também da catequese, que estava a cargo das Filhas de Maria. Sobre o externato, o próprio Pe. Francisco relata a celebração do dia 8 de dezembro de 1931:

No dia 8 de dezembro, as Filhas de Maria se esforçaram para solenizar festivamente o dia da Imaculada Conceição. Tivemos novas Filhas de Maria se consagrando à Mãe Imaculada, recebendo a fita azul. Houve mais uma comunhão geral dos alunos da escola paroquial, que neste dia receberam roupa nova confeccionada pelas mãos carinhosas das senhoras piedosas e pelas Filhas de Maria, que dirigiam este estabelecimento.<sup>303</sup>

---

<sup>302</sup> Localizado na Praça dos Três Poderes, s/n, Centro – Água Preta – PE. Foto pertencente ao Arquivo da Paróquia de São José da Agonia, tirada em 1946.

<sup>303</sup> Livro de Tombo Paroquial, 1931, p. 30.



**Foto n. 7 - Interior do Externato de São José, em dia de atividades com as crianças<sup>304</sup>**

A importância do Externato para a comunidade é enfatizada pelo depoimento da Senhora Helena Santos de Lima, que nele trabalhou, primeiramente, como auxiliar, tendo sido, depois, promovida a professora da instituição:

Fui auxiliar no Externato por cinco anos, depois passei ao cargo de professora, por que fiz um curso municipal, e o Pe. Francisco me elegeu professora para tomar conta das crianças que ele encontrava na rua e levava para o externato para serem cuidadas. O Externato era muito bom para eles (crianças), a maior parte das pessoas mais antigas da comunidade estudaram no Externato. Eram muitos meninos, por que tinha aula de manhã, tarde e noite. O Padre Francisco sempre estava lá, era ele que dava o catecismo para as crianças. Além de estudar o catecismo, a criança era iniciada na fé católica. Quando ele não ia, nós dávamos as aulas de catecismo. As crianças eram instruídas nas primeiras letras e preparadas para a primeira comunhão.<sup>305</sup>

A preocupação com a assistência educacional da comunidade, presente na ação do Pe. Francisco, era reflexo de um dos pontos do carisma da Congregação, que tinha um profundo zelo pela formação de seus religiosos. Como mencionado, naquele mesmo ano, a Casa Central iniciou as atividades da Escola Apostólica da Várzea. Esse centro de formação tinha como principal objetivo formar os candidatos ao sacerdócio para a continuação da missão no Norte e Nordeste do Brasil. O início das atividades foi registrado pelo Pe. Polman, a partir de depoimento do Pe. Pedro Graff:

<sup>304</sup> Interior do Externato de São José. Foto pertencente ao Arquivo da Paróquia de São José da Agonia, tirada em 1946.

<sup>305</sup> Depoimento oral gentilmente concedido por Helena dos Santos Lima, gravado em 08 de novembro de 2008.

Por uma circular se avisou os padres de procurar alunos para trazê-los na ocasião do retiro de 1931. Começou-se logo o trabalho da casa, e no fim de março de 1931 a casa estava pronta, toda mobiliada para começar. Durante este tempo tinha tomado as informações sobre o programa que devia ser de 6 anos, mais ou menos como em escolas na Europa. Depois da Páscoa, chegaram os primeiros alunos e no dia 14 de abril, Pe. Humberto Limpens traz o último, vindo de Panelas. São doze, ao todo, mas no decorrer dos primeiros meses de aula, quatro são mandados de volta para casa por estarem demasiadamente atrasados nos seus conhecimentos.<sup>306</sup>

O encerramento das atividades do Externato de São José ocorreu por volta de 1960, devido à falta de recursos para a manutenção dos trabalhos. Esse desfecho ocorreu porque como o Pe. Francisco angariava fundos com seus confrades estrangeiros para a manutenção da obra, com seu falecimento, tal apoio, vital para a continuidade do estabelecimento, deixou de existir<sup>307</sup>.

O prédio passou a servir como salão paroquial com a finalidade de acolher as atividades pastorais da comunidade. Ainda hoje, na memória dos que participaram daquela iniciativa do Pe. Francisco, podemos constatar a emoção e a satisfação de ter vivenciado, junto com ele, momentos de formação cristã e humana.

### 3.2 *A arte, os milagres e a experiência religiosa do povo*

Alguns sinais marcantes da ação do Pe. Francisco estão presentes em suas obras artísticas, voltadas, em sua maioria, para a religiosidade. A Igreja, no decorrer do processo histórico do Brasil, contribuiu, de forma significativa, para construção do patrimônio artístico brasileiro. Segundo Benedito Lima de Toledo, as obras jesuíticas, franciscanas, beneditinas e, sem dúvida, as obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, formam um precioso tesouro artístico e cultural, ligado, intrinsecamente, ao sentido religioso.<sup>308</sup>

As imagens sacras são consideradas sinais visíveis que contribuem para uma devoção lícita<sup>309</sup>. Desta forma, o patrimônio artístico-religioso está ligado a uma dupla função: especificamente, a primeira refere-se à função de ser uma obra de

<sup>306</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 07.

<sup>307</sup> Depoimento de Helena dos Santos Lima, gravado em 08 de novembro de 2008.

<sup>308</sup> TOLEDO, Benedito Lima de. Espontaneidade e espírito de invenção. **Revista História Viva** - Temas brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e transformação. São Paulo, Editora Duetto, Edição Especial Temática n. 2, 2004, p. 50.

<sup>309</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Código de Direito Canônico**: Brasília, Loyola, 1983, Cân. 1188 – 1189, p. 523.

arte com todos os requisitos para que receba tal título; ao lado dessa primeira função, e não menos importante, a própria função ligada preponderantemente ao sagrado, à devoção.

Dispondo de uma criatividade ímpar na arte de esculpir, projetar e pintar, as obras do Pe. Francisco configuram um valioso instrumento de evangelização, tanto por seu valor cultural, como por seu valor devocional. Em localidades distintas da Zona da Mata e do Agreste Pernambucano, como também em cidades alagoanas, o sacerdote dehoniano edificou, ou projetou obras que ficaram como legado para tais comunidades, como é o caso das Igrejas de Colônia Leopoldina e São José da Lage. Essa impressão sobre o legado do Pe. Francisco como sendo o de um valoroso artista foi-nos revelada pelo Pe. Brás Severino da Silva, sacerdote dehoniano, que, por mais de vinte anos, foi vigário da Paróquia de São José da Lage, em Alagoas.<sup>310</sup>

O trabalho artístico do Pe. Francisco estava centrado em dois ícones religiosos de valorosa expressão na fé da comunidade: o Sagrado Coração de Jesus, que era o centro de sua pregação devido à relação com a Congregação a que pertencia e Nossa Senhora. A propósito, a devoção a Maria foi um elemento muito utilizado na ação pastoral do Pe. Francisco. Em seus relatos, os depoentes afirmaram como eram grandes a fé e a devoção particular que o sacerdote tinha por Maria. Em seu depoimento, a Senhora Helena Santos de Lima recorda a celebração da Semana Santa, em que o Pe. Francisco recitava para a comunidade uma ladainha diferenciada intitulada de “o sonho de Maria”, a qual relata que todos ficavam em silêncio enquanto o padre conduzia o ato litúrgico e demonstrava todo seu afeto pela mãe de Jesus.<sup>311</sup>

Do conjunto de obras destacamos, inicialmente, a imagem que recebeu o nome de Coração Eucarístico de Jesus. Esculpida pelo Pe. Francisco, é venerada pela comunidade não só como um símbolo religioso, mas também como uma obra-prima, do ponto de vista artístico. Em nossa investigação sobre os sinais produzidos pelo Pe. Francisco, escutamos o relato do Pe. José Calixto Ferreira de Araújo, que, no período em que o Pe. Francisco era vigário de Água Preta, estava vivenciando seu período de noviciado, no Seminário Regional da Congregação, instalado naquela paróquia. Pe. Calixto relatou que a imagem do Coração Eucarístico de

---

<sup>310</sup> Depoimento do Pe. Bras Severino da Silva S.C.J. , gravado em 03 de dezembro de 2008.

<sup>311</sup> Depoimento de Helena dos Santos Lima, gravado em 08 de novembro de 2008.

Jesus, esculpida em uma jaqueira, tem características únicas em suas formas e simetria; suas palavras a definem desta forma: “não existe, no mundo, uma imagem como esta”.<sup>312</sup>

A imagem do Cristo da jaqueira, como é conhecida na comunidade, está atualmente exposta na entrada da Capela do Sagrado Coração de Jesus, área que pertenceu ao antigo noviciado da Congregação e que hoje é administrada pelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Na imagem, não encontramos qualquer inscrição sobre a data em que ela foi esculpida, porém percebemos que a obra foi feita com bastante requinte seguindo padrões estéticos considerados refinados. O mais curioso é o fato de aquela imagem, como relataram os depoentes, ter sido esculpida em um tronco de jaqueira viva, ou seja, a planta não foi extraída do solo, pois, dessa forma, perderia rapidamente a rigidez e não serviria para tal obra. Posteriormente, ela foi cortada e colocada no local em que hoje ainda se encontra. A Senhora Maria das Dores Dutra, que presenciou o Pe. Francisco esculpindo-a, enfatiza que ele era extremamente zeloso com a obra e que passava horas no árduo trabalho de entalhamento da madeira, esculpindo a imagem de Cristo Eucarístico, que se doava em pão da vida para todos<sup>313</sup>. Ainda hoje a comunidade paroquial de Água Preta, em dias festivos ligados à Eucaristia, venera com respeito e zelo a obra deixada pelo Pe. Francisco, cuja fotografia vemos a seguir.



**Foto n. 8 - Coração Eucarístico de Jesus. Foto do mestrando**<sup>314</sup>

<sup>312</sup> Depoimento do Pe. José Calixto Ferreira de Araújo S.C.J., gravado em 03 de dezembro de 2008.

<sup>313</sup> Depoimento de Maria das Dores Dutra da Silva, gravado em 03 de abril de 2008.

<sup>314</sup> Imagem esculpida em uma jaqueira, entre os anos de 1940 e 1945. Exposta no jardim central do Educandário Nossa Senhora do Sagrado Coração, Praça Marcionilo Pedroza, s/n, Centro – Água Preta – PE.



Como mencionamos, o Pe. Francisco era dotado de uma sensibilidade ímpar, evangelizava seus fiéis utilizando os sinais cristãos, como fez com a imagem do Coração Eucarístico de Jesus e com outras que passamos a evidenciar.

A arte religiosa se configurou em uma via para que o sacerdote dehoniano revelasse seu carisma e sua inspiração para as atividades ligadas à religiosidade popular. Pe. Francisco era um sacerdote carismático. Para endossar esta colocação, valemo-nos do depoimento do Prof. Jorge Cândido de Lima, ex-sacerdote da Congregação, que também realizou seus estudos preliminares para a vida religiosa no noviciado em Água Preta. Ele explica que o Pe. Francisco era conhecedor da realidade das pessoas que o procuravam e de como a imaginação das pessoas transformava pequenos atos em supostos milagres, possuindo a habilidade de não iludir o povo que tanto acreditava em sua figura:

Era possível perceber a religiosidade popular nas práticas do Pe. Francisco, sim, mas fazendo uma distinção. A religiosidade popular não era fundamentada em credices, mas em uma crença. O Pe. Francisco não era daqueles que esqueciam de sua formação teológica, e ele tinha uma formação teológica muito boa, era inteligente, sabia muito bem dosar o que era religiosidade popular e aquilo que era típico da própria pastoral da Igreja Católica.<sup>315</sup>

Em 1931, o Pe. Francisco organizou uma romaria de Água Preta a Colônia Leopoldina, para entregar um crucifixo por ele confeccionado, que foi doado àquela comunidade. Foram aproximadamente 6.000 pessoas participando da caminhada, que, até o presente momento, é considerada uma das mais expressivas demonstrações de fé vividas na época do sacerdote dehoniano. O relato do Livro de Tombo, feito pelo Pe. Francisco, registra:

No dia 28 de abril o povo católico da paróquia fez uma grande romaria com o Crucificado, artisticamente confeccionado em Água Preta, e foi levado pelo povo pela paróquia abaixo – constituindo este ato uma espécie de Santa Missão. Houve muitas conversões e ao chegar na proximidade de Sertãozinho foi calculado o povo que acompanhava em 6 mil pessoas. Cantavam e rezavam em alta voz louvores a Jesus Cristo Redentor – até alguns protestantes não se contiveram e acompanharam o crucificado que foi levado por 136 pessoas. Na passagem da cidade de Palmares encheu-se a Matriz de fiéis edificados pela ordem com que se mantinham na procissão, que marchavam em profundo silêncio, o qual somente se rompia pelas preces em comum e pelos cânticos sacros em honra da Paixão de Jesus Cristo. Penitência esta que será para sempre lembrada por

---

<sup>315</sup> Depoimento de Jorge Cândido de Lima, gravado em 03 de dezembro de 2008.

ter este povo percorrido 72 km num só dia. Enfim esta cruz está exposta à veneração do povo em Colônia Leopoldina.<sup>316</sup>

A repercussão do evento fez com que outras localidades da região observassem com mais respeito e admiração a figura do Pe. Francisco.<sup>317</sup> O significado da cruz, como sinal de devoção do catolicismo popular, é explicado por Riolando Azzi, que aponta vários sentidos para este símbolo cristão:

A Cruz como sinal de culto litúrgico – os missionários religiosos preocupavam-se em erigir cruzes pelas diversas regiões do Brasil, para convocar os povos para o culto e para a catequese.<sup>318</sup> A Cruz como expressão da devoção popular – não apenas autoridades civis e religiosas preocupam-se em erigir cruzes. Também o povo semeou e continua a semear cruzes por toda a extensão do território brasileiro. Essa ereção de cruzes pelo povo também tem seus significados especiais.<sup>319</sup>



**Foto n. 9 - Cruzeiro de Colônia Leopoldina – AL. Foto do mestrando**<sup>320</sup>

Sendo a cruz um sinal identificador da fé católica, em sua ação evangelizadora, o Pe. Francisco utilizou todo o potencial desse símbolo. Nas

<sup>316</sup> Relato da Romaria do Crucificado de Água Preta a Colônia Leopoldina, realizada em 28 de abril de 1931. Livro de Tombo, 1931, p. 29.

<sup>317</sup> Manchete do Diário de Pernambuco, noticiada em 6 de janeiro de 1933.

<sup>318</sup> AZZI, 1978, p. 15.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>320</sup> Cruz esculpida em madeira no ano de 1931, doada à Comunidade de Colônia Leopoldina, primeira paróquia assumida pelo Pe. Francisco em sua ação pastoral no Brasil. A cruz está localizada na Praça do Cruzeiro, s/n, Centro – Colônia Leopoldina – AL.



localidades em que realizava missões e pregações, a Cruz o acompanhava, tanto que construiu mais dois grandes crucifixos, um edificado na cidade de Canhotinho, no Agreste de Pernambuco e o outro erigido em Água Preta, permanecendo até os dias atuais como um dos marcos históricos e artísticos da comunidade.

O Santo Cristo, como é conhecida a imagem do grande crucifixo, foi recentemente restaurado, pois estava, sendo prejudicado pela ação do tempo. Na imagem do Santo Cristo, os fiéis deixam suas mortalhas e adereços religiosos como forma de pagamento de promessas, acendem suas velas e veneram o sofrimento do crucificado, lembrando das horas de agonia vividas pelo Cristo.



**Foto n. 10 - O Santo Cristo. Foto do mestrando<sup>321</sup>**

Um dado curioso sobre o crucificado erigido em Água Preta é que ele foi localizado sobre o antigo cemitério local, visto que um dos momentos de intensa expressão religiosa da comunidade é a celebração dos mortos. No período do Pe. Francisco, a lembrança dos fiéis falecidos se transformou em um forte momento de evangelização e doutrinação acerca dos preceitos da Igreja<sup>322</sup>.

A repercussão das atividades do Pe. Francisco mudaram, literalmente, a sua vida e a história da então pacata comunidade religiosa da paróquia de Água

---

<sup>321</sup> Santo Cristo – Imagem esculpida em cimento entre os anos de 1943 a 1947. Localizada na Praça dos Três Poderes, defronte ao Fórum Eurico Chaves, em Água Preta. Pela descrição dos moradores mais antigos da comunidade, onde foi erigida a imagem funcionava o cemitério local, e o Santo Cristo marca exatamente o portal de entrada do antigo recinto.

<sup>322</sup> Depoimento de Maria das Dores Dutra, gravado em 03 de abril de 2008.

Preta. Repentinamente, de várias localidades da região e de outros estados do Nordeste, chegavam pessoas para se aconselhar ou participar das celebrações realizadas pelo sacerdote. Nossos depoentes revelaram que era muito frequente a visita de romeiros à cidade de Água Preta para se aconselhar, rezar ou até mesmo somente estar próximo ao Pe. Francisco, havendo um fluxo constante de pessoas que visitavam a localidade para participar de tais atividades religiosas. Dessa forma, não demorou muito para surgirem notícias de curas realizadas por ele. O sacerdote dehoniano residia em um pequeno quarto localizado no interior do prédio do Seminário Menor da Congregação e, de sua janela, atendia aos fiéis que ali o procuravam. Esta pequena janela, hoje, é mais conhecida como janela das curas.

As curas ganharam repercussão regional, aliada à proliferação de romeiros que chegavam a Água Preta. Rapidamente, os meios de comunicação social deram cobertura aos fatos que ocorriam em Água Preta como foi noticiado, por exemplo, pelo Diário de Pernambuco, sobre o contínuo contingente de pessoas que se deslocavam àquela cidade do interior, bem como sobre uma cura realizada pelo Pe. Francisco, que teria retirado de um doido o mal que o afligia. Diz aquele jornal:

Milagres mesmo? O DIÁRIO continua registrando o afluxo de pessoas de outros municípios a Água Preta, onde estariam ocorrendo milagres creditados ao Padre Francisco. A cura mais destacada terá sido a de um doido, que ficou inteiramente bom do juízo. Até mesmo ao Ceará se estendeu a projeção do pároco milagreiro, pois, dali têm chegado a Água Preta dezenas de caminhões cheios de gente à procura de milagres. Mais recentemente, um aleijado largou as muletas, deu um grito e saiu correndo.<sup>323</sup>

O recorte de jornal acerca do que ocorria na comunidade de Água Preta, foi guardado e conservado pelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. A notícia dos supostos milagres realizados pelo vigário de Água Preta fez com que cada vez mais o Pe. Francisco passasse a ser conhecido e, em consequência, ocorreram outros momentos que evidenciavam a figura de um “santo” em meio à comunidade.

Sobre os milagres, tivemos a oportunidade de coletar o depoimento da Senhora Maria Áurea da Silva, contemporânea do Pe. Francisco, que presenciou um momento significativo da ação daquele sacerdote na comunidade de Água Preta. A questão se refere a um caso de possessão vivido por sua irmã mais jovem, Cezalina

---

<sup>323</sup> Notícia do Diário de Pernambuco, em 6 de janeiro de 1933.

da Silva, no qual o Pe. Francisco agiu para ajudar a jovem que, segundo pessoas da comunidade, estava sendo atormentada por maus espíritos.

O Pe. Francisco realizou um milagre em minha família, com minha irmã, que morreu com 23 anos. Naquele tempo a gente tinha casa aqui em baixo (referindo-se ao bairro chamado de Barra da Lama); meu pai foi ser barraqueiro em um engenho chamado Belamente, perto de Mangueira. Um dia chegou a visita de um compadre dos meus pais e almoçamos todos juntos... Estávamos conversando no terraço, e ela participando, lembro até do seu vestido rosa... Ela era uma moça muito bonita, tinha cabelo grande. Isso aconteceu quando ela tinha 22 anos, ainda viveu quase um ano. De repente, ela começou a gritar e nós ficamos apavorados... Meu pai disse: meu Deus, o que essa menina tem?! Parecia que ela estava com o demônio no corpo, que tinha entrado de repente, e ela nunca teve aquilo. Por fim, não teve quem a segurasse, meu pai aperreou-se, a gente tudo chorando e não tinha carro na hora, só tinha caminhão, mas se fosse para colocá-la dentro de um carro, ela quebraria o vidro, quebraria tudo. Tivemos que colocá-la na carroceria do caminhão, com seis homens que não conseguiram segurá-la... Ela rasgou-se toda, seus cabelos estavam todos arrepiados. Quando chegou na casa do Padre, ele não estava; quando a colocaram em uma sala onde havia muitas imagens de santos, ela queria destruir os santos e começou a falar: me trouxeram para aquele “barba de chiqueiro”, pensam que ele vai dar jeito nela, não vai não, de jeito nenhum, e ele nem está, ele viajou. O sacristão disse que ele viajou, tinha ido celebrar a missa em um engenho perto de Palmares. Padre Francisco tinha saído há pouco tempo, mas já tinha chegado em Palmares, ele tinha uma “baratinha”. Ele disse aos meninos que o ajudavam na missa: meninos, vou voltar para Água Preta, tem alguém me esperando em minha casa. Na frente da Igreja se concentrou uma multidão de pessoas, parecia uma das noites da festa do glorioso São José. Chegou o delegado viu o estado da menina que ele diz que estava doida, e disse, então, ao meu pai: se o padre não der um jeito, nós vamos levá-la para Recife. O delegado ficou lá, as janelas da casa não cabiam de tanta gente, o delegado não deixou ninguém entrar, quem a olhou foi o delegado... Ela estava apavorada e o espírito falava: ele já vem aí, mas pensa que vou sair daqui, não vou sair, de jeito nenhum, aquele “barba de chiqueiro”... O Padre Francisco chegou por trás, ela olhou pra ele e disse: venha para cá, pensa que vou embora. Ele foi com o cordão da batina e disse: podem soltá-la; soltaram-na, e quando ela viu o padre disse: sua benção, meu padrinho... E ele respondeu: Deus te abençoe minha filha!... Ele foi quem a batizou. Ela disse, então: o que estou fazendo aqui? E perguntou: Nena (Maria Áurea), o que estou fazendo aqui? E meu padrinho respondeu: vamos fazer um passeio. Ela disse: toda rasgada, estou com vergonha. Ela estava com uma figa no pescoço pendurada por um cordão. Padre Francisco mandou João Félix, um conhecido do meu pai, que estava presente, levá-la para o Santo Cristo, e ela falou: pra que isso? Referindo-se à figa, ele disse: não use isso não, é coisa do satanás. Mas meu padrinho, estou com muita vergonha de estar na frente do senhor com essa roupa, ela disse, e ele mandou ela ir tomar um banho, quando ela respondeu que não ia pois tinha vergonha de tomar banho em sua

casa, e queria ir para minha (sua) casa. A frente da matriz estava cheia de gente, quando ela saiu com meu pai. As pessoas todas estavam comentando, e eu escutei alguém dizer: o Padre Francisco é um padre santo, pois do jeito que essa moça estava, toda rasgada e gritando, e agora está boa desse jeito. O padre foi para o carro e fomos para o Santo Cristo, eu, meu pai e umas pessoas do engenho nos acompanhando, parecendo uma grande procissão das pessoas que estavam em frente à matriz. O Padre Francisco fez muitos outros milagres lá no Santo Cristo, lembro também do aleijado que chegou procurando-o, e ele disse: filho solte a muleta, e ele andou.<sup>324</sup>

Em meio a tanta repercussão, o Pe. Francisco continuava a realizar suas atividades normais, intensificando as práticas evangelizadoras para as quais foi enviado pela congregação e autorizado pelo bispo de Garanhuns. Como podemos observar nesta imagem, da realização de missão na cidade de Lagoa dos Gatos (PE), no ano de 1930:



**Foto n. 11 - Missões realizadas durante a festa de São Sebastião, janeiro de 1930<sup>325</sup>**

Sua relação com a congregação não foi alterada após a difusão da realização dos “milagres”. Em pesquisa nos arquivos e no compêndio escrito pelo Pe. Polman, não encontramos nenhum relato ou posicionamento de membros da congregação sobre os fatos que ocorriam na paróquia de Água Preta. Em 1932, foi

<sup>324</sup> Depoimento de Maria Áurea da Silva, gravado em 06 de dezembro de 2008.

<sup>325</sup> POLMAN, 1986, p. 138.

convocado, pelo Pe. Pedro Graff, para pregar o retiro espiritual anual da congregação que sempre ocorria na Casa Central da Várzea.<sup>326</sup>

Em meio a muita especulação, e já sendo considerado em santo pelo povo da localidade, o Pe. Francisco agia de forma natural na condução de suas atividades pastorais. Era um homem muito extrovertido, dotado de um senso de humor edificante, como nos relatou o Pe. José Leopoldo Ramos, outro noviço que realizou seus estudos no seminário menor de Água Preta, e que, ao se ordenar sacerdote, voltou à comunidade, tendo o seu nome sido alterado para Atanásio, após a ordenação.<sup>327</sup> Vale salientar que o Pe. Francisco tinha profunda preocupação com o que ocorria na comunidade, pois estava consciente da fé que o povo depositava em sua pessoa. Sobre essa relação, o professor Jorge Cândido relata:

Apelo neste momento aos meus estudos sobre sociologia da religião, Padre Francisco, era carismático, às vezes realizava uma ação de maneira natural, mas havia um respeito diferenciado por parte do povo. Atribuía-se milagres a ele que, jamais incentivou este tipo de ideal em torno de si, inclusive fazia brincadeiras com aquilo que o povo julgava ter sido milagre. Ele, às vezes, fazia as coisas com simplicidade e o resultado era inesperado, as pessoas atribuía, mas ele tinha uma formação muito boa, muito obediente à Igreja, portanto era um homem da Igreja do seu tempo, jamais colocou autoritarismo na sua relação pastoral com os fiéis, tinha uma fidelidade muito grande ao seu compromisso com o povo e, nesse sentido, ele era realmente um padre popular sem ser popularista.<sup>328</sup>

O compromisso com o povo, mencionado no depoimento supracitado, era reflexo de seu compromisso com a Igreja. O Pe. Francisco era um sacerdote diferenciado, que demonstrava, em suas atitudes, o seu zelo e carinho pelo povo. A experiência religiosa do povo é um dado particular naquele contexto, pois, mesmo evidenciando uma situação em que milagres podem ter ocorrido, entendemos que muitos desses acontecimentos são fruto da experiência religiosa vivenciada pela comunidade que, antes da chegada do Pe. Francisco vivenciava um determinado afastamento das práticas religiosas. Para Mircea Eliade,

o afastamento divino traduz na realidade o interesse cada vez maior do homem por suas próprias descobertas religiosas, culturais e econômicas. Interessado pelas hierofanias da vida, em descobrir o

---

<sup>326</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 13.

<sup>327</sup> Depoimento do Pe. José Leopoldo Ramos, S.C.J., gravado em 03 de dezembro de 2008.

<sup>328</sup> Depoimento de Jorge Cândido de Lima, gravado em 03 de dezembro de 2008.

sagrado da fecundidade terrestre e sentir-se solicitado por experiências religiosas mais concretas.<sup>329</sup>

A experiência religiosa da comunidade permitiu aos que participaram daquele momento uma real aproximação com o sagrado, mediado pela figura do sacerdote dehoniano, que, com diversificada habilidade e criatividade, conduziu e canalizou as aspirações do povo para seu objetivo primordial: a evangelização. Por muito tempo, a paróquia de Água Preta não tivera um sacerdote fixo, e um dos motivos que não possibilitara a presença constante era a falta de local para a instalação de uma casa paroquial, problema que foi resolvido logo com a chegada do Pe. Francisco, pois, para ele se transferir para o local, a comunidade se mobilizou e fez a doação de um terreno onde a casa paroquial foi construída. Sua presença no meio da comunidade fez com que as pessoas não só o respeitassem como uma autoridade eclesial, membro ativo da hierarquia da Igreja, mas como uma presença sagrada, presença do Deus que fala através de suas pregações.

Pe. Francisco Geraedts não era o único missionário atuando na região. Outro que atuou no Nordeste foi o capuchinho Frei Damião de Bozanno. Inúmeras vezes Frei Damião foi pregar missões em Água Preta e contou com a ajuda e a participação ativa do Pe. Francisco. No Livro de Tombo paroquial encontramos a descrição de um momento raro e importante para a vida religiosa da comunidade: o encontro dos dois religiosos em um momento de pregação das Santas Missões. A senhora Maria das Dores Dutra Silva enfatiza que “eles eram muito parecidos, tinham a barba grande, mas a do Pe. Francisco era maior”. Pe. Francisco registrou as atividades realizadas na semana em que Frei Damião pregou as Santas Missões na Paróquia de Água Preta:

Realizaram-se, nesta paróquia, as Santas Missões pregadas por Frei Damião (Capuchinho) de 5 a 14 de janeiro de 1934. 1853 homens comungaram e 4629 mulheres, numa importante procissão do S.S Sacramento acompanhada por milhares de fiéis, entrando pela Rua Grande, havendo bênção do S.S Sacramento num altazinho improvisado pelo povo de Jiquiá e outro pelo povo da Barra de Lama. A terceira bênção foi no altar erigido na porta da Igreja onde foi encerrada a Santa Missão.<sup>330</sup>

---

<sup>329</sup> ELIADE, 2001, p. 106.

<sup>330</sup> Relato da realização da Santa Missão, pregada pelo Frade Capuchinho Frei Damião de Bozanno na Paróquia de Água Preta, de 5 a 14 de janeiro de 1934. Livro de Tombo de número 01, 1934, p. 31-32.

Durante a realização das missões na paróquia, houve um acontecimento ímpar, também descrito pelo Pe. Francisco. Refere-se à presença de protestantes presbiterianos na comunidade paroquial de Água Preta. Segundo o Pe. José Leopoldo Ramos, o Pe. Francisco ficou conhecido como o “martelo dos protestantes”, pois, no período em que esteve à frente da Paróquia de Água Preta, a presença de membros de denominações religiosas de cunho protestante era mínima. Padre Leopoldo narrou um episódio cômico, ocorrido na comunidade, que envolveu o Pe. Francisco, o delegado local e um grupo de protestantes. O episódio desencadeou uma movimentação popular em solidariedade ao vigário que tinha sido preso. Relata o Pe. Leopoldo:

Uma certa vez Padre Francisco atacou os protestantes, então a polícia que era protestante, não quis conversa, prendeu Padre Francisco, e suas palavras foram: pois não, meu filho, eu não faço questão, pode me colocar na cadeia. Os policiais conheciam bem o prestígio do padre, então os soldados e o sargento colocaram o Pe. Francisco na cadeia, e a notícia se espalhou por toda a região de Palmares, Catende e Água Preta, o que ocorreu por volta das duas horas da tarde. Logo que a notícia se espalhou, até cinco horas da manhã do outro dia, não pararam de chegar pessoas vindas das cidades vizinhas para mostrar seu sinal de adesão, de solidariedade para com o Pe. Francisco. Ele pedia que a paz fosse conservada. Então o delegado mandou soltar o Pe. Francisco, e disse: “com esse padre ninguém pode”. Ele era muito querido, muito respeitado.<sup>331</sup>

A presença protestante deve ser um dado bem compreendido, visto que não se pode afirmar categoricamente a não existência de fiéis de outras denominações religiosas na cidade, uma vez que o próprio documento comprova o contrário. Sobre a presença das comunidades protestantes, valemos-nos de Klaus Van der Grijp:

As mudanças políticas, sociais e religiosas que caracterizaram esta época da história brasileira influíram profundamente no desenvolvimento das Igrejas protestantes. O Brasil, como todo o mundo ocidental, havia se tornado o cenário de conflitos ideológicos, os quais, se bem neutralizados sob o regime de Getúlio Vargas, não deixaram de afetar o posicionamento de alguns líderes eclesiais. Deve-se dizer que no período anterior à Guerra Mundial, a política de direita parecia constituir, para o protestantismo brasileiro, um perigo maior do que a de esquerda. Por que os integralistas, no intuito de estreitar os vínculos do Estado com a Igreja majoritária, agitavam contra o protestantismo até o ponto de lhe quererem proibir o culto

---

<sup>331</sup> Depoimento do Pe. José Leopoldo Ramos S.C.J., gravado em 03 de dezembro de 2008.

público no Brasil, alegando que a propaganda protestante preparava o caminho para o comunismo.<sup>332</sup>

Com isso compreendemos que, após o movimento de 1930, que elevou Vargas à chefia da nação, as Igrejas protestantes foram perseguidas. Tal cenário, que ocorria em nível nacional, repetiu-se em Água Preta, na medida em que o Padre Francisco não tolerava a presença de membros de denominações religiosas protestantes. Ele desenvolvia uma espécie de monopólio da fé, o que explica por que não era frequente a presença de membros religiosos de outras denominações na localidade.

O documento registra uma situação delicada administrada pelo Pe. Francisco, que teve um desfecho negativo para os protestantes.

Apenas nos primeiros dias foi interrompida a boa ordem por um ensaio malogrado de presbiterianos, que não tiveram que fazer outra coisa do que se retirar, acompanhados pelo povo que cantava o ofício da Imaculada Conceição até logo rumo a Palmares por onde desapareceram os pobres seguidores de Calvino. O intento deles, de fazer uma casa de culto, foi frustrado e depois de apelarem para o Superior Tribunal do Estado, pedindo estrondosamente o processo movido pela administração do patrimônio de S. José, desapareceram de vez da terra do glorioso patriarca sem deixar mesmo adeptos nem apreciadores.<sup>333</sup>

Para resolver esse impasse, estrategicamente, o Pe. Francisco se utilizou das atribuições referentes ao patrimônio de São José. Os presbiterianos só poderiam iniciar a obra de construção de um templo se estivessem de posse do documento do patrimônio. Como isso não foi concedido, houve a impetração do recurso no citado tribunal, que assegurou a validade do poder do patrimônio e impediu a realização da construção de um templo protestante em Água Preta.

No decorrer do impasse chegou um comunicado da congregação lamentando o triste fato do falecimento do Pe. Cícero Romão Batista, considerado pelos nordestinos um verdadeiro santo popular. O momento era de comoção. A trajetória histórica de Pe. Cícero Romão Batista, no Ceará, foi importante para a consolidação do catolicismo popular. De todos os recantos do Brasil, pessoas se dirigiam ao Juazeiro do Norte para reverenciar a figura ímpar do santo vigário. A

---

<sup>332</sup> GRIJP, Klaus Van Der. As igrejas protestantes entre 1930 e 1964. In: AZZI, 2008, p. 12.

<sup>333</sup> Relato da realização da Santa Missão, pregada pelo Frade Capuchinho Frei Damião de Bozanno na Paróquia de Água Preta, de 5 a 14 de janeiro de 1934. Livro de Tombo, n.º 01, 1934, p. 31-32.



Congregação se solidarizou com os romeiros que migraram fervorosamente para o Juazeiro a fim de acompanhar, de perto, as celebrações fúnebres do Pe. Cícero.<sup>334</sup>

Em Água Preta, o Pe. Francisco recebeu uma convocação, da Casa Central da Várzea para uma conversa com o Pe. Pedro Graff. O motivo era a possibilidade de instalação do Seminário Menor da Congregação nas terras circunvizinhas da casa paroquial de Água Preta. Nesse seminário, os alunos passariam pelo estágio do noviciado. Em meados do ano de 1935 a ideia se concretizou, como relata o Pe. Jorge Polman: “resolvemos fundar o noviciado em Água Preta. Combinei com o Pe. Francisco a adaptação da casa para um convento de 12 noviços e mais alguns padres”.<sup>335</sup>

Após as devidas preparações e com o estabelecimento das estruturas da nova casa, o centro de formação teve seus trabalhos iniciados com o postulante. Em janeiro do ano seguinte, teve início o noviciado. Tanto a Casa Geral, quanto a Diocese de Garanhuns forneceram as devidas autorizações para o funcionamento da casa de formação. Para a paróquia de Água Preta, a abertura do seminário representou mais um benefício realizado pela influência marcante do Pe. Francisco<sup>336</sup>. Esse centro de formação de sacerdotes dehonianos foi o primeiro fundado pela Congregação no Norte e Nordeste do Brasil.<sup>337</sup> Sobre o início das atividades no noviciado, o Pe. Francisco relata:

No dia 17 de outubro é bento o noviciado e no primeiro dia de outubro começa o postulante, a preparação para o noviciado. É formado pelos estudantes: Eduardo Galvão, Benjamin Pires da Silva, José Maciel de Barros, José Francisco Cedrim, Pedro Brejis e Renato Wiercx. Na vestição das batinas estão presentes os padres

<sup>334</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 13.

<sup>335</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>336</sup> O Noviciado São João, casa de formação para aspirantes ao ingresso na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, mediante a emissão dos votos religiosos de obediência, pobreza e castidade, foi implantado na cidade de Água Preta – Pernambuco – em 1935. Daria continuidade ao processo formativo desenvolvido na Escola Apostólica da Várzea – Recife, onde os candidatos à vida sacerdotal faziam os estudos preparatórios, correspondentes hoje à educação básica. Concluindo esse nível, eram encaminhados ao Noviciado, segunda etapa de sua formação. Ali aprofundava-se no conhecimento da vida consagrada, suas obrigações, espiritualidade dehoniana, e preparavam-se para assumir os compromissos e deveres inerentes à sua entrada na Congregação do Padre Dehon. O Noviciado era especificamente uma casa de reflexão sobre o chamamento vocacional e doação à vida consagrada à glória de Deus, à difusão da devoção ao Coração de Jesus e seu reino. O vigário da paróquia, Padre Francisco Geraedts, colaborou decisivamente para as adaptações que se faziam necessárias. Com seu talento de construtor experiente, não apenas planejou as ampliações exigidas; assumiu também as funções de mestre de obras. Depoimento de Maltanir Noronha, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.

<sup>337</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 17.

Antonio In't Groen e Henrique Van Der Horst, Humberto Limpens, Geraldo W. Schut, autoridades e habitantes da cidade.<sup>338</sup>

Em 1937, a congregação lançou um folheto mensal que circulou por muito tempo: de 1937 a 1960. Chamava-se “O Estandarte”.<sup>339</sup> No seu conteúdo, os redatores apresentavam reflexões e doutrinação acerca do ensinamento dos dogmas e da doutrina católica. Na revista, os sacerdotes dehonianos emitiam um convite para quem desejasse conhecer a vida consagrada, como também se inteirar sobre a vida e as atividades dos sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Outra face da publicação era a arrecadação de fundos para a manutenção da Escola Apostólica da Casa Central da Várzea. Nos anos que ficou em circulação, O Estandarte colaborou para divulgar o modo de vida dos dehonianos no Norte e Nordeste do Brasil.<sup>340</sup>

Com as atividades pastorais transcorrendo, cada vez mais a figura do Pe. Francisco se projetava como a de um religioso diferenciado dos outros que trabalhavam nas paróquias circunvizinhas a Água Preta, como explica o Prof. Jorge Cândido:

Realmente ele foi um padre diferenciado dos outros que existiam naquele momento, e sua ação também foi diferenciada, sem dúvida ela se destacou, tinha uma ação pastoral e uma vida pessoal diferenciadas em termos de preces e orações, de muita amizade com seus confrades congregacionais e com o povo, realmente era uma figura que eu chamaria de carismática. Infelizmente não teve tempo ou nunca teve a preocupação de institucionalizar o estilo de sacerdote que ele viveu.<sup>341</sup>

Em plena comunhão com a congregação, Pe. Francisco dividia seu tempo entre a realização da assistência espiritual à comunidade e o serviço aos outros sacerdotes quando eles se sentiam em dificuldades, como ocorreu no final do mesmo ano de 1936, quando foi nomeado vigário cooperador da Paróquia de São José da Lage, juntamente com o Pe. José Cobben.<sup>342</sup>

Naquele momento, a Diocese de Garanhuns era conduzida por D. Mário Villas Boas, prelado que sucedera a D. João Tavares de Moura. D. Mário tomou posse da diocese de Garanhuns em 19 de novembro de 1938. O novo bispo

<sup>338</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 19.

<sup>339</sup> Revista Temática organizada pela Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Este periódico circulava nas paróquias onde os sacerdotes dehonianos eram vigários paroquiais, bem como, era distribuído pela Casa Central na Várzea, e na Escola Apostólica.

<sup>340</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 25.

<sup>341</sup> Depoimento de Jorge Cândido de Lima, gravado em 03 de dezembro de 2008.

<sup>342</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 23.

diocesano realizou visita pastoral à Paróquia de Água Preta em novembro de 1940 e registrou no Livro de Tombo suas impressões em relação à paróquia e à administração conduzida pelo Pe. Francisco, bem como sobre as atividades pastorais realizadas:

Aos 26 dias do mês de novembro de 1940, pela tarde chegamos a esta sede paroquial de S. José da Água Preta. À entrada da cidade éramos esperado pelo Revmo. Pároco, exmas. autoridades, associações paroquiais e povo em geral. O Revmo. Pároco dirigiu-nos piedosa e filial saudação. Em seguida, na Igreja Matriz, fizemos a abertura da visita pastoral.

Permanecemos na paróquia até a tarde do dia 2 de dezembro. Pregamos a palavra de Deus, todos os dias, e administramos, várias vezes, o Sacramento da Crisma. Todos os atos tiveram a consoladora assistência dos fiéis. A igreja Matriz, embora não apresentasse boa construção, está muito bem conservada, muito limpa e piedosamente ornada. Tem bons paramentos, boas alfaias e um ótimo sacrário. Tivemos uma boa impressão do movimento de catequese entre as crianças. No Apostolado da Oração e na Pia União das Filhas de Maria há um grupo apreciável de pessoas com alguma capacidade de trabalho e dedicação pela Santa Igreja. Confiamos muito em que se há de intensificar, cada vez mais, o movimento religioso nesta paróquia de S. José, donde nos retiramos levando muito grata impressão. Expressamos, aqui, o nosso reconhecimento às exmas. famílias que nos cercaram de inúmeros obséquios e gentilezas e nos prepararam muito confortável e cordial hospedagem. Ao correr da visita pastoral fomos até a grandiosa Usina Santa Terezinha, cujos proprietários nos receberam muito fidalgamente. Tivemos a oportunidade de ali administrar a Santa Crisma. Consignamos, com a nossa bênção o nosso louvor e aplauso ao revmo Pároco, Pe. Francisco Geraedts, muito digno membro da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, que, aos seus trabalhos paroquiais nesta cidade, acrescenta com muito zelo e já desde muitos anos, o encargo de missionário nesta nossa Diocese onde, muito merecidamente, é acatado e amado por todos os fiéis.

Água Preta, 2 de dezembro de 1940.

+Mário, Bispo diocesano.<sup>343</sup>

O reconhecimento por parte do ordinário local só acrescia a importância da figura do Pe. Francisco. Naquele mesmo ano, ocorreu mais uma demonstração de seu carisma e aproximação com o catolicismo popular. Próximo da celebração dos fiéis defuntos, que, como destacado, era um momento forte na vida religiosa da comunidade, o Pe. Francisco convocou a comunidade para a realização de uma romaria antes do dia dos mortos, na primeira sexta-feira do mês, dia dedicado ao

<sup>343</sup> Relato da Visita Pastoral de D. Mário Villas Boas, bispo de Garanhuns, à Paróquia de Água Preta. Livro de Tombo de número 01, 1940, p. 43.

Sagrado Coração de Jesus, que foi vivida de forma fervorosa. Sobre as romarias, Riolando Azzi enfatiza que

as romagens ou romarias constituem uma tradição constante na prática religiosa do povo brasileiro. De origem medieval, as romarias chegaram ao Brasil através da cultura lusitana. A romaria tem a finalidade de exprimir a fé e homenagear o santo cultuado. Com muita freqüência, essa expressão de fé se manifesta pelo fato de vir pedir uma graça ou cumprir uma promessa. Deste modo, visita-se o santo tanto para pedir favores bem como para agradecer os favores recebidos do céu.<sup>344</sup>

Sobre este momento relata o Pe. Francisco:

O dia de todos os santos, que coincidiu com a primeira sexta-feira do mês, tornou-se um dia de verdadeira devoção. O dia de finados foi celebrado à tarde, com uma romaria composta de mais de mil pessoas se dirigindo ao cemitério, todas as pessoas levam, rezando, a sua vela acesa e, no campo santo, foi cantado o ofício de finados.<sup>345</sup>

Outro aspecto importante relacionado à ação do Pe. Francisco, em Água Preta, é a devoção a São José, que ali é venerado até os dias atuais, sob o título de São José da Agonia. Em observações realizadas em outras imagens, constatamos semelhanças entre a imagem do padroeiro da paróquia de Água Preta, com o São José de Botas, outra invocação destinada a São José, que é considerado patriarca da Igreja Universal. Segundo Eduardo Hoornaert, a imagem de São José de Botas prefigura a imagem do Senhor patriarcal, do “homem bom”.<sup>346</sup>

As festas religiosas sempre foram momentos de expressão intensa da religiosidade local. Desde o momento em que assumiu a paróquia, Pe. Francisco realizou, com brilho e entusiasmo, a festa do glorioso São José. Em seu depoimento, a senhora Maria das Dores Dutra<sup>347</sup> enfatiza que as festas eram grandiosas: aconteciam a parte religiosa e a profana. A missa, por causa da quantidade de pessoas, sempre era realizada fora da Igreja, de forma campal.

As festas religiosas são uma tradição presente no Brasil desde a chegada dos primeiros sacerdotes, ainda nos momentos iniciais da evangelização. As festas dos santos padroeiros, além de ligadas a motivações sagradas, ensejavam momentos de encontro dos distintos grupos sociais estabelecidos. Nelas era

<sup>344</sup> AZZI, 1978, p. 73.

<sup>345</sup> Relato da Celebração do dia de Finados de 1940, com a realização de uma Romaria até o cemitério local. Livro de Tombo de número 01, 1940, p. 42-43.

<sup>346</sup> HOORNAERT, 1979, tomo II, anexos, p. II.

<sup>347</sup> Depoimento de Maria das Dores Dutra Silva, gravado em 03 de abril de 2008.

possível perceber a intensidade da hierarquia social construída ao longo do processo histórico. Riolando Azzi explica que

a antiga sociedade brasileira, tanto no período colonial como na época imperial, tinha um caráter sacral. Em força da instituição do padroado, o catolicismo era a religião oficial do Estado. O governo luso-brasileiro era, pois, declaradamente religioso. Deste modo havia um grande interesse por parte das autoridades civis em prestigiar ao máximo as festas da Igreja. Por sua vez, também a população era toda ela educada dentro de uma tradição marcadamente religiosa. A religião era parte integrante e fundamental na estrutura da sociedade. Toda cultura era permeada de expressões cristãs. Dentro desse contexto, não era fácil a separação entre mundo sagrado e mundo profano. Aliás, tal divisão seria incompreensível na mentalidade tradicional. As festas religiosas eram ao mesmo tempo reuniões sociais, com música, canto, danças, fogos de artifício, quermesse e comidas típicas.<sup>348</sup>

Outro santo celebrado com bastante devoção na comunidade era São Sebastião Mártir, como comprovamos em registro feito pelo Pe. Francisco sobre a realização da primeira festa, em honra do santo, com uma imagem do cultuado: “Aos 20 de janeiro, pela primeira vez, foi celebrada a festa com a imagem do Santo Mártir, presente de José Real. Autorizada e benta pelo bispo, a imagem percorreu as principais ruas da cidade e a festa terminou com a benção do S.S Sacramento”.<sup>349</sup>

As festas do calendário litúrgico católico eram celebradas com bastante fervor: a Semana Santa e o ciclo do Natal eram momentos especiais; como relembra Maria das Dores Dutra, “na época do Pe. Francisco aconteciam as festas do Natal, de S. José, eram um festão. O Natal e Ano Novo aqui, era festa mesmo, missa campal no meio da rua, e todo mundo participava.”<sup>350</sup> Nas festas, era nítida a criatividade do vigário e, na forma como organizava as atividades, o Pe. Francisco demonstrava todo seu afeto por aqueles momentos de suma importância para a vida religiosa da comunidade. O sagrado e o profano são dois elementos associados à experiência religiosa da comunidade, o sagrado se confunde no profano e vice-versa. Essa interrelação permeia a vivência dos indivíduos inseridos na comunidade religiosa e conota a experiência do homem religioso, como enfatiza Eliade:

O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto

<sup>348</sup> AZZI, 1978, p. 106.

<sup>349</sup> Relato da Festa São Sebastião, realizada em 20 de janeiro de 1941. Livro de Tombo de número 01, 1941, p. 44.

<sup>350</sup> Depoimento de Maria das Dores Dutra Silva, gravado em 03 de abril de 2008.

histórico em que se encontra, o homo religiosus acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real.<sup>351</sup>

Sendo para o povo da localidade um sinal da presença do sagrado, o Pe. Francisco sempre se aproximou do povo e o resultado dessa aproximação foi a percepção que ele teve da realidade religiosa da comunidade. Para conduzir e realizar uma ação marcante, o Pe. Francisco utilizou, de forma criativa, seu carisma de um religioso diferenciado em meio à comunidade. Sobre a questão do carisma, Weber explica:

O Carisma fala de uma qualidade considerada extraordinária, que se atribui a uma pessoa, alguém dotado de força e de propriedades sobrenaturais ou sobre-humanas ou pelo menos excepcionais de forma específica, não acessíveis aos demais, enviada por Deus, revestida de um valor exemplar. Uma vez reconhecida pelos seguidores desse carisma, cria-se uma situação de “statu nascenti” representando portanto a antítese de tudo aquilo que é cotidiano, tradicional, regulamentado.<sup>352</sup>

Mesmo sendo um sacerdote dotado de carisma incomum, Pe. Francisco, como já mencionamos, era um homem da Igreja e, como tal, também realizava práticas rígidas e controladoras, pois nenhuma ação poderia ser realizada se não estivesse de acordo com a sua vontade. A comunidade vivia sob os acordes de seu vigário. Em 1943, realizou-se um Congresso Eucarístico em nível diocesano. Esse momento foi intensamente marcado pelas pregações doutrinárias do bispo local, D. Mário Villas Boas. Para uma participação efetiva dos seus paroquianos no evento, o Pe. Francisco realizou um momento popular preparatório:

O mês de outubro todo foi piedosamente preparando o célebre e emocionante Congresso Eucarístico Diocesano, em lembrança das Bodas de Prata da diocese. Diariamente cantava-se o hino do congresso e a paróquia se esforçou nos dias 29, 30 e 31 do mês com inúmeros caminhões, com adoração, em união com o Congresso em Garanhuns, que foi um verdadeiro delírio religioso, dias do céu na terra: o último dia, festa de Cristo-Rei, comunhão geral e missa com o bispo diocesano. Por muito tempo ficou na memória da paróquia o grande Congresso Eucarístico Diocesano.<sup>353</sup>

Eram anos de guerra, pois desde 1939 as forças anglo-americanas estavam em guerra contra os países totalitários: a Itália, a Alemanha e o Japão. O

<sup>351</sup> ELIADE, 2001, p. 164.

<sup>352</sup> WEBER, Max. **Ensaio sobre sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982. p. 330.

<sup>353</sup> Descrição da realização do Congresso Eucarístico Diocesano, em outubro de 1943. Livro de Tombo de número 01, 1943, p. 45.

desenvolvimento do conflito forçou o então presidente da República, Getúlio Vargas, a tomar partido, e ele optou por guerrear ao lado das forças democráticas, lideradas pelos Estados Unidos. No contexto nacional, a ditadura Vargas, instalada com o golpe do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, assemelhava-se ao governo implantado por Hitler e Mussolini na Alemanha e na Itália, respectivamente.

A guerra trouxe a discórdia e o medo para o seio da sociedade mundial. Para o Pe. Francisco, particularmente, o desenvolvimento do conflito se tornou motivo de preocupação, visto que seus únicos parentes vivos estavam na Holanda. Segundo o Pe. Polman, “a invasão da Holanda, Bélgica e França pelos alemães causa grande preocupação aos padres e frades holandeses, por que perdem quase toda comunicação com a terra natal e seus parentes, a não ser, de modo bem precário, pela Cruz Vermelha”.<sup>354</sup>

Com o mundo em guerra, subiu ao trono de São Pedro o Papa Pio XII. Eleito em fevereiro de 1939, o Cardeal Eugênio Pacelli teve, em seu pontificado, uma missão muito árdua, conduzir a Igreja em anos de guerra, tal como foi com o Papa Bento XV, durante o primeiro conflito de ordem mundial. Valendo-se de sua posição de pastor universal da Igreja, Pio XII, continuamente, fez apelos às consciências que lideravam a guerra, tentando sensibilizá-los para o estabelecimento da paz:

Queremos acrescentar um augúrio e um apelo. O augúrio e o apelo da paz. A paz, dom sublime do céu... desejo de todas as almas bem formadas... fruto da caridade e da justiça... a paz entre as nações, na amigável colaboração. E nestas horas angustiantes e difíceis, num momento que tantas dificuldades se interpõem no caminho da verdadeira paz, que é a aspiração mais profunda dos corações, nós elevamos ao Senhor uma prece especial, prece pelos soberanos, pelos governantes.<sup>355</sup>

Mesmo com tão incisivo apelo, de nada adiantaram as palavras do Sumo Pontífice; transcorreram-se os anos de guerra e a humanidade se deparou com a potência das armas químicas e da tecnologia nuclear desenvolvida pelas duas maiores potências econômicas do mundo naquele momento: os Estados Unidos e a União Soviética. Para os padres do Sagrado Coração de Jesus, a notícia do fim da guerra causou grande alegria, principalmente para os holandeses, entre os quais se incluía o Pe. Francisco, que recebera a notícia da libertação da Holanda em 4 de

---

<sup>354</sup> POLMAN, 1986, Anexos, p. 41.

<sup>355</sup> ZAGHENI, 1999, vol. IV, p. 313.

outubro de 1945.<sup>356</sup> Ao mesmo tempo, no Brasil, o regime ditatorial de Getúlio Vargas chegava ao fim, e o país passaria a viver um período democrático.<sup>357</sup>

Para comemorar aquele momento de júbilo e a instauração da Paz após os conflitos armados da Segunda Guerra Mundial, o Pe. Francisco organizou, na paróquia, uma caminhada comemorativa, movimentando, assim, os munícipes em prol de tão louvável causa, conforme podemos observar na foto do acontecimento, que foi chamado de “Passeata da Paz Vitoriosa”.<sup>358</sup>



**Foto n. 12 - Passeata da Paz Vitoriosa. Arquivo da Paróquia**

Aproximava-se o Ano Santo de 1950. O Pe. Francisco seguia firme em sua administração à frente da Paróquia de Água Preta, realizando diversas atividades nos anos que se seguiram ao grande conflito mundial. Todas as atividades realizadas eram devidamente registradas no Livro de Tombo. Na última fase de sua vida, a diocese de Garanhuns foi governada pelo Bispo D. Juvêncio de Brito, que realizou sua primeira visita pastoral justamente à Paróquia de Água Preta, em 18 de janeiro de 1950.<sup>359</sup>

<sup>356</sup> POLMAN, 1986, anexos, p. 55.

<sup>357</sup> DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p. 336.

<sup>358</sup> Fotografia da Passeata da Paz Vitoriosa, ocorrida em outubro de 1946, comemorativa do fim dos conflitos entre as nações que disputavam a Segunda Grande Guerra Mundial. Os paroquianos organizados pelo Pe. Francisco desfilaram com estandartes e bandeiras cívicas, acompanhados por uma banda de música.

<sup>359</sup> Livro de Tombo de número 02, 1950, p. 01v.



Em 1952, o Pe. Francisco fez sua última viagem à Holanda.<sup>360</sup> Foi visitar os parentes que lá estavam depois que o grande conflito tinha tido seu desfecho. Acreditamos que o sacerdote dehoniano não imaginava que aquela seria a última visita que fazia à sua terra natal, pois sempre demonstrava gozar de uma saúde invejável, sobretudo na condução de suas atividades pastorais. Não só o Pe. Francisco partiu para a Europa no início dos anos cinquenta; outros sacerdotes viajaram para visitar seus familiares após a guerra.



**Foto n. 13 - Desembarque do Pe. Francisco em terras holandesas<sup>361</sup>**

Os testemunhos dos depoentes colaboradores deste trabalho são prova da importância da ação pastoral do Pe. Francisco. Sua criatividade, sua percepção e suas estratégias foram determinantes para o êxito de sua ação pastoral, tanto nas paróquias em que atuou como vigário, quanto em suas missões pelo interior do Nordeste. Era um homem dedicado à escolha que fez para a sua vida, um digno representante da hierarquia da Igreja, um homem centrado, preparado para as adversidades que encontrou e soube vivenciar, que marcou profundamente a vida

---

<sup>360</sup> POLMAN, 1986, p. 86.

<sup>361</sup> Padre Francisco viajou pela última vez a Holanda, sua terra natal, em 1952. Conforme relato dos depoentes da comunidade, além de visitar seus parentes após o término do conflito, outro objetivo era angariar fundos para a manutenção das obras do Externato de São José.

daqueles que tiveram a oportunidade de se aproximar dele, como relatou, de forma emocionada, o professor Jorge Cândido:

O que me chamava atenção no Padre Geraetds era justamente sua inteira dedicação à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, à figura de Padre Dehon, a ligação àquele espírito de fidelidade à Igreja, ao Papa, realmente extraordinário pastor, marcou profundamente a minha vida, eu poderia dizer que foi uma das figuras ideais para a minha vocação ao sacerdócio.<sup>362</sup>

A ação do Pe. Francisco não teria sentido se não estivesse em sintonia com sua Congregação. A congregação dos dehonianos, juntamente com o Pe. Franciso, deixou um legado especial na vida religiosa das comunidades pelas quais seus membros passaram. O carisma da Congregação de trabalhar em prol da divulgação da devoção ao Sagrado Coração e à promoção social das pessoas, ainda é, nos dias atuais, o sentido pelo qual esses religiosos, em sua maioria brasileiros, dedicam suas vidas e suas práticas inspirados nos sacerdotes estrangeiros que iniciaram esta história, tendo como modelo especial os holandeses. As palavras do Padre Dagnaldo Alexandre de Oliveira endossam essa visão:

Hoje a Congregação no Nordeste, a nossa Província, é herdeira desta experiência dos pioneiros holandeses. Nós, como província, iniciamos no ano de 1934, mas nossa presença já ultrapassou o marco de um século daquele primeiro trabalho realizado pelos padres holandeses. Com o envio de missionários para Camaragibe, os padres, holandeses em sua maioria, fizeram a opção de virem trabalhar no Nordeste, inclusive o Pe. Francisco, e, graças a este trabalho pioneiro, muito exaustivo e desafiador, foi construída esta história da presença da nossa Congregação no Nordeste. Depois da transformação em província, muitos holandeses continuaram a vir, já não mais como missionários, mas com o sentido de virem e pertencerem a esta província, para tornarem-se, na prática, brasileiros, como muitos deles que têm suas histórias e fazem questão de dizer que deixaram sua pátria para fazerem do Brasil e do Nordeste sua pátria definitiva. Então, hoje, a província é composta, em sua maioria, por brasileiros que dão continuidade a este trabalho inicial realizado pelos padres holandeses e que de algumas décadas para cá naturalmente vem ocorrendo esta transição, tanto no trabalho, como no estilo de vida. Imitamos, dos holandeses, os valores, a capacidade de doação ao trabalho e o inestimável amor à Congregação que está presente em quatro Estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; essa é nossa presença enquanto província.<sup>363</sup>

---

<sup>362</sup> Depoimento de Jorge Cândido de Lima, gravado em 03 de dezembro de 2008.

<sup>363</sup> Depoimento do Pe. Dagnaldo Alexandre de Oliveira S.C.J., atual Superior Provincial da Congregação Setentrional do Norte-Nordeste, gravado em 03 de dezembro de 2008.

Não temos a menor pretensão de esgotar os fatos que circundam a figura do Pe. Francisco. Acreditamos ser necessário continuar a investigação sobre a ação daquele que marcou profundamente a religiosidade das comunidades onde atuou, configurando-se, assim, um sinal vivo da presença do sagrado no meio dos homens. No contexto histórico brasileiro foram construídos vários ícones ligados à religiosidade. Passando por vários nomes, a história da religiosidade, no país, confunde-se com os fatos decorrentes dos processos políticos e econômicos. O Pe. Francisco, embora desconhecido em nível nacional, teve acentuada parcela de colaboração na construção da história religiosa de uma região. Mais especificamente em Água Preta e em Colônia Leopoldina.

Qual é o seu legado? Seu legado pode ser percebido com ênfase na memória de um povo que o imortalizou. Após mais de meio século da data de seu falecimento, a força do exemplo e da ação daquele sacerdote impulsiona os membros da comunidade paroquial de Água Preta, especificamente aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo e vivenciar aquele período. A memória, neste momento, é a fonte mais eficaz, capaz de nos revelar a importância do legado de um sacerdote dehoniano que, com seu carisma e criatividade, soube conduzir uma parcela do povo de Deus por caminhos mais seguros, como um bom pastor realiza a sua tarefa. Segundo Maria da Conceição dos Santos,

o Pe. Francisco contribuiu para o desenvolvimento econômico, social, religioso, educacional e cultural, um exemplo para os cidadãos aguapretanos. Ele reformou igrejas nas cidades, nos engenhos, fundou a primeira casa de formação dos Sacerdotes do Norte-Nordeste para os jovens que queriam seguir a vocação religiosa, o Externato, das crianças pobres, de São José. Ele visitava as famílias, os doentes da cidade e da zona rural do nosso município, sempre pregando a palavra de Deus e confortando os doentes. Dedicava-se muito às crianças, depois que terminava a celebração, caminhava com as crianças para o Engenho Gravatá, de propriedade do Sr. Benedito Silveira Coutinho. Incentivava as pessoas a fazerem o sinal da cruz, passava este ensinamento para os catequistas, como ato de fé, que é um sinal do cristão.<sup>364</sup>

Para o Senhor Fernando Antônio Pereira,

como sacerdote foi um virtuoso religioso, tinha um verdadeiro amor pelo Sagrado Coração de Jesus, uma devoção verdadeiramente fiel a Maria Santíssima e uma dedicação total à Congregação que pertencia. Um encontro com Padre Francisco era um acontecimento na vida que nunca mais se esquecia, nele se via um amigo

---

<sup>364</sup> Depoimento de Maria da Conceição dos Santos, gravado em 08 de novembro de 2008.

sacerdote. Palavras do Pe. Francisco: “Vim, não para criar obras de arte na matéria morta, mas para esculpir a imagem viva de Cristo na alma do meu povo”. Visitava as famílias e doentes utilizando o transporte a cavalo. Como missionário evangelizava e pregava os ensinamentos da Bíblia, batizava, casava e crismava com a autorização dos superiores, e isto acontecia em todas as regiões do Estado e do Nordeste, principalmente nos Estados da Paraíba e de Alagoas, sendo chamado de “meu padrinho”. Seu nome se propagava fazendo com que caminhões de romeiros visitassem nossa cidade para pedir a sua bênção, à espera de curas ou milagres. Em nome de Deus curava aleijados, mudos e possessos e detinha um grande poder de exorcizar. Como pintor, pintava as suas próprias esculturas e as suas telas estão espalhadas no Brasil, sendo difícil a sua identificação, uma vez que não assinava seus trabalhos por ser um homem desprovido de vaidade e possuir o voto de pobreza como religioso. Como escultor, esculpiu várias imagens em madeira e cimento. Uma das maiores esculturas é o Cristo, esculpido do tronco de uma jaqueira, medindo 3,5 metros de altura, que se encontra no antigo Noviciado São João Evangelista. Como arquiteto reformou e construiu igrejas em São José da Lage, Colônia Leopoldina, Brejão e Água Preta. Como educador, voltou-se para os problemas sociais, construiu a escola paroquial, denominada Externato das Crianças Pobres, mantido por doações à paróquia, recebidas nas missões realizadas no Nordeste. As crianças recebiam educação religiosa, moral e cívica.<sup>365</sup>

Os feitos do Pe. Francisco deixaram um legado precioso para a comunidade da Paróquia de Água Preta. Em 1953, ocorreu o seu falecimento, assim descrito no Livro de Tombo, em texto sem assinatura:

O mês de agosto nos trouxe uma grande tristeza. Embora conformados com a vontade divina, sentimos imensamente a morte repentina do nosso digno vigário, padre Francisco Geraedts. Já há 27 anos vinha ele dirigindo esta paróquia com amor paternal e energia verdadeiramente viril. Morreu como sempre viveu, em plena atividade de um incansável trabalhador pelo bem das almas que lhes foram confiadas. Morreu no Engenho Florescente, poucos momentos depois da celebração de sua última Missa. Missa de mês para atender as necessidades religiosas do povo de Florescente e redondezas. Um enterro verdadeiramente grandioso foi a homenagem póstuma deste povo ao qual tanto amava. Religioso, grande pregador do Coração de Jesus e da Santíssima Virgem, como sacerdote batalhou destemidamente em defesa dos direitos de seu povo contra os inimigos do rebanho, escultor, como ele mesmo dizia, da imagem nova de Cristo na alma de seus queridos brasileiros. Tanto a paróquia de Água Preta, como a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, a qual pertencia e ainda pertence, perderam nele um grande homem, nesta terra, mas ganharam um grande protetor no céu. Logo depois do enterro chegou aqui o Revmo. Pe. Leonardo, S.C.J., para substituir o

---

<sup>365</sup> Depoimento de Fernando Antônio Pereira da Silva. Arquivo pessoal do autor.

falecido, como vigário, até que venha o vigário definitivo de Água Preta.<sup>366</sup>

Um dos devotos do Pe. Francisco, que foi também poeta, declamou sobre o momento da partida do vigário paroquial.

Água Preta terra a que amou  
Terra também que sempre o venerou  
Fundou escolas, construiu abrigos  
Terra onde deixou muitos amigos  
Mas Deus de repente o chamou  
E no reino do céu ele entrou  
Deixando Água Preta a chorar  
Tantas saudades de não mais findar  
Lá no céu, perto da Virgem Santa  
Glórias ao Senhor, junto aos anjos canta  
Pedindo certamente ao criador  
Pelas ovelhas de que foi pastor.<sup>367</sup>

Pe. Francisco<sup>368</sup> foi produto de uma história, de um momento intenso vivido pela Igreja. Sua atuação como missionário o levou ao conhecimento de outra Igreja, de um povo pobre, simples, mas que, acima de qualquer dificuldade, deposita em Deus toda a esperança de dias melhores.

---

<sup>366</sup> Relato da morte do Pe. Francisco em 14 de agosto de 1953. Livro de Tombo, n.º 02, 1953. p. 06.

<sup>367</sup> Poema escrito pelo Senhor Pereira Silva, em 1955, gentilmente cedido pelo Senhor Fernando Antônio Pereira da Silva, filho do autor.

<sup>368</sup> O Pe. Francisco foi sepultado no Cemitério Municipal de Água Preta, porém a pedido do povo e com a devida permissão da Congregação e do Ordinário Local, seus restos mortais foram transferidos solenemente para a Matriz de São José da Agonia, situada na Praça Dr. Cornélio da Fonseca, s/n, onde os admiradores, romeiros e devotos no aniversário de sua morte celebram com fervor e entusiasmo, a data em que seu santo foi morar na casa do Pai. *In*: A Cidade, novembro de 1955 – Jornal Local do Município de Cortêz, reportagem escrita por José Roberto de Melo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião é, portanto, um sistema de linguagem inteiramente diferente da ciência, e os dois sistemas descrevem claramente diferentes partes do universo humano.<sup>369</sup>

A elaboração deste trabalho propiciou dissertarmos sobre um momento importante vivenciado pela Igreja do Brasil, reflexo direto das mudanças ocorridas com a implantação de um novo modelo político no país – a República. As mudanças citadas foram de suma importância para que a Igreja do Brasil enveredasse por novos caminhos, reelaborando, assim, seus objetivos e práticas da ação pastoral. Como mencionamos, a religião sempre esteve presente no processo histórico do país, acreditamos que este foi um dos elementos que nos ajudaram a compreender nossa história, bem como o presente, que é fruto de um passado próximo.

A religião como cultura universal se apresenta como ponto de relevância para o entendimento da realidade. Vivemos um contexto histórico propício para isto, pois, a cada momento, percebemos que os elementos do sagrado estão em plena interação com as diversas situações vigentes, tais como guerras, crise, ideologias e mudanças políticas. A religião é, sem dúvida, um universo que deve ser explorado, dela sendo retiradas indagações e respostas para os variados anseios do homem.

Como pressuposto necessário para que isso aconteça, destacamos a figura fundamental do pesquisador, ou, em casos mais específicos como o nosso, do cientista das religiões. Ele exerce uma função ímpar, de captar, investigar e produzir um conhecimento concreto para que as tradições religiosas e suas manifestações sejam igualmente valorizadas e respeitadas por aqueles que, com ele, compartilham de uma visão ampla, ou por aqueles que se fecham em seus mundos, acreditando que só sua fé é única e verdadeira.

Conforme constatamos, as primeiras décadas do século XX foram fundamentais para a nova organização pastoral da Igreja do Brasil; os bispos, munidos de uma evidente autonomia em relação ao Estado republicano, atrelaram-se com mais facilidade ao Vaticano e, em consequência, uma ligação mais efetiva estava estabelecida entre a Igreja local e a universal. A Santa Sé passou a influenciar a vida e a ação dos prelados nacionais.

---

<sup>369</sup> PADEN, 2001, p. 130.

Essa ligação fez com que as ideias do movimento da Romanização fossem introduzidas nas práticas pastorais das dioceses brasileiras sem nenhum impedimento por parte do governo; os decretos pontifícios passaram a ser aplicados conforme vinham da Santa Sé. A Romanização deu à Igreja do Brasil uma nova conotação enquanto instituição, e seus efeitos foram rapidamente sentidos pelas comunidades, tendo como principal característica o controle das atividades religiosas por parte de um membro da hierarquia, no caso das paróquias, do vigário local.

Sobre a Romanização, é pertinente mencionar que as idéias advindas daquele movimento não surgiram para erradicar as manifestações que ocorriam no seio das comunidades paroquias; pelo contrário, as idéias da romanização foram responsáveis por uma melhor organização das práticas vivenciadas, bem como pela definição dos papéis do leigo e do ministro ordenado. Ressaltamos que, em determinados momentos, houve sinais de conflito, como no caso das Confrarias Religiosas, por exemplo. Em nosso estudo, a romanização foi destacado ponto de análise, visto que, no contexto histórico de seu desenvolvimento, o Pe. Francisco Geraedts realizou sua ação pastoral nas comunidades paroquiais de Colônia Leopoldina e Água Preta.

A ação pastoral do Pe. Francisco Geraedts se desenvolveu no contexto da Romanização, ao mesmo tempo em que o catolicismo popular ascendia como uma das modalidades do catolicismo no Brasil. As práticas devocionais do catolicismo popular se encontraram com as ideias da Romanização. Em nosso estudo, o encontro das duas modalidades não se configurou em um conflito, como pode ter ocorrido nas confrarias religiosas; nas paróquias em que o Pe. Francisco atuou, embora sendo fruto de uma época marcada pela mentalidade influenciada pela Romanização, ele manifestou uma criatividade ímpar na condução de seu trabalho, mesclando sinais das duas modalidades. Ressaltamos que, em suas atividades de sacerdote dehoniano, seu carisma permitiu-lhe ser uma figura singular em um tão importante momento da vida da Igreja.

O Pe. Francisco utilizou linguagens específicas no desenvolvimento de seu trabalho pastoral, com destaque para a arte e para o incentivo às práticas religiosas de cunho popular. Paden enfatiza que

a linguagem religiosa é, em seu sentido primário, participativa e invocativa, e não empírica e imparcial. É uma linguagem que baseia a ação humana em imagens sobre a natureza do mundo, e que é exemplificada em escrituras ou seus equivalentes orais. A

linguagem religiosa não é só uma explicação do mundo, mas um modo para os adeptos, de habitar o mundo.<sup>370</sup>

Desde o momento de sua chegada ao Brasil, em 1910, foram quarenta e três anos de trabalho pastoral realizados no interior do Nordeste brasileiro, das cidades mais longínquas do Agreste e do Sertão, ao Litoral dos Estados de Alagoas e Pernambuco. O Pe Francisco Geraedts se tornou, para as comunidades com as quais conviveu, sinal vivo da presença de Deus, especificamente nas comunidades paroquiais de Colônia Leopoldina e Água Preta. Essa presença foi marcante e incisiva; os relatos descritos em nosso trabalho tentaram evidenciar como a ação daquele sacerdote incentivou a vivência religiosa das comunidades, respeitando suas limitações e incentivando sua religiosidade, o que, muitas vezes, devido aos contextos social e econômico, não era vivenciado. Porém, uma das certezas vivificadas na fé das pessoas era a de que Deus sempre os confortava, e a presença do Pe. Francisco configurou, naquele contexto, um sinal de que Deus estava próximo de todos.

As romarias, procissões e festas, os “milagres” e a arte visavam a imprimir, no povo, a imagem viva de Cristo. O carisma do Pe. Francisco era relevante, sua sensibilidade para com o povo era ascendente, sua dedicação e amor à Igreja não deixavam dúvidas de que ele era um digno ministro da hierarquia. Sua atividade missionária proporcionou que várias comunidades conhecessem o Evangelho; suas atividades de promoção social contribuíram para que muitos necessitados fossem integrados na sociedade que, naquele momento acentuava os sinais de uma crescente extratificação.

A experiência vivenciada pelas comunidades de Colônia Leopoldina e Água Preta foram nossa base de investigação. Tivemos a oportunidade de averiguar como ainda, nos dias atuais, em sua memória, aquelas comunidades se referem à ação do Pe. Francisco. Em nossas visitas aos bairros e comunidades rurais, deparamo-nos com um considerável contingente de pessoas que, através de seus comentários, nos ajudaram a encontrar os caminhos necessários para conhecermos e analisarmos, de forma mais apurada, a pessoa do Pe. Francisco e o seu trabalho pastoral.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus sempre esteve presente na pastoral do Pe. Francisco, devido a sua fidelidade e dedicação à Congregação. Após

---

<sup>370</sup> PADEN, 2001, p. 129.



o falecimento do Pe. Francisco Geraedts, os padres do Sagrado Coração de Jesus permaneceram atuantes nas paróquias da Diocese de Garanhuns.

A criação da CNBB, em 1952, proporcionou mudanças significativas na organização da Igreja do Brasil; uma destas modificações se refletiu diretamente na região onde atuou o Pe. Francisco, pois, em 1962, a cidade de Palmares, distante apenas 8 km da Paróquia de Água Preta, foi elevada a sede diocesana, tornando-se Diocese de Palmares, tendo como seu primeiro bispo, D. Acácio Rodrigues Alves, que a conduziu por trinta e oito anos (1962 a 2000). Ao iniciar seu pastoreio, D. Acácio proclamou o Sagrado Coração de Jesus como padroeiro da Diocese. Para este acontecimento, muito contribuiu a ação dos sacerdotes dehonianos, principalmente a do Pe. Francisco Geraedts que, com seu amor ao povo e ao Divino Coração de Jesus, semeou a concórdia, evangelizou os pobres, promoveu a cidadania, incentivou a religiosidade, edificou templos, pintou quadros, e esculpiu, no povo, a imagem viva de Cristo.

## REFERÊNCIAS

### a) Obras

ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999. 126p.

ANDRADE, Manoel Correia de. **A guerra dos cabanos**. Recife: Editora Universitária de UFPE, 2005. 303p.

\_\_\_\_\_. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980. 278p.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 anos de catolicismo e sincretismo no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. 288p.

ANGEIRAS, Célia. **Estudando a história de Água Preta**. Água Preta: Secretaria de Educação, 1990. 25p.

AUBERT, Roger. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1975, tomo I, 1975. 262p.

\_\_\_\_\_. **A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, tomo II, 1976. 282p.

AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo: Paulinas, 1991. 247p.

\_\_\_\_\_. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 39, n. 135, 1974. 646-662p.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja no Brasil**. Terceira época – 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. 686p.

\_\_\_\_\_. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977. 115p.

\_\_\_\_\_. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos**. Petrópolis, Vozes, 1978. 155p.

BARROS, Raimundo Caramuru. Gênese e consolidação da CNBB no contexto de uma Igreja em plena renovação. *In*: INSTITUTO Nacional de Pastoral (Org.). **Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002)**: Jubileu de Ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 05-32.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. 194p.

BRAGA, Marco. **Breve historia da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 135p.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre a história e as ciências da religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**. Recife, ano IV, n. 04, 2005. 207p.

CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 365p.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Marianos recatequizando Pernambuco. *In*: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004. v. 3, 239-266p.

COMBLIN, José. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968. 259-321p.

CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Código de Direito Canônico**: São Paulo: Loyola, 1983, Cân. 1188 – 1189, 523p.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos**: (1795-1817). Recife: FUNDARPE, v. 07, 1984. 258-261p.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. 17-67p.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da história do Brasil**: do descobrimento à globalização. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 407p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 191p.

GADIEL, Perruci. **A república das usinas**: um estudo de história social e econômica no Nordeste: 1889-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 246p.

GRIJP, Klaus Van Der. As igrejas protestantes entre 1930 e 1964. *In*: AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**. Terceira época – 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 651-672.

HAUCK, João Fagundes. *In*: FRAGOSO, Hugo. BEOZZO, José Oscar. GRIJP, Klaus Van Der. BROD, BENNO. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1992. tomo II/2. 322p.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 546p.

\_\_\_\_\_. **A era das revoluções: 1789-1848**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 464p.

\_\_\_\_\_. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 597p.

HOORNAERT, Eduardo. *In*: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, tomo II, 1979. 442p.

\_\_\_\_\_. A Igreja no Brasil. *In*: DUSSEL, Henrique. **História liberationis**: 500 anos de história da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 297-317.

\_\_\_\_\_. **Formação do catolicismo brasileiro: 1580-1880**. Petrópolis: Vozes, 1991. 140p.

LIMA, Maurílio César de. **Breve história da Igreja no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2001. 194p.

MANSUR NETO, Elias. **O que você precisa saber sobre a Maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2005. 128p.

MARIZ, Cecília Loreto. **A sociologia da religião de Max Weber**. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião**. Petrópolis, Vozes, 2003. 66-93p.

MARQUES, Leonardo Arantes. **História das religiões e a dialética do sagrado**. São Paulo: Masdras, 2005. 300p.

MATOS, Henrique Cristiano José. **História mínima da Igreja no Brasil**. Belo Horizonte: O Lutador, 2002. 44p.

MÉIER, Johannes. As ordens e as congregações religiosas na América Latina. In: DUSSEL, Enrique. (Org.). **História liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 653-663.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 123-135.

PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ DA AGONIA. **Livro de Tombo**. N.º 01 (Manuscrito).

\_\_\_\_\_. **Livro de Tombo**. N.º 02 (Manuscrito).

\_\_\_\_\_. **Livro histórico do patrimônio de São José**. (Manuscrito)

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências sociais e religião. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17-34.

POLMAN, Jorge. **Missão de esperança: história dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus no Norte do Brasil**. Recife: Edição da Província Brasileira, 1986. 147p.

PONDÉ, Luiz Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) ciência(s) da(s) religião(ões) no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 11-66.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003. 278p.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja católica e modernidade no Maranhão, 1892-1922**. Recife: UFPE, 2003. 182 p. Dissertação (Mestrado) , Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

RUBERT, Arlindo. **A Igreja no Brasil: expansão territorial e absolutismo estatal (1700-1822)**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1988. vol. III, 73p.

SILVA, Everaldo Araujo. **A Colônia da Princesa**. Maceió: Indústria Gráfica Alagoana, 1982. 224p.

SUESS, Paulo. Eles vieram para salvar almas. **Revista História Viva - Temas brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e transformação**. São Paulo, Editora Duetto, Edição Especial Temática n. 2, 2004, p. 09.

TOLEDO, Benedito Lima de. Espontaneidade e espírito de invenção. **Revista História Viva** - Temas brasileiros: A Igreja Católica no Brasil: Fé e transformação. São Paulo, Editora Duetto, Edição Especial Temática n. 2, 2004, p. 50.

WEBER, Max. **Ensaio sobre sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982. 530p.

ZAGHENI, Guido. **A Idade Contemporânea**: curso de história da Igreja. São Paulo: Paulus, 1999. vol. IV, 261-270p.

## **b) Documentos**

Depoimento de Maltanir Noronha, ex-sacerdote dos Padre dos Sagrado Coração de Jesus, Recife, julho de 2001. Arquivo pessoal do depoente, gentilmente cedido pelo Prof. Jorge Cândido de Lima, da UNICAP.

Documento de doação do terreno para construção da capela da Fazenda Santa Inês, 1948.

ESTANDARTE. Revista Temática organizada pela Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. (1937).

Ficha Cadastral dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Arquivo da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Casa Central, Várzea, Recife.

Histórico dos Sacerdotes da Paróquia de São José da Agonia – Arquivo Paroquial.

MELO, José Roberto de. **A cidade**. Jornal do Municipio de Cortez, reportagem escrita em 1955.

Manchete do Diário de Pernambuco, noticiada em 6 de janeiro de 1933.

Poema escrito pelo Sr. Pereira Silva em 1955, gentilmente cedido pelo Senhor Fernando Antônio Pereira da Silva.

## **c) Entrevistas inéditas**

ARAÚJO, Pe. José Calixto Ferreira (S.C.J). Recife, 03 de dezembro de 2008.

CALADO, Suzana Dulce de Medeiros. Água Preta, 08 de novembro de 2008.

LIMA, Jorge Cândido de. Recife, 03 de dezembro de 2008.

LIMA, Helena Santos. Água Preta, 08 de novembro de 2008.

MORAES, Maria da Conceição Soares de. Água Preta, 08 de novembro de 2008.

OLIVEIRA, Pe. Dagnaldo Alexandre (S.C.J.). Recife, 03 de dezembro de 2008.

RAMOS, Pe. José Leopoldo (S.C.J.). Recife, 03 de dezembro de 2008.

SILVA, Maria Áurea da. Água Preta, 06 de dezembro de 2008.

SILVA, Maria das Dores Dutra da. Água Preta, 03 de abril de 2008.

SILVA, Pe. Bras Severino da (S.C.J.). Recife, 03 de dezembro de 2008.

**d) Sites**

[www.convergencia.jor.br/.../merania/galeria](http://www.convergencia.jor.br/.../merania/galeria)

## APÊNDICE

### Relação dos Entrevistados

Padre JOSÉ CALIXTO FERREIRA DE ARAÚJO, S. C. J. – Nasceu em 14 de outubro de 1931, em Vertentes – PE. Ingressou na Congregação em 02 de fevereiro de 1950. Reside na Casa Central da Província Setentrional da Congregação, localizada no Bairro da Várzea, Recife – PE, onde exerce a função de bibliotecário. Concedeu seu depoimento no dia 03 de dezembro de 2008.

SUZANA DULCE DE MEDEIROS CALADO – Natural de Água Preta, nasceu em 04 de novembro de 1927. Reside na Praça Dr. Cornélio da Fonseca, 3355, Centro – Água Preta – PE. Concedeu seu depoimento em sua residência, no dia 08 de novembro de 2008.

JORGE CÂNDIDO DE LIMA – Nasceu em 1936. Professor da Universidade Católica de Pernambuco há trinta e três anos, é ex-sacerdote da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Concedeu seu depoimento no dia 03 de dezembro de 2008, em seu gabinete, nas dependências da Universidade.

HELENA SANTOS DE LIMA – Natural de Água Preta, nasceu no dia 04 de janeiro de 1935. Reside na Rua Lito de Azevedo, n. 12, Centro – Água Preta – PE, antes residia em uma comunidade rural do município. Concedeu seu depoimento em sua residência, no dia 08 de novembro de 2008.

MARIA DA CONCEIÇÃO SOARES DE MORAIS – Nasceu em Água Preta, no ano de 1934. Reside na Rua Edmundo de Souza Romeu, n. 255, Centro – Água Preta – PE. Concedeu seu depoimento em sua residência, no dia 08 de novembro de 2008.

Padre DAGNALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA, S. C. J. – Nasceu no dia 22 de julho de 1964. Ingressou na Congregação em 1982. Reside na Casa Central da Província Setentrional da Congregação, localizada no Bairro da Várzea – Recife –

PE. Exerce a função de Superior Provincial. Concedeu seu depoimento no dia 03 de dezembro de 2008.

Padre JOSÉ LEOPOLDO RAMOS, S. C. J. – Nasceu no dia 20 de abril de 1923. Concedeu seu depoimento no dia 03 de dezembro de 2008. Reside na Casa Central da Província Setentrional da Congregação, localizada no Bairro da Várzea, Recife – PE.

MARIA ÁUREA DA SILVA – Nasceu em 13 de março de 1933, vive em Água Preta desde 1947. Reside atualmente na Rua Pe. Francisco, n. 237, Centro, Água Preta – PE. Concedeu seu depoimento em sua residência, no dia 06 de dezembro de 2008.

MARIA DAS DORES DUTRA SILVA – Nasceu em 18 de dezembro de 1938, natural de Água Preta. Reside na Rua David Madeira, n. 2729, Barra de Lama, Água Preta – PE. Concedeu seu depoimento em sua residência, no dia 03 de abril de 2008.

Padre BRAS SEVERINO DA SILVA, S. C. J. – Nasceu no dia 03 de fevereiro de 1926, em Taquaritinga do Norte. Reside na Casa Central da Província Setentrional da Congregação, localizada no Bairro da Várzea, Recife – PE, onde concedeu seu depoimento no dia 03 de dezembro de 2008.



**ANEXO A**

**Caderno Iconográfico**



**Foto n. 14 - Coração Eucarístico de Jesus**  
Fonte: Foto do mestrando.



**Foto n. 15 - Interior do antigo Seminário São João Evangelista**  
Fonte: Foto do mestrando



**Foto n. 16 - Busto do Pe. Francisco**  
Fonte: Foto do mestrando



**Foto n. 17 - Santa Ceia, tela a óleo de autoria do Pe. Franciso, exposto no refeitório da Casa Central da Várzea**  
Fonte: Foto do mestrando



**Foto n. 18 Tela pintada por um primo holandês do Pe. Francisco (inserido na pintura, à esquerda), exposto no hall de visitas da Casa Central da Várzea**  
 Fonte: Foto do mestrand.



**Foto n. 19 - Noviços defronte à imagem do Coração de Jesus, esculpida em concreto, pelo Pe. Francisco, em 1952**  
 Fonte: Arquivo pessoal de Jorge Cândido de Lima





**Foto n. 20 - Noviços no Seminário São João Evangelista em Água Preta, 1952 (ao fundo o Cristo da jaqueira)**

Fonte: Arquivo pessoal de Jorge Cândido de Lima



**Foto n. 21 - O Santo Cristo de Água Preta (detalhes), esculpido em concreto, localizado na Praça do Fórum, Centro, Água Preta – PE**  
Fonte: Fotos do mestrando.



**Foto n. 22- O Santo Cristo de Água Preta (detalhes)**, esculpido em concreto, localizado na Praça do Fórum, Centro, Água Preta – PE  
Fonte: Fotos do mestrando.



Foto n. 23 - Antigo dormitório do Pe. Francisco, com a Janela dos Milagres  
 Fonte: Fotos do mestrando.



Foto n. 24 - Lápide do túmulo do Pe. Francisco, na Igreja Matriz de Água Preta  
 Fonte: Foto do mestrando.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)